

Ariano Suassuna

**Farsa da
boa preguiça**



JOSÉ OLYMPIO
E D I T O R A



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.club](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Ariano Suassuna

Farsa da Boa Preguiça

10ª edição

JOSÉ OLYMPIO

E D I T O R A
Rio de Janeiro, 2012

Reservam-se os direitos desta obra à
EDITORA JOSÉ OLYMPIO LTDA.
Rua Argentina, 171 – 3º andar – São Cristóvão
20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – República Federativa do Brasil
Produced in Brazil / Produzido no Brasil

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br
Tel.: (21) 2585-2002

ISBN 9788503012225

Capa: Isabella Perrotta/Hybris Design
Ilustrações: Zélia Suassuna
Foto: Alexandre Nóbrega

Este livro foi revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

S933f Suassuna, Ariano, 1927-
Farsa da boa preguiça [recurso eletrônico] / Ariano Suassuna; ilustração Zélia Suassuna. – 1. ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.
recurso digital: il.

Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 9788503012225 (recurso eletrônico)

1. Teatro brasileiro (Literatura). 2. Livros eletrônicos. I. Suassuna, Zélia. II. Título.

CDD: 869.92
CDU: 821.134.3(81)-2

SUMÁRIO

NOTA BIOBIBLIOGRÁFICA

OBRAS DO AUTOR

A FARSA E A PREGUIÇA BRASILEIRA

ADVERTÊNCIA

FARSA DA BOA PREGUIÇA

PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

TERCEIRO ATO

*Esta peça é dedicada, com amor, a Zélia, minha mulher, e a Deborah e Francisco
Brennand, em testemunho de quinze anos de fiel amizade.*

A.S.



NOTA BIOBIBLIOGRÁFICA

JOSÉ LAURENIO DE MELO

NASCIDO a 16 de junho de 1927 na cidade de Nossa Senhora das Neves, então capital da Paraíba, Ariano Vilar Suassuna é filho de João Urbano Pessoa de Vasconcelos Suassuna e Rita de Cássia Dantas Vilar Suassuna. Contava pouco mais de três anos de idade quando seu pai, que governara o Estado no período de 1924 a 1928, foi assassinado no Rio de Janeiro em consequência da cruenta luta política que se desencadeou na Paraíba às vésperas da Revolução de 1930. Nesse mesmo ano, D. Rita Vilar Suassuna, que se vira obrigada pela falta de segurança reinante em seu Estado a mudar-se para Pernambuco, transferiu-se com os nove filhos do casal para o sertão paraibano, indo instalar-se na fazenda Acahuan, de propriedade da família, e depois na vila de Taperoá, onde Ariano Suassuna fez os estudos primários.

A infância passada no sertão familiarizou o futuro escritor e dramaturgo com os temas e as formas de expressão artística que viriam mais tarde constituir seu universo ficcional ou, como ele próprio o denomina, seu “mundo mítico”. Não só as histórias e casos narrados e cantados em prosa e verso foram aproveitados como suporte na plasmação de suas peças, poemas e romances. Também as próprias formas da narrativa oral e da poesia sertaneja foram assimiladas e reelaboradas por Suassuna. Suas primeiras produções — publicadas nos suplementos literários dos jornais do Recife, quando o autor fazia os estudos pré-universitários no Colégio Osvaldo Cruz e no Ginásio Pernambucano — singularizavam-se pelo domínio dos ritmos e metros cristalizados na poética popular nordestina, toda ela baseada num corpo de regras e cânones codificados e manejados com segurança pelos poetas sertanejos no ardor de um desafio, na composição de um “romance” ou no improvisado de uma glosa. Datam dessa época poemas como a gesta dos “Guabirabas” e “A morte do touro Mão-de-Pau”.

Em 1946, ao ingressar na Faculdade de Direito do Recife, Ariano Suassuna ligou-se ao grupo de jovens escritores, artistas e estudantes que, tendo à frente Hermilo Borba Filho, Joel Pontes, Gastão de Holanda, Genivaldo Wanderley e Aloísio Magalhães, acabavam de fundar o Teatro do Estudante de Pernambuco. As atividades desse grupo iriam desenvolver-se em três direções: levar o teatro ao povo, representando em praças públicas, teatros suburbanos, centros operários, pátios de igrejas etc.; instaurar entre os componentes do conjunto uma consciência da problemática teatral, através não só do estudo das obras capitais da

dramaturgia universal mas também da observação e pesquisa dos elementos constitutivos das várias modalidades de espetáculos populares da região; e finalmente estimular a criação de uma literatura dramática de raízes fincadas na realidade brasileira, particularmente nordestina. A realização desse programa mobilizou artistas, intelectuais e estudantes de todas as áreas. Cumpre destacar os nomes de Capiba (Lourenço da Fonseca Barbosa), José Guimarães Sobrinho, Maria Teresa Leal, Epitácio Gadelha, Ana Canen, Rachel Canen, Milton Persivo, José Lins, Alaíde Portugal, Clênio Wanderley, Dulce de Holanda, Sebastião Vasconcelos, Filadelfa Loureiro, Elaine Soares, Salustiano Gomes Lins, Fernando José da Rocha Cavalcanti, José de Moraes Pinho, Galba Marinho Pragana, Ivan Pedrosa. No TEP, que em seis anos de existência montou, ao lado de originais brasileiros, peças de Sófocles, Shakespeare, Ibsen, Tchecov, Ramon Sender e Garcia Lorca, encontrou Suassuna o terreno que lhe permitiu descobrir-se a si mesmo como dramaturgo, aproveitar suas potencialidades criadoras e exercer sua vocação. Escreveu sua primeira peça em 1947, *Uma mulher vestida de sol*, que obteve o primeiro lugar em concurso de âmbito nacional promovido pelo TEP (Prêmio Nicolau Carlos Magno, patrocinado pelo escritor Paschoal Carlos Magno, fundador do Teatro do Estudante do Brasil). No ano seguinte, especialmente para a inauguração da Barraca (nome que o TEP, em homenagem a Lorca, deu a seu palco itinerante), escreveu *Cantam as harpas de Sião*, que foi totalmente refundida muitos anos depois com o título de *O desertor de Princesa*. A estes dois ensaios iniciais seguiu-se *Os homens de barro* (1949), em que as inquietações espirituais exacerbaram os processos expressionistas empregados na primeira versão de *Cantam as harpas de Sião*. As mesmas inquietações estiveram presentes em duas outras peças, *Auto de João da Cruz* (Prêmio Martins Pena, da Divisão de Extensão Cultural e Artística da Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, 1950) e *O arco desolado* (menção honrosa no concurso do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954). No plano artístico caracteriza esse período a preocupação de conciliar a influência dos clássicos ibéricos, sobretudo Lope de Vega, Calderón de la Barca e Gil Vicente, com os temas e formas hauridos no romanceiro popular nordestino.

O ano de 1955 assinala o início de uma nova etapa na produção de Suassuna. Instado pelos seus amigos de O Gráfico Amador — pequena oficina tipográfica montada no Recife em 1954 por Orlando da Costa Ferreira, Gastão de Holanda e Aloísio Magalhães, que reuniam à sua volta um grupo de pessoas interessadas na arte do livro — a dar-lhes um texto para publicar, Suassuna escreveu o *Auto da Compadecida*, que por ultrapassar as possibilidades editoriais de um prelo manual não foi editado. Encenado dois anos depois pelo Teatro Adolescente do Recife no Festival de Teatros Amadores do Brasil realizado no Rio de Janeiro, o auto, que marcou a guinada definitiva do autor para o gênero cômico, conquistou a medalha de ouro da Associação Brasileira de Críticos Teatrais (1957). Sucesso permanente

de público e de crítica, o *Auto da Compadecida* inaugurou uma vertente até então inexplorada na literatura dramática brasileira. Está hoje incorporado ao repertório internacional, traduzido e representado em espanhol, francês, inglês, alemão, polonês, tcheco, holandês, finlandês e hebraico. Vieram em seguida *O casamento suspeito* (1957), *O santo e a porca* (1957), *A pena e a lei* (1959) e a *Farsa da boa preguiça* (1960), a primeira montada em São Paulo pela Companhia Sérgio Cardoso, a terceira e a quarta montadas no Recife pelo Teatro Popular do Nordeste, fundado em 1959 por Hermilo Borba Filho e o próprio Suassuna, de quem o grupo ainda encenou em 1962 *A caseira e a Catarina*.

Interrompendo aí o trabalho para o palco, Suassuna dedica-se a partir de então a escrever o *Romance d'A Pedra do Reino*, concebido como primeiro volume da trilogia *A maravilhosa desventura de Quaderna, o decifrador*. Do conjunto foram publicados apenas *A Pedra do Reino*, editado por esta Casa em 1971 e laureado com o Prêmio Nacional de Ficção conferido em 1972 pelo Instituto Nacional do Livro, e *O Rei degolado* (Rio, José Olympio, 1977). Em 1994 as Edições Bagaço, do Recife, publicam *A história de amor de Fernando e Isaura*, recriação da lenda de Tristão e Isolda e primeira incursão de Suassuna no terreno da prosa de ficção (1956). A retomada da escrita para teatro ocorre em 1987 com *As conchambranças de Quaderna*, encenada no Recife no ano seguinte, e em 1997 Suassuna publica no suplemento “Mais!”, da *Folha de S. Paulo*, *A história de amor de Romeu e Julieta*, peça baseada em folhetos populares do Nordeste.

Até recentemente havia, porém, uma parte da obra literária de Suassuna que permanecia inédita em sua quase totalidade e conhecida apenas por um pequeno grupo de amigos, e que, no entanto, é tão importante quanto suas peças e romances: a poesia, onde reside talvez o núcleo de tudo mais. Poesia que vista em conjunto constitui uma complexa narrativa mítico-dramática balizada pelo diálogo com poetas antigos e modernos, eruditos e populares, num arco que se estende de Homero e Dante a Manuel Bandeira e ao cantador Manuel de Lira Flores. Reunida no volume *Poemas*, publicado em 1999 pela Editora da Universidade Federal de Pernambuco, a poesia de Suassuna tem suas matrizes esmiuçadas pelo prof. Carlos Newton Júnior, organizador da edição e autor do ensaio *O pai, o exílio e o reino*, também editado pela UFPE em 1999.

Os elementos que haviam marcado o começo da carreira literária de Suassuna foram ao longo dos anos passando por um processo natural de depuração e amadurecimento e acabaram por definir os rumos de sua obra. O compromisso entre a reelaboração do material de origem popular e o refinamento dos meios de que dispõe um escritor culto, no pleno domínio dos recursos de seu ofício, são responsáveis pelo difícil equilíbrio alcançado por Suassuna nos pontos culminantes de seu teatro. E isto é o que lhe garante a comunicação com as plateias do mundo inteiro, comunicação direta, imediata, cujos veículos são a simplicidade dos entrecos, o diálogo incisivo, a comicidade irresistível das situações, a concepção do jogo cênico e do

texto como abertura para um teatro anti-ilusionista, e uma visão religiosa da vida que o seu ideário pessoal embebe de humanismo cristão e de esperança.

Formado em Direito e Filosofia, Ariano Suassuna é casado com a artista plástica Zélia Suassuna (cujos desenhos ilustram este volume). É pai de seis filhos e avô de muitos netos. Autor de numerosos ensaios sobre poesia, música, pintura, gravura, escultura, continua a ser um agitador cultural que congrega em torno de suas iniciativas poetas, pintores, gravadores, escultores, músicos e dançarinos. Aposentado como professor da Universidade Federal de Pernambuco, inventou as aulas-espetáculos que lhe permitem estar em contato com estudantes de todo o Brasil.

Do homem, ou melhor, do personagem Ariano, traçou seu amigo Hermilo Borba Filho um perfil que não nos furtamos a reproduzir aqui: “Magro e alto, de uma coerência extremada, radical em suas opiniões, é preciso vê-lo numa discussão com amigos (com inimigos basta que se leiam os seus artigos): zombeteiro, argumentador, desnorteante, irreverente. Vive, com a maior convicção, o preceito de Unamuno de que o artista espalha contradições. É capaz de destruir o argumento mais sério com uma piada ou sair-se com um problema metafísico dos mais angustiantes numa conversa ligeira. Tem horror aos aparelhos modernos — enceradeira, vitrola, televisão, rádio, telefone —, considerando-os coisas do demônio. Gostaria de crer em Deus como as crianças creem, mas crê com angústia, fervor e perguntas. Não vai a reuniões oficiais, jantares, coquetéis, espetáculos, mas amanhece o dia num bate-papo ou ouvindo repentistas. Tem pavor de avião e se martiriza com uma alergia que lhe dá comichões no nariz. Seu caráter é ouro de lei, e embora o negue, esforça-se para amar os inimigos, como manda o Evangelho. Pode, pessoalmente, atacar um amigo, mas defende-o de público até com armas na mão. A arte e a religião são por ele encaradas de maneira fundamental.” (*DECA*, revista do Departamento de Extensão Cultural e Artística da Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, Recife, ano V, nº- 6, 1963, p. 7.)

Rio de Janeiro, outubro de 1973 / março de 2002

OBRAS DO AUTOR

É de tororó (em colaboração com Capiba e Ascenso Ferreira). Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1950.

Ode. Recife, O Gráfico Amador, 1955.

Auto da compadecida. Rio de Janeiro, Agir, 1957.

O casamento suspeito. Recife, Igarassu, 1961; Rio de Janeiro, José Olympio, 2002 (estampas de Zélia Suassuna).

Uma mulher vestida de sol. Recife, Imprensa Universitária, 1964; Rio de Janeiro, José Olympio, 2003 (estampas de Zélia Suassuna).

O santo e a porca. Recife, Imprensa Universitária, 1964; Rio de Janeiro, José Olympio, 2002 (estampas de Zélia Suassuna).

A pena e a lei. Rio de Janeiro, Agir/INL, 1971.

Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta. Rio de Janeiro, José Olympio, 1971 (Prêmio Nacional de Ficção do INL/MEC, 1972); 2004 (estampas de Zélia Suassuna).

Iniciação à estética. Recife, Editora Universitária, UFPE, 1972; Rio de Janeiro, José Olympio, 2004.

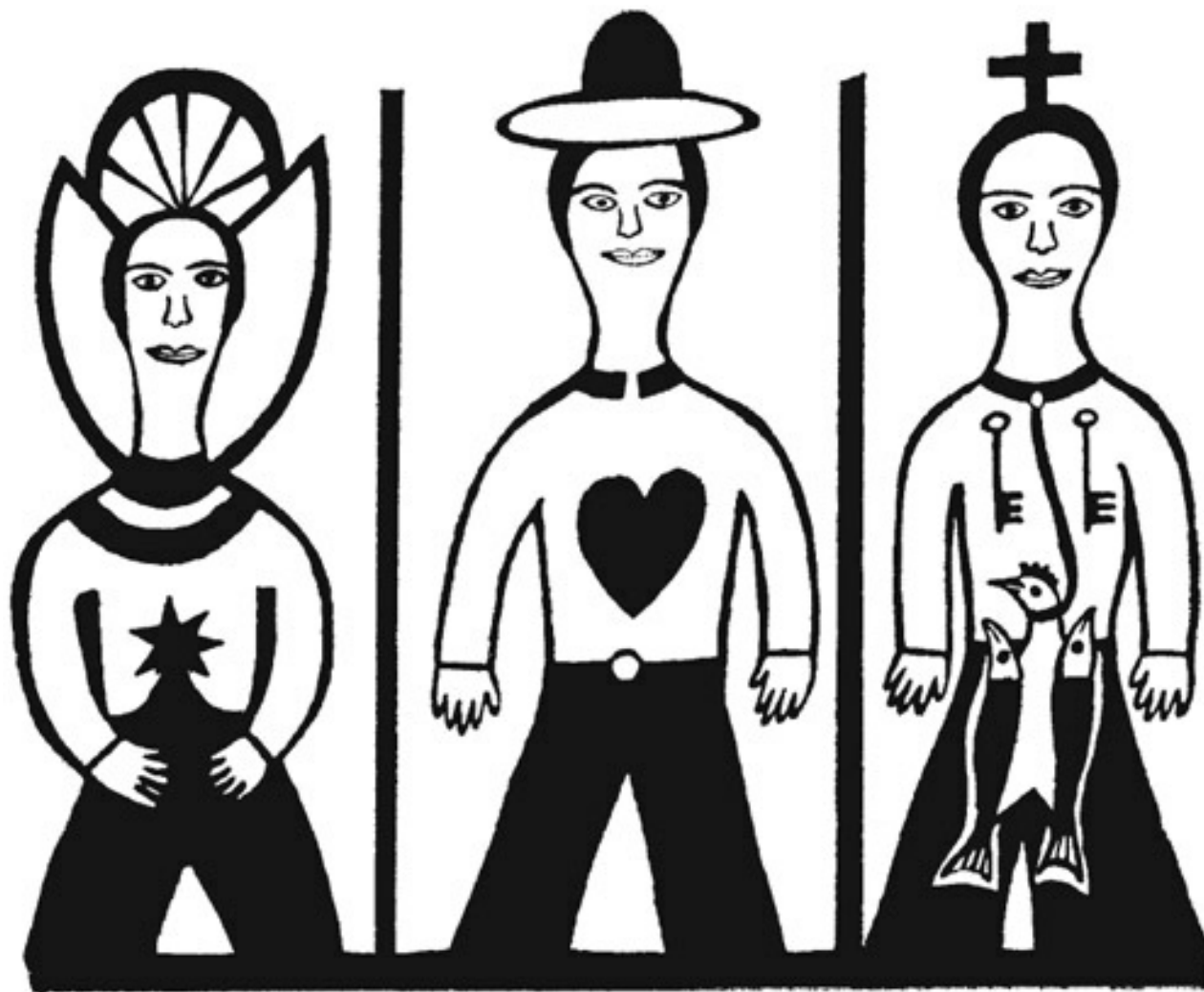
Farsa da boa preguiça. Estampas de Zélia Suassuna. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973; 2002.

Seleção em prosa e verso (contendo quatro peças inéditas). Organização, estudo e notas do prof. Silviano Santiago. Estampas de Zélia Suassuna. Rio de Janeiro/Brasília, José Olympio/INL-MEC, 1975; Rio de Janeiro, José Olympio, 2007.

História d'o Rei degolado nas caatingas do sertão — Ao sol da onça Caetana. Livro I. Rio de Janeiro, José Olympio, 1977.

História do amor de Fernando e Isaura. Recife, Edições Bagaço, 1994; Rio de Janeiro, José Olympio, 2006.

Poemas. Recife, Editora Universitária, UFPE, 1999.



A FARSA E A PREGUIÇA BRASILEIRA

ARIANO SUASSUNA

QUANDO da estreia desta peça, em 1961, no Recife, fui muito acusado por certos setores do pensamento — pelos marxistas, principalmente — de estar aconselhando o Povo brasileiro à preguiça e ao conformismo, fazendo o jogo dos que desejavam “impedir e entravar sua luta de libertação”. Naquele ano, como os que me acusavam eram os poderosos do dia, calei-me por orgulho, não me defendi nem expliquei o verdadeiro espírito da peça, porque não costumo dar explicações aos poderosos. Hoje, a situação é diferente, e vou tentar fazê-lo aqui.

A meu ver, a Farsa da boa preguiça tem dois temas centrais. Nela, não defendo

indiscriminadamente a preguiça — coisa que, aliás, não poderia fazer, pois ela é um dos “sete vícios capitais” do Catecismo. De fato, creio que isso fica bem claro, na peça. No Teatro antigo, havia uma convenção, segundo a qual, no fim da história, o autor podia dar sua opinião sobre o que acontecera no palco. Era a chamada “licença”, ou “moralidade”. Pois bem. Na “licença” da “Farsa”, numa das estrofes finais do terceiro ato, diz um dos personagens:

*“Há uma Preguiça com asas,
outra com chifres e rabo.
Há uma preguiça de Deus
e outra preguiça do Diabo.”*

Na verdade, o elogio que eu queria fazer na peça era, em primeiro lugar, o do ócio criador do Poeta. Contam que, certa vez, um homem de ação — não sei se industrial ou comerciante — teria dito ao paraibano José Lins do Rego uma dessas frases com que, de vez em quando, esse pessoal fala a nós, escritores, com afetuosos desprezo: “Então, Doutor? A vida é para o senhor, hein? Vida folgada, trabalhando pouco...” — “Eu escrevo muito!” — objetou José Lins do Rego. — “E escrever é trabalho?” — insistiu o homem. Ao que o paraibano teria retrucado, meio ácido: — “Para quem olha o mundo pelo ângulo da cangalha que usa, não!” Pois bem: essa ideia do ócio criador do Poeta, do artista e do Santo era uma das duas ideias centrais da Farsa da boa preguiça.

Em segundo lugar, o que eu desejava ressaltar, na peça, era a diferença da visão inicial que nós, povos morenos e magros, temos do Mundo e da vida, em face da tal “cosmovisão” dos povos nórdicos. Não escondo que tenho um certo “preconceito de raça ao contrário”. Sempre olhei, meio desconfiado, para essa galegada que, de vez em quando, nos aparece por aqui, como quem não quer nada, que entra sem cerimônia e vai mandando para fora amostras de nossas terras, de nossas pedras, do subsolo, da água e até do ar, sem que os generosos Brasileiros estranhem nada. É, aliás, uma bela qualidade nossa, essa boa-fé, e essa generosidade. Mas é preciso usá-la bem, distinguindo quem deve e não deve ser bem recebido. Senão, vejamos.

Há uns dois ou três anos, quando, na África, o barulho começou a engrossar contra os colonialistas, de repente o Brasil começou a ser visitado por dirigentes europeus. Num dia, vinha um príncipe holandês, noutro dia, um Rei belga, noutro, um deputado alemão, e assim por diante. Depois, eu soube que o que eles queriam era mandar para o Brasil os colonos europeus que, depois de séculos de crueldade e opressão, estavam, finalmente, ficando com

medo dos Negros. Parece que terminaram desistindo, não sei. Conseguiram criar, por lá mesmo, divisões nacionais entre os Negros, de maneira que, enquanto o pessoal brigava dentro de casa, eles puderam ir ficando. De qualquer modo, parece que, pelo menos desta vez, nós nos livramos desses maus imigrantes, que trariam para cá seus ódios, seus ressentimentos, suas rígidas discriminações, instilando aqui esse veneno. É por isso que, como eu dizia antes, tenho um certo preconceito de raça ao contrário. Preconceito que — não é preciso dizer — absolutamente não existe diante do bom estrangeiro ou do bom imigrante de qualquer raça ou cor, que traz para cá sua pessoa, sua família, sua vida, sua cultura, enriquecendo-se e enriquecendo a nossa grande Pátria. Preconceito que deixará de existir também, extramuros, quando esses Povos brancosos que, por enquanto, são os poderosos do mundo, não puderem mais nos oprimir e explorar.

Agora, sempre me senti muito bem, ao contrário, em contacto com os europeus mediterrâneos, principalmente os gregos, os italianos e os ibéricos, assim como com os africanos — inclusive os árabes — e com asiáticos como os judeus ou os hindus. É por isso que, na minha Poesia, escolhi como símbolo do Povo brasileiro a “Onça-Castanha” e, às vezes, a “Onça-Malhada”. E se não faço referência expressa aos outros latino-americanos, é porque, inconscientemente e naturalmente, no meu espírito eles formam com os brasileiros uma coisa só.

Ora, na minha arbitrária e talvez torcida opinião de brasileiro que nunca saiu de sua terra, esses Povos nórdicos são a raça com mais vocação para burro-de-carga que conheço. Nós, Povos castanhos do mundo, sabemos, ao contrário, que o único verdadeiro objetivo do Trabalho é a Preguiça que ele proporciona depois, e na qual podemos nos entregar à alegria do único trabalho verdadeiramente digno, o trabalho criador, livre e gratuito. Os Poetas e os Artistas têm a sorte de poder unir o trabalho escravo e o trabalho criador numa só atividade, e era isso o que eu tentava mostrar, também, na Farsa da boa preguiça, através do personagem Joaquim Simão, o Poeta preguiçoso: um problema que não é só brasileiro, mas humano.

Outro problema no qual eu desejava tocar, na peça, era o da existência de dois Brasis. Um, o Brasil do Povo e daqueles que ao Povo são ligados, pelo amor e pelo trabalho. É o Brasil da “Onça-Castanha”, o Brasil que, na minha Mitologia literária, há de se ligar, sempre, ao nome de Euclides da Cunha, que o chamou, aliás, de “a rocha viva da nossa Raça”. É o Brasil peculiar, diferente, singular, único, que o Povo constrói todo dia, na Mata, no Sertão, no Mar, fazendo-o reerguer-se, toda noite, das cinzas a que tentam reduzi-lo a televisão, o cinema, o rádio, a ordem social injusta — enfim, todos esses meios dominados por forças estrangeiras e por seus aliados, e que tentam, até agora em vão,

descaracterizá-lo, corrompê-lo e dominá-lo. Diga-se, de passagem, que certos meios empresariais brasileiros — inclusive os ligados aos meios de comunicação — nos deixaram sempre sós, quando denunciávamos esse estado de coisas. Mais ainda: acusavam-nos de estar inventando fantasmas, a serviço de ideologias estranhas e antinacionais. Agora, o sapato começou a apertar o pé deles. Sufocados, vendo a hora de serem engolidos, começam a gritar, a se aperceber, de repente, de que os fantasmas existiam mesmo, do que era tão evidente para nós.

Não é de admirar, porém. Esse é o Brasil oposto ao dos Cantadores, dos Vaqueiros, dos Camponeses e dos Pescadores. É o Brasil superposto da burguesia cosmopolita, castrado, sem-vergonha e superficial, simbolizado, na Farsa da boa preguiça, pelo ricaço Aderaldo Catação e por sua mulher, a falsa intelectual Dona Clarabela, que fala difícil, comparece às crônicas sociais, coleciona santos e móveis antigos, mantém um “salão”, e discute problemas de “arte formal” ou “arte conteudística”. Tem tempo para tudo isso. Tem direito à “preguiça do Diabo”, segura que está de que, em contraste com suas ideias liberais e “social-democrata”, a conta de seu marido no Banco está cada vez mais sólida e de direita, às custas da exploração e da submissão do Povo. Sim, porque, por paradoxal que possa parecer, é nesses meios que se recruta a maioria das ideias e posições da falsa esquerda do ambiente político urbano brasileiro.

É por isso que faço, na peça, o elogio da preguiça de Joaquim Simão e condeno a de Dona Clarabela. É claro que, por causa da própria natureza da sátira, está colocado na Farsa, com espírito de geometria, aquilo que, na vida, deve ser olhado com espírito de finura. Estou perfeitamente consciente de que, na Farsa, podem ter se refletido os ressentimentos e as indecisões de um escritor de origem rural, exilado, por força de circunstâncias alheias a sua vontade, no meio da burguesia urbana. Um escritor indeciso e mesmo meio desesperado com as opções políticas que seu confuso e perturbado tempo lhe oferece. Mas, de qualquer modo, não me arrependo de ter feito a distinção sem sutilezas e sem marcar as chamadas “honrosas exceções”. Isso era necessário, porque um dos chavões de que a classe burguesa urbana mais se vale, no Brasil, para falar mal do nosso grande Povo, é o da preguiça e da ladroeira. Perdoem-me se passo quase todo o tempo a contar histórias. Sou um contador de histórias, e só sei pensar em torno de acontecimentos concretos. Vou, então, contar mais algumas, que os sociólogos, filósofos, críticos e professores poderão, depois, interpretar.

Todos sabem que os Brasileiros ingênuos que vão à Suíça, à Inglaterra, à Suécia, à Alemanha ou aos Estados Unidos voltam candidamente convencidos de que aquelas aparências puritanas de lá significam, mesmo, honestidade, e não hipocrisia. Não têm olho-de-gavião para enxergar a grande roubalheira organizada, em que, por exemplo, a grande

indústria faz, de propósito, peças frágeis que, no interior de fortes máquinas, quebram-se continuamente e continuamente têm que ser substituídas. Os nossos pequenos furtos latinos e mestiços não são nada, comparados com essa vasta ladroagem, que não fomos propriamente nós, Povos escuros e pobres do mundo, que planejamos e organizamos. Porque essa, sim, é a grande ladroeira, a que dá, verdadeiramente, lucros fabulosos. Os que a praticam, bem podem se dar ao luxo de, na Suíça, levar à delegacia da esquina os pacotes que esquecemos; de, nos Estados Unidos, cantar salmos aos domingos, na igreja; de organizar um Correio perfeito como o inglês etc. E lá vai a primeira história sobre isso.

Recentemente, uma americana e uma brasileira se juntaram para me contar uma dessas histórias de “velhacarias latino-americanas”. Diziam que a brasileira mandou uma filha para os Estados Unidos. Daqui, enviou ela, depois, para a moça, umas peças íntimas de bom tecido estrangeiro, peças que ela não declinou quais foram. O Correio americano, não encontrando a destinatária, devolveu honestamente o pacote que, ao chegar aqui, no Brasil, foi violado, desaparecendo então quase todas as peças: o Correio brasileiro, “infiltrado de ladrões”, segundo as duas, alegou que certamente o pacote se dilacerara, tendo-se aí perdido, naturalmente, as peças desaparecidas.

A americana, por seu turno, me contou que, uma vez, lhe mandaram, dos Estados Unidos, uns dólares em cheque. Os funcionários do Correio brasileiro furtaram o cheque e, como este era nominal, tinham chegado ao requinte de mandar descontá-lo em Portugal, onde o Banco do cheque tinha, também, uma agência.

Eu fiquei tão chocado com esses maus atos dos nossos patrícios que, na hora, não me ocorreu perguntar às duas como foi que elas conseguiram fazer uma investigação tão rigorosa que permitisse afirmar, assim, com aquela segurança, que o pacote e o cheque tinham sido furtados de fato aqui, na terra de Lampião e Mineirinho, e não lá, na terra de Dillinger, Lee Oswald e Jack Ruby. Mas, na falta disso, ocorreu-me dizer: “É verdade, o furto deve ter sido feito aqui mesmo. Com os professores que temos tido, desde os piratas ingleses e franceses dos séculos passados até os de hoje, o furto está se espalhando, aqui, de modo assustador. Recentemente, por exemplo, o nosso Exército descobriu, em Goiás, uma quadrilha internacional de ladrões de minério atômico, chefiada por um Senador americano.”

A outra história é também significativa. Nunca pude me esquecer da expressão de cólera com que uma senhora rica me contou, em 1960 — ano em que escrevi a Farsa da boa preguiça — como ficara, no dia anterior, quase uma tarde inteira, desesperada, angustiada, com seu automóvel enguiçado diante de um posto de gasolina, presa na boleia do carro por

uma dessas nossas fortíssimas chuvas de junho, do Recife. A cinco passos dela, abrigado num portal do posto, estava um negro alto, olhando a cena, impassível e sereno. A dona baixou o vidro do automóvel, exibiu aquilo que para o negro era uma boa nota de dinheiro e ordenou-lhe que empurrasse o carro até o posto, para ele ser consertado. Ao me contar a história, ela experimentava, de novo, a raiva que sentira no momento e comentava, furibunda: “O que mais me irritava, era que eu via que ele precisava do dinheiro, pois estava todo esmulambado. Não vinha por preguiça e porque achava que, se eu não estava na chuva, ele também tinha o mesmo direito. Quanto mais eu, humilhando-me, subia a quantia oferecida, mais ele se obstinava, dizendo, tranquilamente, que, se fosse para o meio da rua, ficaria todo molhado.” E a dona do automóvel rematava com a frase tradicional: “É por isso que o Brasil não vai pra frente.”

Eu objetei: “Minha cara, é exatamente por isso que o Brasil, um dia, irá para a frente. A meu ver, seu erro foi mostrar o dinheiro e ordenar. Se você tivesse pedido simplesmente o favor, provavelmente ele teria vindo, com aquela gentileza sem ressentimentos e sem servilismo que é tão comum no nosso Povo. Sim, porque o que você viu ali foi a fidalga preguiça do Povo brasileiro. Você precisa entender que estava tratando com o descendente brasileiro de algum Príncipe negro, com um homem como Didi ou Pelé, um homem que não se dobra nem se vende. E se nós, brasileiros privilegiados, não traírmos essa gente nem esse espírito, o Brasil será, ainda neste século, um País talvez único no mundo, pela grandeza e pela dignidade do seu Povo.”

Para mim, essas histórias revelam muita coisa sobre a preguiça e o trabalho. Pode haver nobreza e criação na preguiça, pode haver feiura e roubalheira no trabalho. Um jornalista nordestino, Marco Aurélio de Alcântara, acusou recentemente as pessoas como eu de sofrerem de complexo de inferioridade. Não me incomoda absolutamente. Muita coisa grande tem surgido assim, inclusive na Arte e na Literatura. É melhor um nobre complexo de inferioridade que luta e reivindica, do que uma resignação conformista que se agacha. Estou consciente de que o elogio indiscriminado de nossas qualidades pode nos levar ao ufanismo e à mania de grandeza. Mas sei, também, que o deslumbramento diante de tudo o que nos vem de fora é perigoso para nós. Foi essa a grande mancha daquele grande brasileiro que foi Tobias Barreto, eterno deslumbrado diante da ciência e da filosofia nórdicas.

Quando Marco Aurélio de Alcântara diz que “o Português é a mais viva das línguas mortas”, está exibindo não um nobre complexo de inferioridade, lutador e reivindicador, mas sim uma mórbida resignação, um conformismo servil e sem coragem. Vê-se que, para ele, nada significam milhões de pessoas que falam Português, no mundo. São pessoas como

Marco Aurélio de Alcântara aqueles que vivem, no Brasil, eternamente preocupados com “a opinião que estão fazendo de nós, lá fora”. É evidente: para eles, o padrão exemplar é a opinião europeia ou norte-americana, e como os ingleses, os franceses e os alemães não falam Português, esta é uma língua morta. Quando são escritores, ignoram, inconscientemente, todo o nosso público de língua Portuguesa e seu sonho secreto é “serem conhecidos e consagrados lá fora”. Como por uma espécie de castigo, “lá fora” ninguém toma conhecimento deles. Então, tendo que encontrar um bode-expiatório para esse fato, põem a culpa na língua portuguesa, a quem chamam, com Alexandre Herculano, de “o túmulo do pensamento”. Túmulo do pensamento e língua morta por quê, se, sem contar Portugal, Angola, Moçambique etc., para milhões e milhões de brasileiros escrevemos nós? Se Deus quiser, se os técnicos em planejamento deixarem e a pílula não impedir, logo chegaremos a duzentos milhões. E, queiram ou não queiram os nossos resignados sem complexo, duzentos milhões de pessoas formarão uma voz que terá de ser ouvida no mundo.

Esse era o elogio e essa era a condenação da preguiça que eu desejava fazer na minha Farsa. Reconheço que existem alguns perigos na posição dos que, como eu, partem dessas qualidades do Povo brasileiro. Um, é não denunciarmos suficientemente uma situação social injusta, um estado de coisas em que nós, os brasileiros privilegiados, temos, aqui dentro, direito ao ócio, direito adquirido às custas da exploração do Povo brasileiro pobre. Atualmente, a nossa situação é esta: de um lado, uma minoria de privilegiados, com direito ao ócio, quase sempre mal aproveitado, danoso e danado; do outro, o Povo, colocado entre duas cruzes: a cruz do trabalho escravo, intenso e mal remunerado, e a cruz pior de todas, a do ócio forçado, a do lazer a pulso do desemprego.

O segundo perigo é o de que, exaltando nós, por demais, a justa convicção brasileira de que o trabalho é, de fato, um castigo, de que o homem nasceu, mesmo, foi para as bem-aventuranças da boa Preguiça, nós corremos o risco de ser ultrapassados de vez pelos nórdicos. Não fiquemos somente a fazer o elogio humanista das nossas virtudes de ócio, senão os poderosos do mundo — que passaram por sua fase de trabalho intenso, sejamos justos em reconhecer — nos dominarão de uma vez para sempre. Sejam, também, justos em reconhecer: apesar de lhes sermos superiores sob vários pontos de vista, noutros eles ganham para nós, incluindo-se aí a organização e o trabalho tecnológico. Não escondo que, por mim, eu preferiria uma vida mais poupada, modesta, sóbria, uma espécie de pobreza honrada, repartida e honesta numa comunhão maior com as cabras e as pastagens da vida rural. Mas parece que isso é um sonho impossível e que, se ficarmos nesse sonho, nunca deixará de haver desempregados e famintos entre nós; sem se falar em que as nações poderosas, vendo o grande carneiro, enorme e inerme, em que nos tornaríamos afiariam,

logo, seus cutelos para nos retalharem e dividirem a carne. Parece que, queiramos ou não queiramos, a tecnologia e uma fase de trabalho intenso são, no mundo moderno, uma espécie de maldição inevitável, a única maneira que temos de nos libertar da inferioridade e da dominação econômicas. Sem essa libertação, o Brasil não alcançará aquela grandeza à qual me referia, uma grandeza à altura do seu Povo. Nisso, a meu ver, devemos estender a mão à palmatória dos Nórdicos capitalistas e dos Soviéticos socialistas, aprendendo seus processos técnicos e seus métodos de trabalho. Agora, que isso não nos descaracterize nem nos achate num cosmopolitismo uniforme e monótono, numa espécie de “esperanto cultural” em que os Latino-Americanos, embalados por uma falsa ideia do que seja o universal, se metam a macaquear o alheio, voltando àquela ideia, do século XIX, de que a Cultura realmente verdadeira e superior era a europeia de origem greco-latina, sendo todas as outras exóticas; de que um progresso contínuo presidia a “evolução” das Artes e da Literatura, sendo, necessariamente, um quadro da Renascença superior a um quadro da Idade Média. Um povo que, como o latino-americano, tem uma escultura como a incaica ou a tolteca, não precisa de muito esforço para entender que a escultura hindu não é inferior à grega, é diferente da grega. Diferente e, para meu gosto pessoal, até melhor.

A tal respeito, como já tenho feito tantas vezes, lembro como serão importantes, no momento da industrialização e do enriquecimento, a Gravura, a Pintura, a Escultura, a Cerâmica, o Romanceiro e os espetáculos populares brasileiros, como manancial e fonte de inspiração para a manutenção de uma garra brasileira, capaz de animar com o sangue e a raça do Brasil uma indústria peculiar e fiel a nosso País e a nosso povo.

Não sei se, quando escrevi a Farsa, os ilustres sociólogos estrangeiros e brasileiros que hoje se ocupam dos problemas do lazer já tinham tratado do assunto. Se tinham, eu nada conhecia, porque muito raramente leio qualquer coisa de sociologia. Tenho um amigo sociólogo a quem digo de vez em quando, brincando, que não levo a ciência dele a sério porque a Sociologia perde em movimentação e grandeza épica para a História; perde em segurança e eficácia técnica para as Ciências; perde em atualidade para a Imprensa; e perde em beleza para a Literatura. De qualquer forma, depois que escrevi a Farsa da boa preguiça, comecei a tomar conhecimento de artigos nos quais os sociólogos nos alertavam para os problemas que poderiam advir, para a humanidade, do ócio a ser brevemente criado pela automação. Para ser franco, como Sertanejo desconfiado que sou, como Sertanejo que trabalha duro desde os dezessete anos de idade, acho a Boa Preguiça uma coisa tão maravilhosa que não acredito que ela venha a ser possível, de jeito nenhum, neste chamado “vale de lágrimas”. Deus queira que eu esteja enganado e que isto seja apenas defeito de visão de um homem que, criado numa terra áspera, seca e pobre, não leva muita

fê na possibilidade real desse anunciado mundo em que todos poderão ter preguiça e sonhar à vontade. E exemplifico o que quero dizer, mais uma vez, com uma história.

Eu tinha duas tias-avós velhas, uma das quais, muito religiosa e crédula, vivia a repetir uns famosíssimos e suspeitíssimos milagres cuja notícia ela lia no Mensageiro do Coração de Jesus e em que sempre aparecia um misterioso “manto de Nossa Senhora”, revelado na Espanha, na França, na Alemanha, e que curava cegos, ressuscitava mortos etc. Era cada milagre de empenar. A outra tia-avó, irmã da milagreira, sertaneja cética e desconfiada, costumava comentar filosoficamente: “Eu não sei o que é que têm esses milagres de Sinhazinha, que só acontecem no estrangeiro.”

Eu, também sertanejo e desconfiado, tenho medo de que essa possibilidade maravilhosa de o homem se libertar do trabalho escravizador seja apenas um milagre enganador, como os do Mensageiro do Coração de Jesus. Mas sou, também religioso, e se desconfio da frequência dos milagres é exatamente por respeito ao milagre. E como existe um lugar-comum afirmando que “tudo no mundo é possível”, creio que só entrando na corrida tecnológica é que o Brasil e a América Latina podem vir a participar desse abençoado e milagroso lazer que estão nos anunciando.

Sou, como todo escritor, uma espécie de sonhador, sem muito jeito para político ou cientista. Não foi, portanto, por nenhuma lucidez especial que me apercebi desses problemas desde muito moço: foi a própria experiência da vida. Vi um tio meu, uma espécie de Cavaleiro sertanejo, valente, alegre, caçador, amigo do Povo, um homem que recebia na sua mesa trinta ou quarenta pessoas por dia, ser liquidado em pouco tempo, fazendo passar o menino sertanejo que eu era então por uma experiência semelhante à que os meninos de engenho passaram na Zona da Mata nordestina. Com uma agravante, aliás: nesta, foram as usinas e capitais brasileiros que liquidaram os Engenhos; no Sertão, foi o capital estrangeiro que liquidou uma nascente e florescente indústria de beneficiamento de algodão. Em Taperoá, aí por 1934, havia vinte e oito pequenas fábricas sertanejas dessa indústria, os “locomóveis” como eram chamados. Duas companhias estrangeiras chegaram por lá e liquidaram tudo. A mais rica montou na sede do município um maquinismo moderno e poderoso. As duas companhias, juntas, subiram de tal modo os preços de compra do algodão em caroço, bruto, que imediatamente todos os agricultores sertanejos passaram a vender só a elas. Os pequenos industriais sertanejos que não tinham algodão próprio fecharam logo suas fábricas. Ficaram aqueles que, além de possuírem locomóveis, eram, também, agricultores e produziam seu próprio algodão. Aí, as duas companhias subiram também o preço de compra do algodão beneficiado e começaram a comprar toda a

produção dos locomóveis sertanejos, criando uma prosperidade artificial que, durante algum tempo, criou uma verdadeira euforia, no Sertão. Ocorria, porém, um ligeiro pormenor em cujo perigo, a princípio, ninguém atentou: a diferença de preço entre o algodão em caroço e o algodão beneficiado era tão pequena, que era mais vantagem vender o primeiro, pois a diferença não compensava os gastos e o trabalho do beneficiamento. Aí, fecharam as fábricas que ainda restavam, e todos os sertanejos passaram a vender algodão em caroço às duas companhias estrangeiras. Mas a alegria era de pobre e durou pouco. Assim que as vinte e oito fábricas fecharam, com os locomóveis vendidos e saídos do município, os preços baixaram, a falsa prosperidade acabou e os Cavaleiros sertanejos, endividados, como meu tio, durante a euforia, morreram desesperados e arruinados.

O pior é que, então, já cumprida a finalidade para que fora montada, a companhia estrangeira fechou também sua grande e moderna fábrica. Ficou apenas comprando o nosso algodão, com os sertanejos reduzidos à velha condição paracolonial de fornecedores de matéria-prima.

Assim, acredito que não devemos ficar apenas sonhando, inativos, fazendo a lamentação humanista das fazendas ou dos engenhos. Maldição ou meio de libertação, ou entramos pelo domínio do trabalho e da máquina, ou as “companhias” de todos os tipos nos vencerão sempre. Montarão, talvez “lá fora”, sua boa vida de ócio; quanto a nós, essa nova “idade de ouro” ficará para sempre como um “milagre de Sinhazinha”, desses que só acontecem no estrangeiro. O que deixará todos nós, Povos castanhos do mundo, o resto da vida trabalhando para galego.

Recife, 24 de outubro de 1966.

7 de dezembro de 1972.



ADVERTÊNCIA

A *Farsa da boa preguiça*, como já aconteceu com outras peças minhas, foi escrita com base em histórias populares nordestinas.

O primeiro ato fundamenta-se, ao mesmo tempo, numa notícia de jornal e numa história tradicional, anônima, de mamulengo.

O segundo, na história, também tradicional, de um macaco que perde o que ganhara após várias trocas — história que é a origem do “romance”, também de autor anônimo, sobre o homem que perde a cabra, e que também me serviu de fonte.

O terceiro ato baseia-se num conto popular, o de “São Pedro e o queijo”, e também noutra peça tradicional de mamulengo, chamada “O rico avarento”.

As duas peças de mamulengo que serviram de fonte à minha foram ultimamente divulgadas, no Nordeste, pelos mamulengueiros conhecidos como Professor Tira-e-Dá e Benedito. Por sua vez, o “folheto” popular também teve sua versão recente através do folheto denominado “O homem da vaca e o poder da fortuna”, de autoria de Francisco Sales Arede.

A *Farsa da boa preguiça* foi montada pela primeira vez no dia 24 de janeiro de 1961, no Teatro de Arena do Recife, pelo Teatro Popular do Nordeste, sob direção de Hermilo Borba Filho, com cenários e roupas de Francisco Brennand, e sendo os papéis desempenhados pelos seguintes atores:

Carlos Reis

Ubirajara Galvão

Germano Haiut

José Pimentel

Jacqueline Marie

Ida Korossy

Paulo Ribeiro

Leda Alves

Clênio Wanderley

Leonel Albuquerque

Manuel Carpinteiro

Miguel Arcanjo

Simão Pedro

Aderaldo Catação

Andreza, a Cancachorra

Nevinha

Joaquim Simão

Dona Clarabela

Fedegoso, o Cão Coxo

Quebrapedra, o Cão Caolho

FARSA DA BOA PREGUIÇA

I. O PERU DO CÃO COXO

II. A CABRA DO CÃO CAOLHO

III. O RICO AVARENTO



PRIMEIRO ATO



O CENÁRIO REPRESENTA UMA *espécie de pátio ou praça, com a casa do rico de um lado (com alpendre, janelão e um baú) e a casa do pobre do outro. Perto desta há um banco, no qual o poeta se deita ao sol, nos momentos de maior preguiça. Mas a peça pode ser montada sem cenário, como, aliás, acontece nos espetáculos populares do Nordeste, em cujo espírito ela se baseia.*

Quando as luzes se acendem, estão em cena MANUEL CARPINTEIRO, MIGUEL ARCANJO e SIMÃO PEDRO. MANUEL CARPINTEIRO é alto, moreno, veste terno e camisa brancos, com sapatos brancos e de sola de borracha, e usa gravata borboleta azul; na cabeça, um chapéu de massa, de cor cinza e de abas curtíssimas. MIGUEL ARCANJO, seu secretário, é um homem gordo, de bigode e costeletas, com chapéu igual ao do chefe, camisa de malha escarlate, brilhante, e tem na mão uma maleta, de onde retira, de vez em quando, uma balança e uma cobra, dessas que se mexem. Presume-se, com certo matiz cômico, que, dentro da maleta, estão uma cobra e um jacaré enormes — como, aliás, acontece com os “homens-da-cobra”, os camelôs da propaganda popular dos pátios e das feiras do Nordeste. SIMÃO PEDRO veste pobremente e tem utensílios populares de pesca na mão. Para as roupas usadas na Farsa (como em todas as minhas peças, aliás), duas coisas devem ser levadas em conta: primeiro, que o povo nordestino em geral e em particular os atores dos espetáculos populares conseguem, com imaginação maravilhosa, criar a beleza, a grandeza e o festivo partindo da maior pobreza; em segundo lugar, que, no meu teatro, a roupa nunca é somente um acessório apenas decorativo: tem sempre uma função teatral a desempenhar.

A luz começa baixa e somente depois, obedecendo à ordem de MANUEL CARPINTEIRO, é que sobe para o normal.

MANUEL CARPINTEIRO, *em tom de camelô.*

O cavalheiro pode ver aqui
— inteligente e culto como é —
O Fogo escuro, o enigma deste Mundo
e o rebanho dos Homens em seu centro!
Que palco! Quantos planos! Que combates!
Embaixo, o turvo, as Cobras e o Morcego.
No meio, o que esta Terra tem de cego e esquisito.
Em cima, a Luz Angélica — esta Luz mensageira
com seu vento de Fogo puro e limpo!
Embaixo, três Demônios que aqui passam.

ANDREZA, FEDEGOSO e QUEBRAPEDRA *cruzam a cena, vestidos com roupas populares,*
ANDREZA com algo de cigana.

Daqui, quatro pessoas que aí vão.

ADERALDO, CLARABELA, SIMÃO e NEVINHA *cruzam a cena. ADERALDO veste de maneira rica,*
pretensiosa e feia, e sua mulher, CLARABELA, com o falso refinamento grã-fino, última
moda. SIMÃO veste com a elegância dos miseráveis, isto é, de modo pobre mas imaginoso e
decorativo. NEVINHA, ajeitada e bonitinha como pode.

De cima, entramos nós, dirigindo o espetáculo!

Um dos santos: São Pedro, o Pescador!

Um Arcanjo: Miguel, guerreiro Fogo!

E eu, o lume de Deus, o Galileu!

Dirá o cavalheiro: “É impossível!

O Cristo, um camelô?”

Mas não será verdade

que o Cristo é o camelô de Deus, seu Pai?

São essas minhas peças neste jogo!

Agora, me pergunta o cavalheiro:

“Que tem esse idiota pra mostrar?”

É simples: duas Cobras venenosas,

um Jacaré terrível,

e a luta que esses três irão travar

contra um Pássaro alado e benfazejo!

A feroz Sucuri do Alto Amazonas!

O feroz Jacaré do Rio Una,

e esta Joia vermelha, a Ave-do-Paraíso!

Secretário, olhe a maleta:

como estão?

MIGUEL ARCANJO

Estão ferozes! Uma coisa terrível!

MANUEL CARPINTEIRO

Aqui, como no palco deste mundo,
essas forças se vão entrecruzar.
Aqui é a casa do pobre,
do Poeta Joaquim Simão.

SIMÃO PEDRO

Em frente, mora o ricaço
Aderaldo Catacão.

MANUEL CARPINTEIRO

Aqui se passa a história,
vamos ver quem tem razão.

MIGUEL ARCANJO

Eu quero lhe contar o que há, Senhor!
O senhor sabe: como Anjo,
não posso ser mentiroso!
O tal do Joaquim Simão
é um Poeta preguiçoso,
que, detestando o trabalho,
vive atolado e ainda tem coragem
de se exhibir alegre e animoso!



SIMÃO PEDRO

Você detesta a preguiça
mas é porque nunca trabalhou!
Sempre foi Anjo! Assim é bom!
Você, São Miguel,
nunca teve, como eu tive,
de enfrentar mar roncador,
dando duro na tarrafa,
atrás do peixe ligeiro,
fino, veloz nadador.
O trabalho nas costas nunca lhe doeu!
Sei que é um Anjo importante,
corajoso, limpo, claro
e que ao Demônio venceu!
Mas você nunca foi homem:
eu fui um!
Você nunca deu um dia de serviço
a homem nenhum!

MIGUEL ARCANJO

Nosso Senhor, o que acha?

SIMÃO PEDRO

O que ele acha, eu não sei!
Mas pergunte a São José,
o velho dele, o pai dele,
junto de quem eu morei:
garanto que o Carpinteiro
se pauta por minha lei!

MIGUEL ARCANJO

Ah, isso não! São José
foi um Santo tão perfeito,
que era uma espécie de Anjo,
puro, limpo e satisfeito!
Nunca enrolou no serviço:
age assim quem é direito!

SIMÃO PEDRO

Se ele deu duro na vida,
garanto que preguiçou.
Quando as costas lhe doíam
quantas vezes não gritou:
“Ô Jesus! Ô Maria! Me armem aí uma rede
pois a preguiça chegou!”
Foi ou não foi, Nosso Senhor?

MANUEL CARPINTEIRO

Talvez, talvez, São Pedro!
Nem tanto assim, nem tão pouco!
Preguiçar demais, é ruim!
Mas você também, São Miguel,
não pense que duas vezes oito é dezessete!
Ninguém, também, é obrigado
a quebrar pedra de bofete!

MIGUEL ARCANJO

Na qualidade de Arcanjo,
gosto dos espirituais!
Mas sou também um Guerreiro
e aprecio, até demais,
alguém fogo e inquieto,

sequioso de sempre mais!

SIMÃO PEDRO

Eu gosto é da paciência,
e não vejo como exista
paciência sem preguiça.

MIGUEL ARCANJO

Mas veja aí esses dois:
Aderaldo Catacão
que é rico, trabalha muito!

SIMÃO PEDRO

Pode haver safadeza no trabalho,
e na preguiça pode haver criação!
Agora, existe um costume
dos ricos endemoninhados:
como trabalham, se sentem no resto justificados.
Pagam mal aos operários,
oprimem os camponeses,
acusam quem defende os pobres
de ser do Mal instrumento,
sopram dureza e maldade
nos atos e pensamentos,
dão-se à Avareza, à Luxúria,
comem Fogo, bebem Ventos!

MIGUEL ARCANJO

Estes invejam dos pobres
até a pura alegria!

Pensam que o Cristo é um deles!

MANUEL CARPINTEIRO

E o Cristo foi sempre pobre!

MIGUEL ARCANJO

Mas, se amamos mais os pobres,
não vamos idealizá-los!
Vamos amá-los sabendo
dos seus defeitos e qualidades!

SIMÃO PEDRO

Ah, isso é!
Os intelectuais de boates
é que vivem feito rapariga e mulher-dama
— apaixonados pelos operários,
pelos embarcadouros,
e vendo no Povo só bondades,
como se o Povo não fosse gente!

MIGUEL ARCANJO

Eu não sou assim não!
Por isso, vivo de olho
no tal do Joaquim Simão.
Vejo esse moço, espichado,
tocando sua viola,
na toada do baião,
enquanto o rico trabalha
de sol a sol, de inverno a verão!

SIMÃO PEDRO

Não sei como é que se tem coragem
de reclamar contra o ócio criador da Poesia!
O que acontece, Nosso Senhor,
é que esse rico desgraçado, cada dia
cria mais raiva de Joaquim Simão
só e unicamente porque ele é Poeta
e, sendo pobre, vive contente,
sem a sede e a doença da ambição!

MIGUEL ARCANJO

Será só por isso mesmo?

MANUEL CARPINTEIRO

É o que vamos verificar.
Será que eles são casados?

MIGUEL ARCANJO

O rico, Seu Aderaldo, eu sei que é!
A mulher dele é toda cheia de visagens.
Chama-se Clarabela. Como está na moda,
colecciona cerâmicas populares,
faz versos, pinta paisagens,
protege os jovens artistas,
colecciona móveis antigos,
cristais, quadros e imagens!

SIMÃO PEDRO

Muito bem! Dona Clarabela ama a Arte,

seus versos e coleções.

Nevinha, a mulher do Poeta,
ama o marido dela. Toma conta dos filhos,
não faz cursos nem conferências,
não se mete em discussões,
cuida dele, ajeita a casa
e reza suas orações.

MANUEL CARPINTEIRO

Vamos ver e apurar:
depois se tem um roteiro
para este caso julgar!
Vamos, então, começar!
As Cobras contra o Pássaro de Fogo,
o Escuro contra a Luz,
o Ócio contra o mito do Trabalho,
o Espírito contra as forças cegas do Mundo!
Os homens nesse meio, sepultados
e ligados às Cobras pelo Mundo,
pela desordem do Pecado,
e ligados ao Lume, ao claro, ao solar,
por um Santo de carne, um Anjo de fogo
e por aquele que é carne e fogo
e se chamou Jesus!
Vai começar! Comecem! Luz!

Desaparecem. A luz sobe. Entram ADERALDO e ANDREZA, vindos da casa do primeiro.

ANDREZA

O senhor não se preocupe, Seu Aderaldo,
hoje seu encontro amoroso sai!
Mais umas duas cantadas
e a mulher do Poeta cai!

ADERALDO

Diga que, para ela, eu vou ser
muito mais do que um amante: um Pai!
Você diz?

ANDREZA

E então? Digo tudo o que o senhor quiser!

ADERALDO

Diga que eu vendi tudo o que tinha na Cidade:
fico, de vez, no Sertão!
Meu dinheiro chega hoje:
já está feita toda a transação!
Vendi tudo. Apliquei o que tinha
na compra de todo o gado do Sertão.
Levarei a carne aos centros mais importantes!
Já pensou? Tudo isso em minha mão?
Minha mulher chegou ontem à noite:
precisa assinar inúmeros documentos
e me outorgar uma procuração.
O dinheiro vem pelo Banco
para a minha conta corrente:
eu tiro esse dinheiro com um cheque
e pago aos boiadeiros do Sertão.
Com isso, açambarco todo o gado
e triplico o que tenho em pouco tempo!
Já viu o que é cabeça?
A isso pode se chamar *organização*!

ANDREZA

É muito, hein, Seu Aderaldo?

ADERALDO

É bastante! Mas vamos deixar isso!
Agora, o que eu quero é essa mulher!
Esse Poeta me irrita:
diz que vive como quer!
Vou tomar a mulher dele
da forma como quiser!

ANDREZA

Eu vou dar outra cantada nela.
Vou trazê-la aqui agora!

Entra na casa de JOAQUIM SIMÃO.

ADERALDO

Está certo! E que seja sem demora!
Eu vou me esconder aqui!
Com mulher, meu estilo é uma mistura de bode e macaco!
Se ela vier, chego por trás
e, quando ela menos esperar, eu atraco!

Esconde-se. Entram ANDREZA e NEVINHA.

ANDREZA

Pois é como eu lhe digo, Comadre:
não bote essa caçada fora!
Seu Aderaldo está louco por você!

Você recebeu o bilhete?
Olhe, Seu Aderaldo está assim
feito um cabo de trinchete!
E é um homem rico, Comadre!

NEVINHA

Pode ser rico como for:
eu é que não vou nessa história!
Sou casada com Simão, Dona Andreza,
e Simão é minha fraqueza e minha glória!

ANDREZA

Comadre, deixe de ilusão!
Deixe de ser abestalhada que esse negócio de fidelidade
e amor na pobreza não vale nada!
Comadre, me diga uma coisa:
seu marido lhe dá muitos vestidos?

NEVINHA

A situação dele é ruim, Dona Andreza,
a gente não pode, assim, gastar!
Mas Simão tem a mão aberta:
quando ele pode, dá!

ANDREZA

Veja que vestido desgraçado, esse seu!
Essa sua, isso é lá vida!
A comadre é bonita e moça que faz gosto!
Eu é que não queria ter uma mulher dessa
pra deixar malcuidada e malvestida!

NEVINHA

Dona Andreza, Simão me traz como pode
e como Deus é servido!

ANDREZA

Está conversando, Comadre!
O que aquilo é, é um preguiçoso de marca!
A única coisa que Joaquim Simão faz
é tocar viola e cantar besteira e bendito!
E é feio que nem a peste!

NEVINHA

Não acho!

ANDREZA

Se ao menos fosse bonito!
Agora, Seu Aderaldo não, é outra coisa!
O homem nasceu pra trabalhar e pra juntar dinheiro!
Está louco por você, Comadre!
Aquilo não é amor mais não, é fome, é sede!
Olhe, ele está assim, bestando,
feito um armador de rede!
Ele me disse que, no dia em que você visse
um pé de agrado nele, ganhava um cento de vestido!

Agarra o pé de NEVINHA, que se solta.

NEVINHA

Deus me livre de botar no corpo
um vestido amaldiçoado e malrecebido!

ANDREZA

Comadre, deixe de ser mole! Se agarre com Seu Aderaldo
que é um homem rico e bom!
Ele me disse que no dia em que você visse
uma *perna* de agrado nele,
ganhava uma carroça carregada de batom!

Agarra a perna de NEVINHA, que se solta.

NEVINHA

Nossa Senhora me guarde dessa pintura de Satanás!

ANDREZA

Comadre, deixe de ilusão! Eu vou chamar o rapaz!

NEVINHA

Dona Andreza, não faça uma coisa dessa!
Não me azucrine mais!

ANDREZA

Ele me disse que, no dia em que você visse
duas pernas e um bucho de agrado nele,
ganhava um jumento carregado de sapato!

Agarra o bucho de NEVINHA, que a empurra.

NEVINHA

Aquele homem tem é parte com o Cão!
Você diga a ele que vá botar ferradura
nas éguas dele, em mim, não!

ANDREZA

Comadre, não bote essa caçada fora
que depois você vai se arrepender e será tarde!
Ah mulher besta dos seiscentos diabos!
E tudo isso, por causa dum preguiçoso daquele!
Aquilo é podre de preguiça!

NEVINHA

Dona Andreza, não diga uma coisa dessa
que chega a ser uma injustiça!
Se a senhora continua assim, eu não escuto mais!
A senhora elogia, aí, esse ricaço!
Sabe que meu marido é tão importante
que a mulher do rico veio ontem para cá
somente pra ver os versos que Simão faz?

ANDREZA

Comadre, deixe de ilusão!
Você não está vendo que aquelas besteiras
que Joaquim Simão faz não valem nada?
Tudo isso, foi coisa arranjada!
Foi Seu Aderaldo que arranjou, para agradar você!
Foi tudo pra ver se você via duas pernas
um bucho e um pescoço de agrado nele.

Se você não facilita, está perdida a caçada:
você e Joaquim Simão terminam ficando sem nada!

Acaricia o pescoço de NEVINHA, que a empurra.

NEVINHA

É o quê! Você está enganada!
O que Simão escreve é feio? É nada!
Eu sempre achei o que Simão faz muito bonito!
Dona Clarabela, a mulher de Seu Aderaldo,
é a maior entendida nessas histórias de folheto e bendito!
Vem do Recife pra ver: vem pra fazer um estudo!
Se achar bom o que Simão faz,
vai ficar comprando tudo!
O que ele escrever agora, vai vender:
a questão, é trabalhar!

ANDREZA

E quem disse que aquele preguiçoso vai trabalhar?

NEVINHA

Ah, não! Ele pode ter preguiça pra tudo no mundo:
mas bom para a mulher e bom pra fazer verso ele é!

ANDREZA

Agora, porque ele trabalha quando quer!
Quando for por obrigação, você vai ver como é!
Por isso, ouça meu conselho: aproveite enquanto é tempo!
Não bote a caçada fora! Seu Aderaldo está feito um bodoque:
chega está todo alesado, todo besta para o mundo!

Olhe, ele está com um colar muito rico pra lhe dar!
Você quer que eu vá buscar?

NEVINHA

Não, Dona Andreza, minha sina é Simão, mesmo!
Simão, aquele safado!
Pode ser podre de preguiça
mas é um visgo danado!
Ave Maria, só tendo sido catimbó,
e catimbó daquele de alfinete!
Eu vou lhe dizer uma coisa, Dona Andreza:
do jeito que Seu Aderaldo vive pra meu lado,
eu vivo pro lado de Simão, feito um cabo de trinchete!
Ai, meu Deus, lá vem Simão! Eu chega fico nervosa!
Dona Andreza, me diga uma coisa: eu estou bem?
Eu sei que estou horrorosa!
Dona Andreza, como é que está meu cabelo?

ANDREZA

Assim como as crinas duma besta, Comadre,
porque você não passa duma,
a maior besta que eu já vi!
Se preocupar por causa de Joaquim Simão...
Que é que você vê nesse peste, Comadre?
Tenho horror a esse sujeito, todo metido a engraçado!
Se eu fosse casada com essa desgraça,
botava-lhe um par de chifre que ele ficava empenado!

Entra JOAQUIM SIMÃO, bocejando.

SIMÃO

Ai, ai, ai! Eu, hem?

ANDREZA, *com raiva*.

Lá vem!

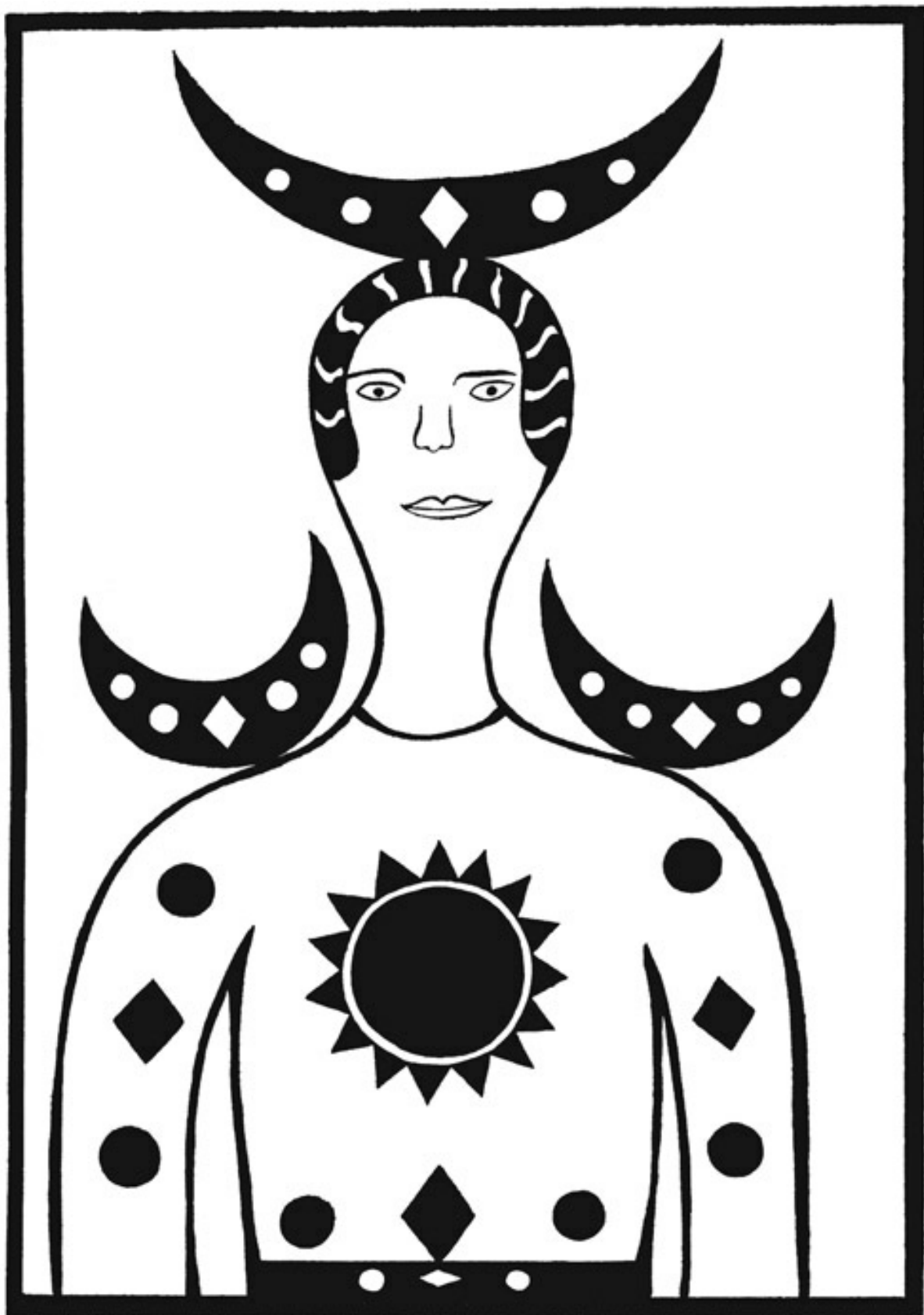
SIMÃO

Eita vida velha desmantelada!

Menino, olha quem está aqui!

Andreza, minha amada!

Que é que há, Andreza?



ANDREZA

Nada!

SIMÃO

Isso é o que pode se chamar
uma freipa de mulher escorropichada!

Dá-lhe uma tapa nas nádegas.

ANDREZA

Ai! Deixe de liberdade, viu, Seu Simão?
Por causa de liberdade
já vi uma filha matar um pai!

SIMÃO

E eu sou lá seu pai, Andreza!
Sua mãe fez tudo pra isso:
mas eu me mantive firme
e ela, desanimada,
se arranjou com seu pai, mesmo!
Que é isso? Que cara, Ave!
Andreza parece um bicho,
um desses bichos malignos,
uma mistura de cobra,
morcego e sapo hidrofóbico!

ANDREZA

E sua mãe, com quem parece?

NEVINHA

Dona Andreza, não se zangue!
Simão tem essa mania
de achar gente parecida com bicho!
É uma mania que o povo estranha,
mas é inocente e não deixa de ser engraçada!

ANDREZA

Engraçada para a senhora, que é uma mulher desmoralizada!
Para mim, não!

SIMÃO

Ai, Andreza, minha paixão!

ANDREZA

Você vá pra merda, viu Seu Simão?

Sai arrebatadamente.

SIMÃO

Eita, vida velha desmantelada!

NEVINHA

Simão, meu filho, pelo amor de Deus
acabe com essas brincadeiras!
Isso é hora de você estar por aqui
lesando e dizendo besteira?

Avalie se essa tal de Dona Clarabela chega aqui
e encontra você assim!

SIMÃO

Assim, como?

NEVINHA

Ela pode achar que você é sem compostura!

SIMÃO

Sem costura? Alto lá!
Minhas pregas estão no canto
e as costuras no lugar! Alto lá!

NEVINHA

Ela pode se decepcionar com você!
Essa mulher se interessou por seus versos!
Isso pode ser a salvação da gente, Simão!

SIMÃO

A salvação? Salvação por quê?
Não vejo ninguém perdido aqui!
Você é perdida, é? Não me diga isso não, pelo amor de Deus!
Se eu descobrir que minha mulher é perdida,
morro de desgosto, vou procurar outra vida!
Agora, enquanto não descobrir isso, tenha paciência,
vou vivendo descansado!
E sabe do que mais?

*Ô mulher, traz meu lençol,
que eu estou no banco deitado!*

Estes dois últimos versos são cantados, como no “mamulengo”. SIMÃO canta-os, deitando-se no banco.

NEVINHA

Simão, não brinque não, pelo amor de Deus!
A gente tem os filhos, pra dar de comer,
e Seu Aderaldo é um homem rico! Se Dona Clarabela
se engraçar, mesmo, de seus folhetos,
diz que compra tudo o que você fizer!
Dizem que Seu Aderaldo, nessas coisas,
se guia pelo que diz a mulher!
Tudo o que você escrever dagora em diante vende a ela!

SIMÃO

Nevinha, não vá atrás desse povo não que você corre doida!
Esse povo gosta, lá, da Arte nem da Poesia!
Isso tudo é conversa fria!
Isso é mulher desocupada, sem ter o que fazer,
que é o pau que está aparecendo mais aqui, agora!
Procuram a gente, futricam, futricam,
conversam, dizem que pagam, que fazem, que acontecem,
depois desaparecem
e não dão mais nem notícia! Me diga uma coisa:
Seu Aderaldo não está morando aí?

NEVINHA

Está!

SIMÃO

E como é que a gente nunca viu a mulher dele?
Me diga: isso faz sentido?
Toda mulher séria que eu conheço
vive ali, junto, agarrada com o marido!
Cadê que você me larga?

NEVINHA

Ah, eu sou diferente, Simão!
Sou uma mulher ignorante, a mulher dele, não!
Ela entende de Poesia,
escreve, discute, fez um curso de Psicologia...
Eu não sou capaz de fazer nada disso!

SIMÃO

Mas é bonita e boa, toma conta de mim e dos filhos
e é mulher pra todo serviço!
Eu é que não vou dar bola pra o diabo dessa mulher!
Se ela gostar de mim assim como sou, está bem!
Se não, *ô mulher, traz meu lençol,*
que eu estou no banco deitado!

NEVINHA

Simão, meu filho, acabe com esse negócio
de viver pelos cantos dizendo doidice!

SIMÃO

Pra quê?

NEVINHA

Pra ver se a gente pelo menos melhora esse trem de vida!

SIMÃO

Besteira, mulher, oxente!

Eu começo a fazer força

e o que é que vou arranjar?

Pra morrer de pobre, o que eu tenho já dá!

E sabe do que mais, Nevinha? Não atrapalhe não,
que eu estou pensando em fazer um *folheto* arretado!

Quer saber a ideia? É sobre uma gata que pariu um cachorro!

Vai ficar tão engraçado!

Ninguém sabe o que foi que houve,

todo mundo está esperando o parto, o gato é o mais nervoso!

No dia, quando a gata pare, em vez de gato é cachorro!

Já pensou na raiva do gato, na surpresa, na confusão?

Que acha? Parece que já estou vendo a capa

e escrito nela: “Romance da Gata que Pariu um Cachorro.

Autor: Joaquim Simão”!

Vou vender tanto folheto, vou ganhar tanto dinheiro!

É coisa para garantir a bolacha dos meninos

para o resto da vida! Que acha?

NEVINHA

Meu filho, você é o maior: a história é ótima,

vai ficar bonita e divertida!

Mas acontece é que a bolacha dos meninos, hoje,

inda não está garantida!

Vá ver se dá um jeito!

SIMÃO

Como?

NEVINHA

Aqui perto estão fazendo uma construção. Eu fui lá,
falei com o pedreiro, e ele disse que arranja
um lugar de ajudante pra você!

SIMÃO

Acho meio desonesto aceitar um trabalho que não sei fazer!

NEVINHA

Eu já disse que você era novato! Mas eles explicaram
que não havia dificuldade não, o trabalho é de ajudante:
é só o povo mandando
e você trabalhando!

SIMÃO

Bem, se é assim, eu quero!
Corre, Nevinha, vai buscar minha calça velha
pra eu começar a trabalhar!

NEVINHA

Boa, meu filho! Vou buscar a calça, já!

Vai saindo.

SIMÃO

Ô mulher, sabe do que mais? Não vá não!
Eu pensei melhor, sabe? Isso vai dar é confusão!
Com essa história de construção
mandam eu subir uma escada
com uma lata na cabeça, cheia de calça,
eu escorrego, caio, morro, e aí nem mulher,
nem folheto, nem pedreiro, nem nada!
E ainda fico desmoralizado!
Sabe do que mais? *Ô mulher, traz meu lençol,
que eu estou no banco deitado!*

NEVINHA, *catucando-o*.

Simão! Simão!

SIMÃO, *pacientemente*.

Que é, Nevinha?

NEVINHA

Então, faça o seguinte: o trem chega já aqui!
Você fica por ali
feito carregador, pega uma maleta, outra,
quando chegar de noite, a bolacha da gente está garantida!

SIMÃO

É mesmo, Nevinha! Corre, vai buscar uma rodilha,
que é pra eu botar na cabeça e carregar as maletas!
Ô mulher, sabe do que mais? Não vá não, sabe?
Eu fico por ali, me distraio olhando as coisas,
lá vem o trem, pá! em vez de eu pegar o trem
o trem é quem me pega! E eu tenho uma agonia tão danada

de morrer atropelado!

Sabe do que mais? *Ô mulher, traz meu lençol,
que eu estou no banco deitado!*

Começa a cochilar de novo, mas a mulher o interrompe.

NEVINHA

Simão! Simão!

SIMÃO

Ô aperreio danado, minha Nossa Senhora!
Deixe eu dormir, Nevinha!

NEVINHA

Simão! Simão! Pegou no sono!
Ah, meu Deus, de tudo o que Simão diz
só vejo uma coisa acertada:
é que esta vida da gente
é uma vida danada de desmantelada!

ADERALDO aparece e fala-lhe no ouvido.

ADERALDO

Bom dia, Flor do Dia!
Há quanto tempo eu não te via!

NEVINHA

Ai, Seu Aderaldo! Que susto!

Quase que tenho um ataque do coração!
Bom dia! Mas, por favor,
deixe de falar em verso pra meu lado, viu?
Versos, pra mim, só os de Simão!

ADERALDO, *aproximando-se*.

Mas sabe o que é, minha filha? É que eu...

NEVINHA

Seu Aderaldo, fale de longe, viu?
Deixe de cochicho no meu pé-do-ouvido!
No meu ouvido, só quem cochicha é meu marido!

ADERALDO

Ah, que peito de aço, duro e frio! (Canta.)
Mulher traidora tem dó de mim!
Me ame um pouco, não faça assim!
Ah, se eu te pego! Se alguém me dera!
Rasgava, a dente, esse peito de fera!

NEVINHA

Seu Aderaldo, vá pra lá com suas cantigas!
Ah, minha Nossa Senhora, pra todo lado que eu me viro
é esse homem com essa quizila pra meu lado!
Diabo de homem mais teimoso danado!
Pois, se o senhor é teimoso, saiba que eu sou teimosa!
Eu não já lhe disse que Simão é minha fraqueza e minha glória?

ADERALDO

Já! Agora, porque, não sei!
Se há, no mundo, um homem para eu ter raiva, esse
é um:
é pobre, preguiçoso e orgulhoso!
Ele se faz de feliz só para me fazer raiva!
Não está vendo que eu não posso acreditar nisso
— um homem feliz, morrendo de fome!
Eu tenho três carros, vinte casas,
em cada casa onde estou, tenho sete criados!
Tenho as ações, o agave, o algodão, meu matadouro...
Tempo é ouro!
Se você quiser, Nevinha, tudo isso é seu:
meu ouro, meu gado, minha energia!
Porque a única coisa que me falta
é Nevinha, a flor do dia!

NEVINHA

Pois esta é de Simão, com pobreza e tudo!
Esse homem tem visgo, Seu Aderaldo!
Se o senhor me perguntar mesmo o que é, não sei!
Quando Simão me olha, eu me derreto toda!
Já tenho cinco anos de casada e ainda não me acostumei!
Simão é minha fraqueza e minha glória!

ADERALDO

Nevinha, deixe de ilusão,
que amizade, na pobreza, é defeito e complicação!
Nevinha, meu consolo é seu carinho!

NEVINHA

Seu Aderaldo, procure outro caminho!

E fale baixo, porque, se Simão acorda
e vê o senhor aqui, todo enxerido pra meu lado,
Ave-Maria! vai ser um cu-de-boi dos seiscentos diabos!
Se está tentado, se lembre de sua mulher!
Ela já chegou?

ADERALDO

Chegou ontem de noite, Nevinha,
meu bem, minha dor, meu feitiço!
Chegou e eu não estive com ela até agora!
O que é que você acha disso?

NEVINHA

Seu Aderaldo, falar dessas coisas é pecado!

ADERALDO

Que pecado que nada! Pecado é coisa superada!
O que é que você acha disso, de mim e de minha mulher?
Diga, não custa nada!

NEVINHA

Seu Aderaldo, isso é uma coisa muito esquisita!

ADERALDO

Não tem nada de esquisito!
Clarabela é uma mulher bonita,
elegante, todo mundo, no Recife, gosta dela!
Mas, depois que eu vi você, Nevinha,

não acho mais graça em mulher nenhuma!

Você, sozinha,

vale umas sete Clarabelas!

Mas, cuidado! Aí vem ela!

Entra CLARABELA, vestida “a caráter” para o lugar “rústico” em que se encontra, com amplo chapéu de palha e uma enorme piteira.

CLARABELA

Ah, o campo! O Sertão! Que pureza!

Como tudo isso é puro e forte!

Esse cheiro de bosta de boi, que beleza!

A alma da gente fica lavada!

As bolinhas dos cabritos, o canto das juritis,

o cocô dos cavalos, o cheiro dos roçados.

A água pura e limpinha

e esse maravilhoso perfume de chinica de galinha!

Ah, a vida pura! Ah, a vida renovada!

A catinga dos bodes, como é forte e escura!

E a trombeta dos jumentos, como é fálica, vibrante e animada!

Ah, o campo! A alma da gente fica lavada!

A vida primitiva em todo o seu sentido!

Dá vontade de ir à igreja, de se confessar,

de fazer a sagrada comunhão

mesmo sem nela acreditar!

Dá vontade até de não chifrar mais o marido,

só para nos sentirmos tão puras quanto o Sertão!

ADERALDO, *tossindo.*

Um-rum, um-rum! Terré, terré!

CLARABELA

Aderaldo, querido! Que saudade!
Não sei, na impaciência de revê-lo,
como suportei essa viagem!
Beije de longe, para não estragar a maquilagem!
Ah! Que beijo fabuloso! Olhe, você fez a transação
e açambarcou o gado do Sertão?

ADERALDO

Fiz!

CLARABELA

Eu lhe trago a proposta dos galegos:
é para fazer a sociedade com eles,
botar um frigorífico e passar a exportar para lá
toda a carne do Sertão.

ADERALDO

Eu, o que queria era ganhar sozinho.
Mas, se não tem outro jeito, vou telegrafar ao galego:
aceito que ele seja meu patrão!

CLARABELA

Mas tudo isso são coisas sujas, interesses, negócios!
A mim, o que interessa é o amor!
Como vai esse amor de marido?
Você sabe que está ficando de novo na moda
a gente gostar do marido? Todas nós, lá do Clube,
agora estamos dando entrevistas dizendo isso:
que na aparência talvez não, mas, no fundo,
nenhuma de nós troca o marido por homem nenhum do mundo!

Está na moda, de novo! Quanto a mim, sempre achei isso:
você sempre foi minha flor
e nós dois sempre vivemos, na compreensão do casamento,
a *vivência* do amor!



ADERALDO

A o quê?

CLARABELA

A vivência! Está na moda, também!
Não é coisa que eu invento!
A vivência do amor faz parte, agora,
da *problemática* do casamento!
É outro tema palpitante do momento,
um problema de comunicação,
para evitar a poluição populacional e a massificação!
Você precisa fazer um curso, Aderaldo!

ADERALDO

Curso de quê, Clarabela?

CLARABELA

Qualquer curso! Se for dado por um alemão neomarxista
é melhor! Mas, na falta dele, um americano neoliberal
ou um sociólogo tropicalista também serve!
Mas não fale, espere! Quem é esse rústico maravilhoso
que está aqui, dormindo ao Sol?
Não diga, espere! Já sei! É o Poeta!

ADERALDO

É! Como foi que você adivinhou?

CLARABELA

Mas está claro, Aderaldo! Com essa incompetência,
esse desprendimento, esse descuido, essa imprevidência...

ADERALDO

O que ele é, é podre de preguiça!
Isso é preguiçoso que fede! Desculpe, Dona Nevinha!

CLARABELA

Ah, a mulher do Poeta! Vê-se logo! Me diga uma coisa:
a senhora compreende seu marido?
Que é que a senhora faz para ajudá-lo?

NEVINHA

Ajeito o feijão, quando tem,
tiro espinho de seu pé,
cuido dos meninos, faço a ponta dos lápis,
quando ele pede, eu dou cafuné...

CLARABELA

Mas não me diga que a senhora não o inspira!

NEVINHA

Como é, Dona Clarabela?

CLARABELA

Eu estou perguntando se a senhora *inspira* seu marido!

NEVINHA

Oxente, Dona Clarabela, quer encabular meu pensamento?
Alegria de pobre é essa, mesmo!
Não é da lei do casamento?
Mas é melhor a gente acordar Simão,
que eu sei que a senhora quer conhecer os versos dele.
Simão! Simão! Acorde, homem de Deus!

SIMÃO

Ah, meu Deus, ô aperreio dos seiscentos diabos! Que é, mulher?

NEVINHA

Acorde, que Dona Clarabela está aqui e quer conhecer você!

SIMÃO, *coçando-se*.

Eita, vida velha desmantelada!
Olá, Seu Aderaldo Catação! Como vai?

ADERALDO, *rosnando*.

Bem!

SIMÃO

Ô Nevinha, você diz que é mania minha,
mas Seu Aderaldo tem alguma coisa de peru,
de bode, de cachorro e de boi caracu!
Como vai o senhor, Seu Aderaldo?
Ainda está podre de rico? Tem trabalhado muito?

ADERALDO

Tenho! Mas, em compensação, veja o que você tem na cozinha!
Depois, vá na minha casa e veja o que tem na minha!
Olhe como sua mulher se veste, e olhe a minha!

NEVINHA, *para cortar.*

Simão, esta é Dona Clarabela, mulher de Seu Aderaldo!
Ela quer ouvir seus versos: se gostar, você está empresado!
Ela compra tudo!

CLARABELA

Joaquim Simão, Poeta, grande prazer em conhecê-lo!
Sou uma amante das Artes, uma colecionadora,
um marchã de saias, uma aficcionada!
Já realizei sete exposições de Pintura
e cinco festivais de canções, jograis e poesias!

SIMÃO

Tudo isso a senhora faz? Danou-se!

CLARABELA

Não!
Eu apenas organizo as coisas, com os quadros dos pintores
e os versos dos poetas que frequentam meu salão!

SIMÃO

Mas Dona Clarabela, isso tudo é uma piteira?

Tá, agora já posso morrer
e dizer a todo mundo que já vi uma piteira!
Que piteira comprida amolestada!
Isso é que é uma piteira arretada!
Chega a ter meio metro?

NEVINHA

Meu Deus, o que é que ela vai pensar?
Simão, você podia era mostrar...

SIMÃO, *tomando a piteira.*

Dona Clarabela, me ceda aqui essa piteira!
É de ouro ou é somente amarela?
Danou-se! Dois palmos e uma chave! A fumaça
já chega na boca fria, hein, Dona Clarabela?

CLARABELA, *retomando a piteira.*

Deixe isso pra lá!

NEVINHA

Simão, você podia era mostrar
uns folhetos e romances a Dona Clarabela!

CLARABELA

É! Joaquim Simão, disseram-se que você é Poeta!
Mas me diga uma coisa: seus versos são *puros*?

JOAQUIM SIMÃO

Às vezes são meio safados, Dona Clarabela!

CLARABELA

Estou falando é de outra coisa! Desta vez
achei o Sertão já se corrompendo, já sem aquela pureza,
já com ônibus... Da outra vez em que vim, era uma beleza:
A gente vinha nuns caminhões e nuns cavalos duma pureza...
Você não acha?

SIMÃO

Dona Clarabela, eu prefiro o ônibus, é muito mais macio!

CLARABELA

Joaquim Simão, não me decepcione! Não venha me dizer
que você não é *autêntico*! Você é autêntico?

SIMÃO

Não senhora, eu sou um pouco asmático, autêntico não!

CLARABELA

Ih, que vulgaridade! Mas é isso mesmo, estou habituada!
Os artistas gostam de intrujar um pouco
e de subverter todos os valores,
principalmente diante de seus admiradores!
E então quando se trata de mulheres, hein? É ou não é?

SIMÃO

Mulher? Mulher é xerém, vai uma, vem cem! Rá, rá, rá!

ADERALDO, *à parte*.

Que acha do Poeta?

CLARABELA

Um pouco vulgar, mas às vezes é assim mesmo!

Simão, vamos ao assunto principal, os versos!

Que é que você pode me mostrar?

SIMÃO

Eu posso mostrar tudo contanto que não seja

contra a lei do Juiz, de Deus e da Igreja!

Rá, rá, rá!

CLARABELA

Eu me referi, naturalmente, a mostrar obras poéticas!

Que é que você faz, nisso, e agora pode me mostrar?

SIMÃO

Conforme! A senhora quer uma obra *ligeira* ou uma *demorosa*?

CLARABELA

Ai, que coisa pura! Eu quase diria *mística*!

Que é *ligeira*? Que é *demorosa*?

É algo ligado à forma de vanguarda,

ou é coisa mais conteudística?

NEVINHA

Ligeira é pequena, que passa depressa!

Demorosa é grande, que demora a contar!

Simão, a solução é essa:

Você canta uma ligeira, e aí, se ela gostar,
canta uma mais demorosa! Não é, Dona Clarabela?

CLARABELA

Não sei, Simão é quem decide!

O artista, pra mim, é sagrado!

Vamos respeitar a integridade do Poeta!

Não vamos violentá-lo!

SIMÃO

Epa! Me violentar? Como?

CLARABELA

Ih, que homem puro! Sertanejo típico!

Tão pundonoroso e delicado!

SIMÃO

Delicado, uma peida! Eu nasci foi pra ser homem,
e o homem, quando é homem mesmo,
dá a cabeça pra lascar mas não grita!

CLARABELA

Ai, que vulgaridade! Assim, não vai não! Vulgar,
metido a engraçado, cheio de trocadilhos de mau gosto!
Poeta, quando é poeta, tem logo escrito no rosto!
Mas assim, desse jeito, cheio de coisas, de agonia?
Pode ser Poeta, mas não tem a vivência da Poesia!

ADERALDO

Eu bem que lhe dizia!

SIMÃO

Como é? Vai a ligeira ou a demorosa?

CLARABELA

A ligeira! Pelo menos acaba depressa!

SIMÃO

A senhora quer cantiga de bicho, de pau ou de gente?
Quer de estilo penoso ou de estilo amolecado?

NEVINHA

Simão, cante a cantiga do canário!
É tão triste, tão penosa, tão bonita!

CLARABELA

Ah, é? Então, eu quero essa! Sou louca por coisas românticas!
Sou a última abencerragem do Romantismo, não é, Simão?

Sei não!

Mas se a senhora é quem confessa, pra que vou eu desmentir?

Bom, vai a do canário, não é? É a mais “penosa”,
tanto porque é triste como porque é de canário
e canário tem pena! Rá, rá, rá! Lá vai:

“Lá de baixo me mandaram
um canário de presente.

O canário é cantador:
muito cedo acorda a gente.

Mandei fazer uma gaiola,
o carpina prometeu:
antes da gaiola feita,
meu canário adoeceu.

Mandei chamar um Doutor
com uma lanceta na mão
pra sarjar o meu canário
na veia do coração.

Na primeira lancetada
meu canário estremeceu.

Na segunda bateu asa,
na terceira ele morreu.

O enterro do meu canário
foi coisa pra muito luxo:
veio o gato da vizinha
e passou ele no bucho!

Comprei uma galinha
por cinco mil e quinhentos:
bati na titela dela,
meu canário cantou dentro!”

Então, Dona Clarabela, gostou?

CLARABELA

Joaquim Simão, você é um Poeta, um artista,
e com os artistas a gente deve ser sempre franca:
de modo que vou lhe confessar que não gostei!
Não gostei de modo nenhum, nem podia gostar!

SIMÃO, *à parte*.

Essa, eu já vi que é burra!

CLARABELA

Não há, na cantiga, nenhuma unidade de estilo
e a estrutura é muito mal amarrada!
O canto é sempre romântico, mas a história é misturada,
ora sentimental, ora metida a engraçada!
O enterro do canário, com aquele gato e aquele bucho,
francamente, é de péssimo gosto!
Quanto ao fim, é inteiramente sem sentido.
Como é que diz, mesmo?

SIMÃO, *recitando, de má vontade*.

“Comprei uma galinha
por cinco mil e quinhentos.
Bati na titela dela,
meu canário cantou dentro!”

CLARABELA

É, é inteiramente sem sentido!
Podia-se pensar num pouco de surrealismo
— talvez seja o que você pense! —

mas surrealismo com titela de galinha,
francamente, não convence!
Em suma e para resumir: no começo,
trivialidades *sem* pretensões;
no fim, sublitteratura *com* pretensões!

SIMÃO

Mas Dona Clarabela, a senhora
deve ser muito inteligente,
porque fala tão difícil,
que a gente chega esmorece!

CLARABELA

Ora, qual, meu caro Poeta! Que inteligência que nada!
Inteligente é você, que tem talento criador,
esse dom maravilhoso!
E que talento deve ser o seu!
Se for como o dono, é magro e anguloso!
Você disse que Aderaldo tem algo de peru...
Não sei se é verdade ou não, você é meio maldoso!
Mas sei que você tem algo de galo de briga,
com esse penacho e esse bico vigoroso!
Não gostei de sua primeira obra, mas você
deve ter outras coisas, com esse talento fabuloso!
Tem outro romance de bicho? É no estilo penoso?

SIMÃO

Tenho, mas é no estilo amolecado. Serve?

CLARABELA

Serve, como não? Vamos, dê lá o serviço!
Que é que você tem de melhor
de bicho e nesse estilo?

SIMÃO

Pra mim, é a “Cantiga dos Macacos”. Ouça lá:
“Havia um homem, no mundo,
que trabalhar não queria.
Pegou, botou um roçado
da distância de três dias,
pra produção da lavoura,
pra remissão da fami’a.

Na lavoura do roçado
alimentava seus filhos,
na beirada dum riacho,
na ribanceira dum rio:
os macacos deram dentro
e comeram todo o milho.

Ele tinha um cavalo
que pra nada mais prestava
e já vivia pensando
se vendia ou se matava:
botou dentro dum cercado
para ver em que é que dava.
O cavalo disse a ele:
— Não me mate, meu patrão.
Vou lhe mostrar que este velho
inda é de precisão.
Vou dar jeito nos macacos,
vou lhe dar definição.

Quando foi no outro dia,

que o sol já vinha saindo,
os macacos apareceram,
uns cantando, outros se rindo:
o cavalo se deitou
feito morto ou dormindo.

Disse aí um dos macacos:
— Esse, já chegou no porto!
O dono desse roçado
não tem mais esse conforto,
que o diabo do seu cavalo
amanheceu hoje morto!

Disse o chefe dos macacos:
— Pra esse eu já canto missa!
Vamos pra beira do mato,
tirar cipó sem preguiça,
que, com pouco, não se aguenta
o fedor dessa carniça.

Vamos pegar o cavalo
em nosso corpo amarrar.
Amarrando em todos nós,
a gente vai arrastar:
leva pra casa do dono,
que é pra se rir e mangar!

Pegaram a cortar cipó,
do mais pequeno ao maior:
bota-se o cipó mais grosso
na cintura de Jacó,
pois ele é o macaco-chefe,
fica com o cipó melhor!

Estando tudo amarrado,

o cavalo estremeceu.

Gritou: — Lascou-se o macaco!

Pai Jacó então gemeu:

— Aguenta, rapaziada,
que, arrastado, já vou eu!

Espera, cavalo velho!

— diz Jacó, na agonia —

dou-te água a toda hora,
milho três vezes no dia.

E quanto mais ele chorava,
mais o cavalo corria!

Quando o cavalo chegou perto,

deu um rincho de alegria:

saiu o dono da casa

com a mulher e a fami'a,

cada qual com seu cacete,

pra matar a macacaria!

Pegaram a matar macaco,

do mais pequeno ao maior!

O pau mais grosso, baixaram

na cabeça de Jacó:

que ele é o macaco-chefe,

leva a pancada maior!”

CLARABELA

Terminou?

SIMÃO

Terminou, sim senhora! Gostou!

CLARABELA

Não!

SIMÃO

Essa mulher, o que é, é muito da burra!

CLARABELA

Meu caro Simão, você não acha tudo isso *fácil*?

SIMÃO

Acho, sim senhora, mas é porque eu sou Poeta e sei fazer!

O resto do povo, por aí afora, acha difícil!

CLARABELA

Não, você não me entendeu! Não digo *fácil de fazer*,
digo *cheio de facilidades, fácil*, entendeu?

SIMÃO

Não entendi, não quero entender e tenho raiva de quem entende!

CLARABELA

Olhe, tem um momento em que, no folheto, você diz:

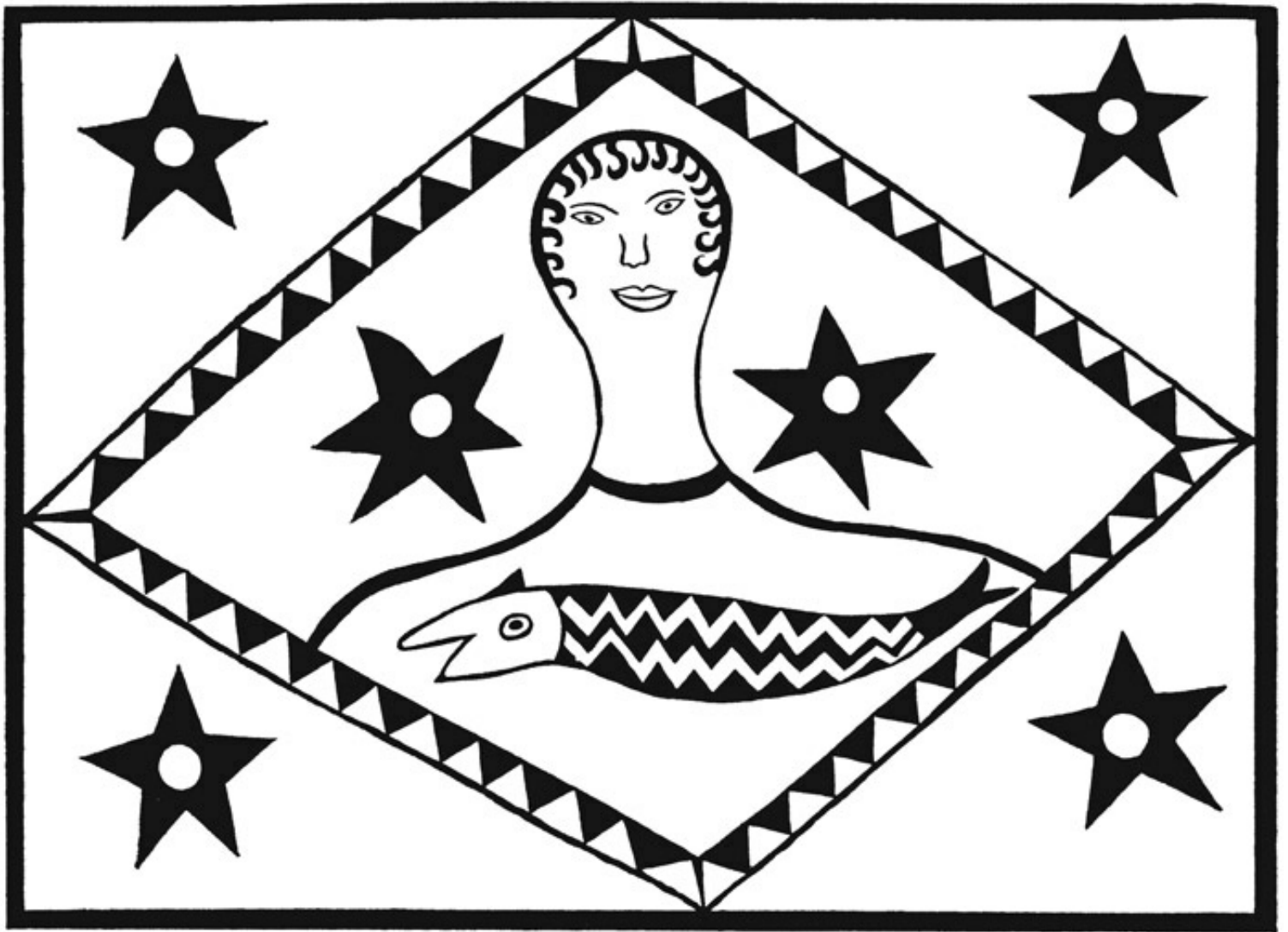
“Vou dar jeito nos macacos, vou lhe dar definição.”

O que é que quer dizer isso?

SIMÃO

Sei não senhora! Do jeito que pensei, botei!

Precisei da rima, do jeito que saiu, eu sapequei!



CLARABELA

Eu bem que desconfiei!
Isso não quer dizer absolutamente nada, Poeta:
foi uma fraqueza na invenção
que deu, como resultado, uma imperfeição formal,
uma falha estrutural!
E depois, no fim, vem aquela moralidade tola, *fácil*:
o macaco-chefe tendo privilégios no começo
mas, em compensação, recebendo maior castigo
no fim...

Além de ser, isso, um plebeísmo meio reacionário,
vê-se que você quer transformar a Arte num sermão!
Para resumir: você usa uma forma tradicionalista
e um moralismo de sermão:
eu, sou pela forma de vanguarda
e por um conteúdo mais consciente de participação!

SIMÃO

Está vendo, Nevinha? O que é que eu lhe dizia?
Essa mulher é uma jumenta sem mãe!

NEVINHA, *aflita*.

Simão! Dona Clarabela, não repare...

CLARABELA

Qual, qual, Dona Nevinha, não precisa explicação!
Os artistas e poetas são sempre um pouco suscetíveis,
principalmente esses do tipo “galo-de-briga”!
E como é puro, esse narcisismo dele! Os artistas são assim: no fundo, é um traço infantil!

SIMÃO

Traço infantil no fundo quem pode ter é a senhora!

CLARABELA

Ai, que coisa pura! Olhem, façamos o seguinte:
a senhora, Dona Nevinha, me leva em sua casa
e lá me mostra o que o Poeta tem escrito.
Não gostei dessas duas obras, mas posso gostar de outras,

doutra fase mais pura e primitiva!

Nós duas somos mulheres, vamos nos dar muito bem,
e lá dentro eu vejo o que Simão tem de mais bonito!

Você não vem, Aderaldo?

ADERALDO

Não, vou aproveitar e passar na Coletoria
e na agência do Banco, para saber se o dinheiro chegou.

Estou preocupado:

apliquei tudo o que tinha nesse gado

e os credores estão me esperando.

Vou ter um lucro tremendo na compra desses bois.

Tudo estava certo, mas será que, na remessa do dinheiro,
houve algum atropelo depois?

CLARABELA

Leve o cheque e vá saber!

ADERALDO

Não, eu vou lá, mas deixo o cheque.

Ele já está assinado.

Eu volto aqui para buscá-lo,

se o dinheiro já tiver chegado!

Não quero me arriscar a andar com o cheque,

é quase tudo o que possuo. Fique com ele,

guarde com cuidado.

Sai.

NEVINHA

E você, Simão? Vem?

SIMÃO

Eu, hein?

*Ô mulher, traz meu lençol,
que eu estou no banco deitado!*

*Deita-se no banco e adormece. As duas mulheres entram na casa. Entra em cena FEDEGOSO,
vestido de Frade, com um peru na mão.*

FEDEGOSO

Agora, aqui, convém
que o Mal assuma a roupa e o tom do Bem!
Ei, meu senhor! Acorde, por favor!
O senhor desculpe a chateação,
mas sabe me dizer onde mora
o poeta Joaquim Simão?

SIMÃO

Simão é este seu criado! A casa é essa, aí!

FEDEGOSO

E onde é que posso encontrar, santo homem,
a senhora Dona Clarabela Catação?

SIMÃO

Aí mesmo, em minha casa. Tá, eu nunca tinha visto
uma cobra assim, vestida de Frade: agora, já posso dizer que vi!

Dona Clarabela! Dona Clarabela!
Tem um Frade aqui, à sua procura!

CLARABELA, *da porta, falando primeiro para dentro.*

Continue dando a busca, Nevinha, que eu já volto.
Que há, Joaquim Simão?

FEDEGOSO, *em tom de canto gregoriano.*

Minha filha, a paz a tenha em sua guarda
e a senhora se conserve com os seus
em saúde e alegria!

CLARABELA

Ai, que coisa pura e autêntica!
Que amor de Frade o senhor é!
Só com esta saudação, em cantoria,
a gente se transporta para a Idade Média
com toda a sua poesia!

FEDEGOSO

Eu sempre fui meio poeta, santa mulher!
Vim a mandado de seu marido:
ele está na Coletoria!

CLARABELA

Eu sei, senhor Frade!

FEDEGOSO

Eu cheguei de Campina agora mesmo:
sou do Convento franciscano de Lagoa Seca.
Sem uma pessoa de confiança para o mandado,
seu marido recorreu a mim.
Ele não deixou com a senhora um cheque assinado?

CLARABELA

Deixou, santo homem!

FEDEGOSO

Ele mandou dizer que o dinheiro tinha chegado.
Mandou este peru que comprou na rua
e disse que a senhora mandasse matá-lo
para que vocês dois comemorassem, juntos,
na noite de hoje e com muita alegria
a chegada do dinheiro!

CLARABELA

Ai, que coisa pura e poética!
Não acha, santo homem?

FEDEGOSO

Acho, santa mulher!
Seu marido é, a seu modo, um Poeta!

CLARABELA

Ah, é! Só um gesto desse! Comemorar uma coisa,
desse jeito e com a mulher! Que coisa pura!

FEDEGOSO

Pois ele mandou fazer uma coisa mais pura ainda:
disse que a senhora mandasse o cheque por mim,
porque ele precisa pagar logo aos homens do gado
e concluir todo o negócio!

CLARABELA

Tome, o cheque está aqui! Ainda está quentinho,
estava guardado bem juntinho do meu coração.
Leve lá para Aderaldo essa joia valiosa
e diga a ele que eu estou ansiosa,
santo homem, para que tudo saia como ele quer!

FEDEGOSO

Ele vai ficar mais ansioso ainda, santa mulher!

CLARABELA

Então vá e leve, para ele não ficar esperando.
(*Canta, gregoriano.*) Reze por mim, santo homem!

FEDEGOSO

Rezarei! Faça outro tanto por mim, santa mulher!

Sai.

CLARABELA

Simão, eu vou lhe ser franca:

deixei sua mulher lá dentro de propósito,
porque queria ter uma entrevista, sozinha, com você.
Eu preferia à noite, é mais puro e mais poético!
Mas, se não tem outro jeito, faz-se, mesmo, à luz
do dia.
Ô Simão! Se eu quisesse conseguir
um amorzinho com você, podia?

SIMÃO

Dona Clarabela, a senhora não me tente não,
que eu tenho três fraquezas na vida:
preguiça, verso e mulher!

CLARABELA

Ai, que coisa pura! Agora, sim!
Agora estou vendo que você é Poeta!
Simão, o que é que você diz de mim?

SIMÃO

Primeiro, que a senhora
é uma mistura de cabra e cachorra.
Depois, que é branquinha e lisa!
A senhora é branca como macaxeira
e deve ser aproveitada
enquanto não vira maniva!

CLARABELA

Ai, aproveite, Simão! Me mate, enquanto eu sou Anjo!

SIMÃO

Ai, meu Deus! Só queria que Nossa Senhora me ajudasse para eu não cair nos embelecões dessa mulher!

CLARABELA

Oi, Simão, que é isso? Afracou?
Não me diga que você está com medo!

SIMÃO

Estou, Dona Caravela!

CLARABELA

Francamente! Era o que faltava!
Um rústico, medroso! Você é medroso, é?

SIMÃO

Sou! E lhe digo mais: tem que ser assim!
O homem, pra viver certo, tem que respeitar três coisas:
a mulher, o que é certo e Deus!

CLARABELA

Deus! Agora, sim! Era o que faltava! Ora Deus!
Isso é coisa superada, Simão!
Deus é uma ideia superada e obscurantista,
inventada pelos impostores e exploradores.
Pergunte a Aderaldo:
nós dois somos ateus e livres-pensadores!

Aderaldo é neoliberal
mas eu sou social-democrata!

SIMÃO

A senhora pegue com essas coisas, vá se fiando,
que quando der fé, está no Inferno das Pedras,
no terceiro caldeirão, chiando!

CLARABELA

Ih, que coisa anacrônica e vulgar!
Medo de Deus! E, ainda por cima,
medo da mulher! Que vergonha!

SIMÃO

Ah, Dona Clarabela, a senhora,
vinda assim de longe, nunca pode entender isso:
ela chora!
Nevinha gosta de mim,
e qualquer coisinha que eu faço com ela,
qualquer traiçãozinha, mesmo das pequenas,
ela abre a boca no mundo
e bota pra chorar de repente!
Se ao menos ela fosse ruim...
Mas ela é aquela coisinha boa daquele jeito!
Não tem coração duro que aguento!

CLARABELA

Ah, já vi que você é inteiramente medíocre,
um sujeito desclassificado, sem qualquer sensibilidade!
Pensava encontrar um puro, um Poeta, um original,

e lá vem você com inferno, medo,
Deus e amor conjugal!
Desapareça da minha frente! Não quero mais vê-lo!
Preguiçoso, medíocre, empulhador,
que quer passar por Poeta!

NEVINHA, *aparecendo à porta.*

Mas Dona Clarabela...

CLARABELA

Sumam-se, a senhora e seu marido!
Volto, hoje mesmo, para o Recife:
não espero nem para depois!
Eu não digo que ando sem sorte!
Me deslocar de tão longe para ouvir sermão e verso ruim!
Eu não estou dizendo! Sumam-se, todos dois!

Entra em casa, furiosa.

SIMÃO

Eita, vida velha desmantelada!

NEVINHA

Vida velha desmantelada, hein?
Vida velha desmantelada, o quê,
seu cabrito sem-vergonha?
O que eu quero saber, é como você
se saiu, aqui, com Dona Clarabela!
Estava com enxerimento para o lado dela,
não foi?

SIMÃO

Eu, Nevinha? Essa mulher tem cada uma!
Você não viu como Dona Clarabela me tratou?
Acha pouco?

NEVINHA

Olhe o santinho de pau oco!
Não venha com suas enroladas não,
viu, Simão?
Deixe de ser cínico e safado!
Quando eu entrei, ela parecia
uma gata vadia,
e você um cachorro assanhado!
Aqui houve coisa! Você catucou aquela mulher, Simão!

SIMÃO

Catuquei nada, mulher!

NEVINHA

Então, ela catucou você!

SIMÃO

Catucou nada, mulher!

NEVINHA

Catucou e você gostou,
que eu estou vendo pela sua cara!

SIMÃO

Você está doida, Nevinha! Eu não digo?
Essa mulher inventa cada coisa!
Não tem mulher sobrando, no mundo, assim não!
Eu sou um sujeito feio, já não sou mais rapaz,
tenho lá essa sorte de uma mulher
vir me futucar assim, sem quê nem mais?

NEVINHA

Ai, minha Nossa Senhora!
Como me sinto infeliz, de repente!
A coisa pior do mundo é ter um marido
que futuca a mulher dos outros e engana a gente!

SIMÃO

Deixa de choro, mulher! Acaba com isso!
Acaba com esse aperreio inventado!

NEVINHA

Eu só queria que Nosso Senhor me carregasse,
para eu não ver nunca mais
as safadezas desse safado!

SIMÃO

Mulher, vem pra dentro, que teu mal é sono!

Vem pra dentro, vem!

Vem, que teu mal é sono e o meu também!

Entra ADERALDO, rápido e eficiente.

ADERALDO

Clarabela! Clarabela!

CLARABELA, *saindo de casa.*

Que há?

ADERALDO

Me dê os parabéns, o dinheiro chegou!

CLARABELA

Eu sei! Eu não recebi o peru?

ADERALDO

O peru?

CLARABELA

O peru, sim! Aquilo é que foi um gesto
revelador de sentimentos enaltecadores!

Poeta é você, viu, Aderaldo?

Que delicadeza de sentimentos!

Que diferença de certos empulhadores!

ADERALDO

Hein? Está certo, obrigado. Agora, me dê o cheque!

CLARABELA

O cheque, o Frade carregou no bolso.

ADERALDO

Deixe de brincadeira, Clarabela!
Que Frade?

CLARABELA

O Frade que você me mandou,
para dizer que o dinheiro tinha chegado,
que me trouxe este peru que você comprou
e que levou o cheque,
como você ordenou!

ADERALDO

Eu não mandei Frade nenhum aqui!

CLARABELA

Minha Nossa Senhora! Meu Deus!

SIMÃO

É coisa superada, Dona Clarabela!

ADERALDO

Foi um ladrão! E você entregou o cheque?

CLARABELA

Entreguei! Eu ia, lá, desconfiar de um Frade?

ADERALDO

É a desgraça, o fim, o bátrio profundo!
A essas horas, o ladrão já deve ir longe!
É isso a Vida! Sou isso, eu! É isso, o Mundo!

SIMÃO

Está vendo, Nevinha? É, ou não é, o que eu vivo lhe dizendo?
Está aí: Seu Aderaldo juntou dinheiro a vida inteira,
tentando fazer a vida organizada.
Deu o sangue por dinheiro!
E de que foi que valeu? De nada!

CLARABELA

O senhor não tem vergonha
de escarnecer desse modo
do sofrimento dos outros?
O que é que você merece?

SIMÃO

Eu não estou escarnecendo nada, Dona Clarabela!
Agora, que parece castigo, isso parece!

CLARABELA

Então, estamos arruinados?

ADERALDO

Estamos. Tenho mais do que quando comecei.

Mas, descer das alturas em que estava...

Não, isso não vai ficar assim! Vou à Polícia!

SIMÃO

Homem, quer saber do que mais? Conforme-se!

O senhor mesmo diz que ainda tem muita coisa:

trabalhador como é, daqui a pouco está rico de novo!

Assim, console-se e vá se aquietar,

que pelo menos um peru você ganhou!

ADERALDO

Miserável! Canalha!

Agora, quer se vingar de mim, não é?

Mas você está enganado, folheteiro!

Vou pegar esse ladrão e recuperar o meu dinheiro!

Vai saindo.

SIMÃO

Homem, deixe de agonia! Você ainda não tem um baú?

Assim, fique junto de sua mulher, porque, como já disse,

você ganhou pelo menos um peru!

Sai ADERALDO, estendendo-lhe o punho, numa banana. Entra QUEBRAPEDRA, pelo outro lado. Vem vestido de cadenga de caminhão.

QUEBRAPEDRA

Cadê Seu Aderaldo?

SIMÃO

Saiu agora mesmo. Mas essa é a mulher dele.

QUEBRAPEDRA

A senhora é que é Dona Clarabela?

CLARABELA

Sou!

QUEBRAPEDRA

Vim correndo, mandado pelo Delegado!
O carro em que o tal Frade ia
estourou um pneumático na estrada,
e ele foi pegado!

CLARABELA

Graças a Deus, meu Deus!

QUEBRAPEDRA

Já está todo mundo na Delegacia, com o Frade preso,
e o Delegado mandou dizer que a senhora
mandasse o peru, para fazer-se o inquérito!

CLARABELA

Está aí, pode levar!

QUEBRAPEDRA *pega o peru e sai correndo.*
Volta ADERALDO.

ADERALDO

Parece que o caso é sem jeito.
A Polícia disse que não pode fazer nada!

CLARABELA

Não pode? E não pegaram o ladrão?

ADERALDO

Não!

CLARABELA

E quem era aquele calunga de caminhão?
O que é que quer dizer tudo isso?

SIMÃO

Quer dizer que devem ter rogado na senhora, Dona Clarabela,

a tal praga de urubu:
já tinham perdido o cheque,
perdeu-se, agora, o peru!

CLARABELA *e* ADERALDO, *desmaiando*.

Ai!

SIMÃO

Que azar mais desgraçado,
esse de Seu Aderaldo!
Só quem, estando com caganeira,
comeu semente de jerimum!
Pra mim, isso
ou foi praga de rapariga sarará,
ou então foi ele que pisou
no rastro de algum corno, em jejum!

Entram MANUEL, MIGUEL *e* SIMÃO Pedro.

SIMÃO PEDRO

Temos, então, a lição
de que a preguiça compensa!

MANUEL CARPINTEIRO

A lição não foi essa, Simão,
mas, sim, a de que é preciso
temperar sabiamente
o trabalho com a contemplação e o descanso.
Existe um ócio corrutor,
mas existe também o ócio criador.

MIGUEL

Ao mesmo tempo, nós passamos, aqui,
às nobres Damas e Cavalheiros,
nosso produto espiritual!

SIMÃO PEDRO

Não é que nós não reconheçamos
que alguns dos nossos concorrentes
podem também fabricar e vender
seus produtos, muito bem!
Mas é que o produto que não é garantido,
como o nosso, pela Fábrica original,
em pouco tempo relaxa, amolece e se estraga,
perde o predomínio natural!

MANUEL CARPINTEIRO

Assim, procuro, não impor, mas colocar
meu produto Providencial:
moralidade, religião,
fidelidade, esperança, obediência,
tragédia, drama e comédia,
amor de Deus e da Igreja,
poesia e diversão.

OS TRÊS

Aceitem nosso produto:
terão paz e salvação.

PANO

SEGUNDO ATO



O cenário é o mesmo do Primeiro Ato. Entram MANUEL CARPINTEIRO, MIGUEL ARCANJO e
SIMÃO PEDRO.

MANUEL CARPINTEIRO

O cavalheiro vai, agora, ver
as andanças da roda da Fortuna.
Já se viu como um Rico empobreceu:
veja-se agora, sob a luz do Santo,
— mas talvez contra o fogo deste Pássaro —
o que, por fim, ao Pobre sucedeu.
Que opinião vocês têm de Simão?

SIMÃO PEDRO

O que aconteceu, é o que eu dizia:
Simão é poeta e homem religioso!
É artista e Poeta até o osso!
Tem as suas fraquezas, reconheço!
Mas, quem não tem fraquezas neste mundo?
Ele não está só!

MIGUEL

Co-coró-cocó!

SIMÃO PEDRO

Que brincadeira mais besta!
Essa história do galo já está enchendo!
Neguei o Cristo mesmo, e daí?
A situação estava apertada, eu caí fora!
Mas depois, quando chegou a minha vez,
eu não venci o medo e não estava lá, na hora?

MANUEL CARPINTEIRO

É verdade, Miguel: ele ficou
e uma morte terrível suportou!

SIMÃO PEDRO

E depois, se eu não tivesse feito essas besteiras,
nunca mais ninguém admitiria uma fraqueza
no Comandante da Igreja!
Se o Papa escolhido não tivesse sido
um sujeito cheio de defeitos, como eu,
nunca mais ninguém iria entender que a Igreja
é a Igreja, seja quem for que estiver à frente dela.

MANUEL CARPINTEIRO

Está certa sua conversa.
Mas, agora,
o negócio é a briga entre o Rico e o Poeta.
Em que ficou ela?

MIGUEL

O moleque do Cão Coxo, disfarçado de Frade,
acabou com o dinheiro do Rico
e, em troca, um peru deixou.
Depois, chegou o Cão Caolho,
disfarçado de calunga de caminhão:
de volta, o peru levou.
Mas, com o que ainda ficou,
Aderaldo tudo de novo começou.
Ainda não está tão rico, não, mas vai se aprumando.
O homem é uma fera para trabalhar!

SIMÃO PEDRO

Ele é uma fera é para os outros enganar
e assim mesmo, pra ele, quando é pra ele ganhar!
Para os outros, não solta nada!
Quanto a ser uma fera, isso é mesmo. É até mais:
pobre que chega na porta dele só falta, mesmo,
levar uma dentada no céu da boca,
porque o resto, ele faz!

MIGUEL

Não, São Pedro, também não é assim não!
E depois, com o aperto que ele passou no roubo,
até se aproximou mais da religião!

SIMÃO PEDRO

Que conversa é essa? Esse tal de Aderaldo Catação
continua, inclusive, dando em cima
da mulher de Joaquim Simão!

MANUEL CARPINTEIRO

É possível? Vamos, então, ficar aqui, de novo
e ver o que vai se passar!

SIMÃO PEDRO

Acho bom. Com as ruindades desse Rico,
o Cão já está podendo dele se aproximar!
Se o negócio continua assim,
não vai dar bom não, vai arruinar!

MANUEL CARPINTEIRO

Sim, São Pedro, mas quer um conselho de amigo?
Cuide, você também, do seu protegido!
Joaquim Simão é preguiçoso que faz dó!
Por esse fato, só,
de ele se chamar Joaquim — o nome do meu Avô —
e Simão — o seu — não vou fechar meus olhos
para os defeitos dele, nem que você queira!
E outra coisa: você anda pensando
em enriquecer seu protegido!
Veja lá: não vá me estragar a escrita!
Nem você também, São Miguel: por favor!
Um pouco de pobreza não faz mal a ninguém!

SIMÃO PEDRO

Sim, mas é de *pobreza*, não é, Senhor?
Miséria, faz mal, e muito!
Não quero que Simão seja rico, quero somente
que, com o que ele escreve, ganhe o suficiente!
O homem é casado e tem quatro filhos:
vive, tudo, nem sei como!

MIGUEL

Por culpa dele, da preguiça dele!

MANUEL CARPINTEIRO

Deixemos a discussão,
para não scandalizar, aqui, o cavalheiro!
O que digo, já disse: não vão me estragar a escrita!
Vamos deixar o lugar para eles agirem

e depois veremos! Como está a Cobra?

MIGUEL

Está com a gota-serena, essa Maldita!

MANUEL CARPINTEIRO

Pois a função continua:
deixemos que esses dois ajam.
Você, Simão, não se meta!
Deixe que os dois, livremente,
sigam, por lá, seu caminho!

SIMÃO PEDRO

Contanto que São Miguel
prometa não se envolver!

MIGUEL

Você promete também
em nada mais se meter?

SIMÃO PEDRO

Prometo! Nem eu me meto
nem você! A gente deixa
o barco, livre, rolar!
Jesus decide a parada
depois de tudo julgar!

MANUEL CARPINTEIRO

Vamos, então, começar!

Saem. Depois de um instante, SIMÃO PEDRO volta e esconde-se. MANUEL CARPINTEIRO e MIGUEL ARCANJO voltam, à sua procura.

MIGUEL

São Pedro! São Pedro! Para onde terá ido?

MANUEL CARPINTEIRO

Nem está, nem responde! Onde estará?

Deve ter ido para casa!

Vamos para o Céu! Ele deve estar lá!

Saem. SIMÃO PEDRO sai do esconderijo.

SIMÃO PEDRO

Saíram! Até que enfim!

Agora, eu entro com meu jogo,
faço meu passo miúdo!

Nosso Senhor, certamente, me viu:
ele vê e sabe tudo!

Então, se me deixou aqui, é porque
não está, de todo, contra mim!

E, se é assim,
agora é que eu vou mesmo!

Com Deus, eu vou até o fim!

Não estão vendo que eu não vou deixar
esse pobre passar aperto e privação?

Logo um homem chamado Joaquim
e que tem o mesmo nome que eu, Simão!

Simão, que nome simpático!

Parece, até, que estou ouvindo meu Pai gritar:

“Ô Simão, vai ali no Lago de Genezaré,
e me pega umas traíras para o jantar!”

E eu vou deixar um homem chamado Simão
passar necessidade? Eu não!

Vou me esconder por ali,
disfarço, dou uma mão,
e quando menos esperarem
entro em cena e dou um jeito
nessa miséria de Joaquim Simão!

Esconde-se. Entra MIGUEL ARCANJO, também com jeito de quem vem fugindo e com um grande saco às costas, saco cheio dos disfarces de que ele precisará depois. Esconde-se.

Entra MANUEL CARPINTEIRO.

MANUEL CARPINTEIRO

São Miguel! São Miguel! É engraçado!

Um é um Santo, o outro é um Anjo,
o que quer dizer que todos dois fiam fino!

Mas, comparados comigo, não passam de dois meninos!

Querem ver eu dizer onde eles estão?

Está São Pedro aqui e São Miguel ali, é ou não é?

Modéstia à parte, é onisciência muita!

Mas vou deixar os dois no doce engano!

Assim, eles, sem saber, servem melhor a meu plano!

Eles que fiquem. Cada qual que trabalhe para um partido:

no fim, sai tudo como quero

e hei de aclarar o sentido!

Sai. Entra JOAQUIM SIMÃO, com a viola.

DONA CLARABELA aparece à janela da casa do rico e SIMÃO canta-lhe uma espécie de seresta sertaneja.

SIMÃO

Quem sou eu, não te digo, Donzela!
Quem sou eu, não te posso dizer!
Sou um lírio do céu, esgalhado,
já cansado de tanto sofrer!
Era uma virgem que tanto eu amava
e eu, por ela, padecia dor!
Nunca mais que a sombra dela eu via,
bateu asa e para o céu ela voou!
Quem sou eu, não te digo, Donzela!
Quem sou eu, não te posso contar!
Sou um lírio do céu, esgalhado,
que o vento carrega pro Mar!

DONA CLARABELA *atira-lhe um beijo com a ponta dos dedos e entra em casa.* ANDREZA
entra em cena.

SIMÃO

Eita, vida velha desmantelada!

ANDREZA

Bom dia, Seu Simão!

SIMÃO

Menino, salvou-se uma alma: Dona Andreza falando comigo!
Bom dia! Que é que há, Andreza?

ANDREZA

Andreza, não! *Dona* Andreza!
Deixe, lá, de liberdade, viu Seu Joaquim Simão?
Gosto de ser respeitada!

Falei, mas não foi para o senhor vir com enxerimento não!

SIMÃO

Mas, minha filha, me diga, eu posso?

Ela fica logo azeitada!

Isso é que é uma freipa de mulher escorropichada!

ANDREZA

Seu Simão,

não se meta pra meu lado não!

Eu dou-lhe uma tapa na cara!

Olhe, se convença logo: comigo, o senhor não arranja nada!

Fique-se com Dona Clarabela!

Olhe, eu vou lhe ser franca, Seu Simão:

se o único homem que existisse no mundo fosse o senhor,

eu preferia morrer donzela!

SIMÃO

Então, o que é que vem ver aqui?

Por que não deixa minha casa em paz?

Só vive na minha porta, cheia de cochichos para minha mulher,
parecendo um Anjo mau...

A senhora me foi franca:

eu vou ser franco também!

Você desabe daqui!

Senão, um dia eu me afobo

e cubro você no pau!

O que é que a senhora anda procurando aqui?

ANDREZA

Um dia, o senhor saberá! Agora, por enquanto,
o que vim fazer foi lhe dar um recado.
A tal da Dona Clarabela engraçou-se do senhor,
porque, não sei, Seu Simão!
E quer saber, pela última vez,
se o senhor topa a parada dela, ou não!

SIMÃO

Ah, já entendi tudo, então!
Quer dizer que o trabalho da senhora é esse, hein?
É por isso que a senhora vive aqui pelos cantos,
cochichando com minha mulher, hein?
Quer ver se enrola a minha, Nevinha,
enquanto me arranja a outra, hein?

ANDREZA

O que eu trago na cabeça
o senhor logo verá,
se é que ainda não viu!
Depois, olhe bem, e veja
o que apareceu na sua, viu?

SIMÃO

Hein?

Entra CLARABELA por trás dele e fica ouvindo.

ANDREZA

Vá vá vuta que o variu!

SIMÃO

Hein?

ANDREZA

Nada, falei não!
O fato, mesmo, Seu Simão,
é que você é um frouxo de marca maior!
Está é com medo de topar Dona Clarabela
porque nunca viu uma mulher fogosa como aquela!
Aí, vem com essa frescura de que sua mulher é boazinha,
que chora, que o senhor fica com pena,
e que “ai Nevinha”!
e não sei que mais!
O senhor está com medo é das duas, de uma vez!
De Dona Nevinha, porque todo homem tem medo da mulher,
mesmo o mais botocudo!
E está com medo de Dona Clarabela, porque ela
é parada indigesta, com piteira e tudo!

SIMÃO

Dona Andreza, você me deixe de mão!
Não venha me esculhambar, não,
se não eu mostro a essa tal de Clarabela
que o mundo não é o que ela está pensando não!

CLARABELA

Ai, que Simão vai me mostrar como é o mundo!
Mostre, mostre, Simão! Quero esgotar a taça do prazer
até o fundo!

SIMÃO, *circunspecto e tímido*.

Dona Caravela, bom dia!

CLARABELA

Bom dia? Só?

É o mais que você acha, para me dizer?

Você não estava me ameaçando?

Eu adoro ser ameaçada!

E adoro, mais ainda, quando vejo
a ameaça realizada!

Venha! Realize a ameaça!

SIMÃO

Dona Caravela, bom dia! Como vai Seu Aderaldo?

ANDREZA

Homem, deixe de ser frouxo!

Vá lá, agarre essa bicha!

Pega! Lasca! Dê-lhe uma chamada!

SIMÃO

E é? Assim, de repente?

ANDREZA

E então? Com mulher dessa qualidade
o negócio é atracar!

Chegue lá, dê uma atracada nela,

dê-lhe uma chamada boa, que ela vai gostar!

SIMÃO

Mas o que é que eu digo?

ANDREZA

Você chega lá, atraca,
e depois faz uma declaração de amor!

SIMÃO

É mesmo, eu vou!
Dona Clarabela, declaração de amor!

CLARABELA

Ai, que coisa pura! Nunca pensei ouvir isso!
Andreza, tome aqui esse dinheiro por seu bom serviço.
E, agora, me deixe só com o Poeta! (*Sai ANDREZA.*)
Joaquim Simão, gostei muito
da maneira afetuosa
com que você me saudou.
Como vai esse homem belo?
Como vai, com esse corpo,
com esses braços tão compridos,
tão angulosos e ossudos?
Como vai, com essa barriga
reentrante e inexistente,
tão popular e tão pura?
E a sua autenticidade?
Como vai, com tudo isso
que, para mim, representa

tentação e novidade?

SIMÃO

Vou meio doído, Dona Clarabela!
A minha luta é danada, não tem quem aguento!
Acordei inda agora, tomei um cafezinho,
fiquei por ali vendo uma coisa, outra,
espiando a maçaranduba do tempo,
peguei minha viola,
toquei, aqui uma cantiga para a senhora,
escrevi um pedaço de folheto, um repente...
Uma luta dessa, não tem quem aguento!
Olhe, Dona Clarabela, pobre nasceu pra penitente!
Estou todo doído! Esta vida de poeta, é, mesmo, uma bosta!

CLARABELA

Coitado, que coisa horrível!
Simão, vou lhe fazer uma proposta!

SIMÃO

Dona Clarabela, fale baixo, que Nevinha pode ouvir!
O que é isso que a senhora quer fazer comigo?
Proposta?

CLARABELA

Calma, homem puro! Proposta
é uma pergunta que se faz,
para saber se a pessoa aceita ou não aceita,
gosta ou não gosta!
Que homem mais horroroso!

Ficou logo botando maldade, hein, maldoso?

SIMÃO

A senhora não explica! E qual é sua proposta?

CLARABELA

Você não disse que está com o corpo doído?

SIMÃO

Disse, Dona Clarabela!

Não há quem aguento essa luta de escritor e Poeta!

CLARABELA

Pois aqui vai minha proposta:

você deite aqui no banco,

que eu vou lhe dar uma massagem nas costas!

SIMÃO

Uma massagem? O que é isso?

CLARABELA

Você se deita aqui, eu pego você por trás,

vou amolegando assim,

vou amolegando mais,

devagar, bem devagar

como quem prepara massa!

Agrado, esfrego, amolego:

a dor, num instante, passa!

SIMÃO

Minha Nossa Senhora, me ajude,
senão eu caio no chamego dessa mulher!

CLARABELA, *impaciente*.

Não quer não, é?

SIMÃO

Dona Clarabela, isso é pecado!

CLARABELA

Lá vêm as besteiras desse atrasado!
Eu não já lhe disse que não existe pecado?
Olhe, quer saber de uma coisa, Simão?
Eu hoje não acabo o dia sem dar uma massagem
nas costas de um rústico, de jeito nenhum!
Se não for você, será outro, que já mandei contratar!
Assim, aproveite! Quer ou não quer? Se não quer,
diga, que eu mando buscar logo o vaqueiro Fedegoso!
Mas eu prefiro você! Inventei de dar massagem
hoje, num rústico qualquer, e aquele que escolhi
por sua autenticidade,
por sua angulosidade,
rusticidade e pureza
foi você! Quer, ou não quer?
Venha! Deixe de ser frouxo!
Está com medo da mulher?
Olhe, eu vou amolegando,

como quem prepara massa,
agrado, agrado, a dor passa!
Quer?

SIMÃO

Ai, quero!

CLARABELA

Então, venha cá! Não tenha medo!
Não é pecado nenhum!
Está vendo? Vai, e vem!
Suas dores passarão,
minhas angústias também!
Venha, venha! Sim, assim!
“Carneirinho, carneirão, é de São João!
É de cravo, é de rosa, é de manjerição!
Carneirinho, carneirão, é de São João!
É de cravo, é de rosa, é de manjerição!”
Está bom?

SIMÃO

Está ótimo!

CLARABELA

“Carneirinho, carneirão, é de São João...”

NEVINHA *aparece na porta da casa. SIMÃO avista-a, dá um pulo e começa a dançar.*

SIMÃO

Ai! “Carneirinho, carneirão, é de São João,
é de cravo, é de rosa, é de manjerição!”
Está vendo, Dona Clarabela?
É assim que se dança o xaxado!

CLARABELA

Oxente, Simão! Você ficou doido?

SIMÃO, *sempre dançando e cantando.*

Carneirinho, carneirão, minha mulher está olhando,
carneirinho, carneirão, ela vem chegando!

CLARABELA

Ai!

Corre para dentro de sua casa.

NEVINHA

Simão, seu peste, seu condenado!
Agora, eu peguei!
Meu Deus, como sou infeliz! Dediquei
toda a minha vida a meu marido,
para, depois, descobrir que ele é um safado!

SIMÃO

Mas Nevinha, você já vem de novo com suas coisas!
O que foi que eu fiz, pelo amor de Deus?

NEVINHA

Você deixou Dona Clarabela catucar você!

SIMÃO

Mas mulher, já é essa história de catucado de novo?
Que maluquice mais sem juízo é essa?
Quer dar em mim, quer? Dê!
Eu não já disse que a única mulher
que eu deixo me catucar é você?

NEVINHA

E eu não vi não?

SIMÃO

Você viu? Que mentira! O que foi que você viu?

NEVINHA

Vi você, aí todo derretido
e Dona Clarabela futucando suas costas!

SIMÃO

Menina, deixa de ser doida! Você não está vendo
que essa história não tem sentido?
Você sempre será ameninada,
a menininha, querida do marido!

NEVINHA

Vá pra lá, tarado! Não quero mais nada com você!
Deixar uma *cabra* daquela catucar suas costas!

SIMÃO

Que catucar que nada, mulher! Eu estava era ensinando
Dona Clarabela a dançar o xaxado de São João!

NEVINHA

Não meta São João em suas safadezas não, safado!
Ateu, ímpio, incrêu, herege, condenado!

SIMÃO

Mulher, deixa disso! É uma injustiça tão grande
que chega a bradar aos céus! Você, me caluniando!
Eu estava era ensinando!
Assim, olhe: “Carneirinho, carneirão, é de São João,
é de cravo, é de rosa, é de manjericão.”
Quando ela estava começando a aprender o ritmo,
ali no banco, e ia começar a dançar,
você chegou, na horinha,
e meteu logo na cabeça que era safadeza minha!

NEVINHA

Mentira, Simão!

SIMÃO

Juro, Nevinha,

minha oncinha,
minha ovelhinha branca, amor de meu coração!

NEVINHA

E você não me enganou não?

SIMÃO

Nevinha, vou jurar, pra você não duvidar:
eu nunca lhe botei um chifre, nem hei de botar!

NEVINHA

É mesmo, Simão?

SIMÃO

E então? Agora, em troca dessa minha bobagem,
de minha fidelidade, você precisa ser sempre carinhosa,
amiga e camarada, que é para me dar coragem!
Até parece que você está gostando menos de mim...
Nunca mais me deu um agrado, um cafuné, uma massagem...

NEVINHA

Massagem?

SIMÃO

Sim! Não sabe o que é massagem não?
Ah, você está muito atrasada!
Você pega minhas costas por aqui,

vai agradando, catucando,
amolega pr'um lado, puxa pro outro lado...

NEVINHA

Simão, safado!
Isso foi Dona Clarabela que ensinou a você!

SIMÃO

Deixa de doidice, mulher! Isso eu li,
num livro que chegou de Campina, e aprendi!

NEVINHA

Foi mesmo?

SIMÃO

Foi! Você me dá uma massagem?

NEVINHA

Dou! Agora, tem uma coisa: se eu descobrir
que você está me traindo,
eu furo seus olhos e boto chumbo derretido
em seu ouvido,
quando você estiver dormindo!

SIMÃO

Deixa de valentia, Nevinha, que brabeza não combina com você!

Vamos tirar uma pestana, que o mal da gente é sono!

Vamos dormir, e acabe com essa história!

NEVINHA, *abraçada a ele*.

Não tem jeito não, meu Deus!

Esse homem é minha fraqueza e minha glória!

Entram em casa, abraçados. Em cena, entram ANDREZA e ADERALDO.

ADERALDO

E Nevinha? Continua sem querer nada comigo?

ANDREZA

Continua! Já fiz tudo! Parece que não há jeito!

ADERALDO

Ela sabe que eu estou enriquecendo novamente?

Digamos que eu já tenha duzentos mil contos!

Você já imaginou o que é isso?

São duzentas mil notas de um conto

empilhadas uma em cima da outra! É uma beleza!

Com dinheiro, pode-se comprar a terra,

o ar, a água, o fogo, toda a natureza!

Com dois anos de trabalho,

vendendo e matando gado,

emprestando meu dinheiro

a troco de juros fortes,

eu vou terminar mais rico

do que era antes de o Frade

desgraçado me roubar!

Que diz você? Que é que acha?

ANDREZA

Acho o plano muito bom!

ADERALDO

E Nevinha? Cairá?
Tenho uma sede danada
nessa mulher. Que será?

ANDREZA

É quebranto! Passa logo!
Nevinha está começando
a desconfiar do marido
por causa de certas coisas
que andou assistindo aqui!
Vou jogar lenha no fogo!
Mulher casada e ciúme
é coisa pra cai-não-cai!
É o tempo em que o senhor
fica, de novo, bem rico!
Ela vai abrir a boca
com a sua eficiência:
dá-se, então, um empurrãozinho
e ela, docemente, cai!

ADERALDO

Eu abro os braços e aparo!
Ai, Cão, que felicidade!
Mas meu trunfo principal

é a pobreza do marido,
a preguiça de Simão.
Passando necessidade
e vendo como estou rico,
Nevinha se abala e cai
na armadilha dos meus braços!

Saem. Entra SIMÃO PEDRO.

SIMÃO PEDRO

Pois sim! Vocês vão pensando!
Quem disse que eu vou deixar?
Fica tudo em minha mão!
Vou tomar minhas providências
e ninguém chifra Simão!
Lá vem ele!

Esconde-se de novo. Entram SIMÃO e NEVINHA.

SIMÃO

Então? Sou bom marido, ou não?

NEVINHA

É, filhote! Eu nunca disse o contrário!

SIMÃO

Disse, meu bem! Você foi muito injusta!
Eu, um Poeta, um *autêntico*, um *puro*,
e você me acusando assim, sem saber, no escuro...

NEVINHA

Meu filho, me perdoe! Eu também posso me enganar!
É que gosto tanto de você, que às vezes fico com ciúme!
Dona Clarabela é inteligente, bonita, rica, tem estudo...
Eu não sei nem conversar com você
sobre os *romances* e *folhetos* que você faz!
Ela, não! Sabe tudo!

SIMÃO

Sabe tudo, uma merda!
Aquilo é uma jumenta sem mãe!
É burra de fazer pena!
Eu não digo! Uma desgraçada
ruim como Dona Clarabela,
chifrando o marido como chifra,
e ainda se acha com o direito de dizer
que minha poesia é ruim! Ruim, é ela!

NEVINHA

É mesmo, meu filho! É uma peste, aquela Clarabela!
Não queira mais negócio com aquela mulher!
Acho que você não deve mais nem mostrar
a ela o que você fizer!
E aquilo é burrice dela!
Sua poesia é linda!

SIMÃO, *satisfeito*.

Você acha?

NEVINHA

Demais! A do canário, toda vez que você canta,
me dá vontade de chorar!
E a dos macacos é tão engraçada!

SIMÃO, *lisonjeado*.

Nada! Isso é porque você gosta de mim!

NEVINHA

Juro que não, Simão! Você pode acreditar!
É que eu, mesmo, acho você um Poeta maravilhoso!

SIMÃO

É mesmo, Nevinha?

NEVINHA

É o maior que eu conheço!
Eu lhe digo com franqueza:
tenho ouvido poesia
e tenho lido folheto
de Leandro Gomes de Barros,
de Inácio da Catingueira,
de Silvino Pirauá,
de José Camelo e Dila,
de Jé, de Sales Areda,
dos Romanos, dos Batistas;
são, todos, maravilhosos:
mas o maior, mesmo, é você!

SIMÃO

Nevinha, muito obrigado!
Você não sabe a alegria
que me dá, dizendo isso!

NEVINHA

Agora, eu lhe sou franca, Simão:
do jeito que digo o que acho,
no que não acho dou a minha opinião.

SIMÃO

E o que é que há?

NEVINHA

Por que você não deixa a poesia
para as horas vagas e não vai trabalhar?

SIMÃO

Agora, já começa a dizer besteira!
Trabalhar pra que, mulher?
Trabalho não me convém!
O que tiver de ser meu
às minhas mãos inda vem!
Se trabalho desse lucro,
jumento vivia bem!
Eu vejo esse povo que se mata,
pensando que ser burro de carga
é tudo no mundo:
quando estouram, deixam tudo
e, ainda por cima, perderam a alma
e caem no Fogo profundo!

NEVINHA

Sabe que é capaz de você ter razão?
Mas então vamos, pelo menos,
nos mudar para outro lugar.
Talvez, aí, nossa situação
inda venha a melhorar!

SIMÃO

Mulher, se há uma coisa
que eu tenho no mundo é juízo
e, graças a meu bom Deus,
o juízo que ele me deu
eu ainda guardo aqui quase todo!
Se eu estou mais ou menos aqui
pra que ir pra outro lugar?
Pedra que muito rebola
nunca pode criar lodo!

NEVINHA

Sabe do que mais, meu Quincas?
Você é quem está certo
e perdoe sua mulher!
Se aqui nós vamos vivendo
da maneira que Deus quer,
talvez seja até melhor
nem pensar nessa viagem!
Mas, também, tome coragem:
vamos botar um roçado!
Planta-se milho, algodão,
arroz, batata, feijão,
em casa, eu ajeito um cortiço,
e, quando chegar agosto

que é o mês melhor para isso,
estando tudo tratado,
tira-se o algodão branquinho,
o feijão castanho, o mel dourado!

SIMÃO

Mulher, deixe de loucura
que eu sei isso como é:
a gente limpando mato,
vem a cobra e morde o pé!
O Sol acaba a lavoura:
nem preá e nem mundé!
Trabalho sustenta a gente
mas é só pra serventia,
é a obrigação do mundo
no suor de cada dia!
E eu trabalho: penso, escrevo,
invento, na Poesia,
crio histórias para os outros,
espalho alguma alegria,
espanto a treva do Mundo
que em meu sangue se alumia
dou beleza ao crime e ao choro...
É pouco, mas tem valia!

NEVINHA

Está certo, meu bem, está certo.
Você é quem tem razão
e sou eu que estou errada!
Mas o jantar de hoje à noite?
Não se esqueça dos meninos:
está crescendo a ninhada!
E para o jantar em casa

nós, hoje, não temos nada!
Pegue ali sua espingarda
e vá pro mato caçar.
Vá matar uma codorniz,
um mocó ou um preá!
Só não traga punaré!
Mas um tatu, ou um tejo,
nambu, rolinha, asa-branca
você encontra e, encontrando...

SIMÃO, *imitando uma espingarda*.

Pá! Pá! Pá!

NEVINHA

Isto! Ferro na pedra, fogo no ar!
Você mata tudo isso,
traz pra casa o que caçar:
de noite eu faço o pirão
para a família cear!

SIMÃO

Parece até que já estou vendo a caçada!
Que caçada desgramada!
Eu vou seguir seu conselho
e me botar no caminho!
Mas me diga: eu estou no mato;
vou matar um passarinho;
pode lascar a espingarda:
o tiro sai da culatra
e acaba com seu velhinho!
Não tem batata de imbu?

NEVINHA

Tem!

SIMÃO

Pois pise e passe no ralo:
junte água quente e pimenta
e faça aquele pirão
o tal “cabeça de galo”.
A filho de pobre, não falta fome!
Garanto que todos eles comem
e ainda acham que é regalo!

NEVINHA

Está certo, meu filhote:
para o jantar, isso dá!
Mas a sobremesa? É possível
que os pobres dos nossos filhos
não tenham direito nem a uma coisinha
para adoçar o jantar?
Vamos ali ao angico:
hoje, eu passando por lá,
vi na terra um capuxu
que é o mel melhor que há!
Mel doce, limpo, cheiroso,
na terra, pra se tirar,
mel de ouro, favo claro,
e a cera, pra se guardar!
Ali, perto duma pedra,
dentro da terra a zoar,
está esse capuxu
— cera, mel e samburá!
Vamos, então, ao angico

para esse enxu arrancar!

SIMÃO

Eu não vou não, molecota:
você vá só se quiser!
Só como coisa salgada:
coisa doce é pra mulher!
E eu não entro nesse jogo!
Capuxu é uma desgraça,
é a abelha que mais morde!
O ferrão dela tem fogo!
Eu tenho medo do acaso,
este Mundo é um perigo,
a Morte vigia todos,
o Tempo é nosso inimigo
e quem se abre pra isso
não tarda a ter o castigo!
Em cada lugar do Mundo
Caetana nos espreita,
nos olha a Morte vermelha:
quem sabe se ela não chega
no ferrão dessas abelhas?

NEVINHA

Que marido mais sabido!
Está certo, Joaquim Simão!
Mas deixe, então, que eu discuta
seguindo outra direção.
Você não sabe onde é
o Poço de João Dinis?
Hoje eu fui lá, lavar roupa,
e achei a casa dum peba.
Vamos lá, tirá-lo, juntos?

SIMÃO

Você está doida, Nevinha!
O povo diz, por aí,
que peba come defunto!
Depois, tem que ser de noite:
perdemos nossa dormida!
Ele engana a gente, foge,
fica a viagem perdida
e lá vem, de novo, a morte:
uma cascavel nos morde,
lá a gente perde a vida!

NEVINHA

Pensando bem, é verdade:
não escute o que eu dizia!
Mas lá no Poço tem peixe:
nem é sujo, como o peba,
nem morde como as abelhas!
Vá fazer uma pescaria!

SIMÃO

Eu sou é ruim na tarrafa!
Se inda fosse jereré!
E, mesmo, esse poço é fundo
que não há quem tome pé:
a gente vai é passar
no papo do jacaré!
Sabe do que mais, Nevinha?
Forre o chão com a esteira
e vamos, nela, dormir.
Hoje eu canto numa casa,
já mandaram me pedir!

Com certeza o dono paga
na hora em que eu for sair.
E mesmo que nada paguem,
Deus há de tudo suprir.
Por enquanto, estamos vivos:
então está tudo bem.
Trabalhar, cansa e dói muito,
coisa que não me convém.
Se a Fortuna nos quiser,
de qualquer modo ela vem!
E sabe do que mais? Deixe dessa conversa,
que eu já estou ficando com o juízo aperreado!
*Ô mulher, traz meu lençol,
que eu estou no banco deitado!*

Deita-se e adormece.

NEVINHA

Meu Deus! Que vida, esta nossa!
Será que tenho razão
ao me conformar com tudo
e obedecer a Simão?
Sofro, não só da pobreza,
mas também na consciência:
pra ser boa pro marido
estou sendo ruim para os filhos
que padecem na inocência!

Entra em casa, chorando. Aparecem QUEBRAPEDRA e FEDEGOSO, vestidos de Vaqueiros e puxando ANDREZA, que vem andando de quatro pés e disfarçada de Cabra, com máscara e chifres.

FEDEGOSO

Ah, cabra dos seiscentos diabos!
É possível que ninguém queira uma cabra?
Tenho que viajar depressa,
a cabra está atrapalhando
e eu não acho uma pessoa
que queira ficar com ela!
Não há ninguém nesta praça?

QUEBRAPEDRA

Quem quer uma cabra? É dada de graça!
Cabrinha boa, leiteira,
cabriteira, bodeira,
é uma cabra de primeira!

FEDEGOSO

Alguém tem um pobre para ajudar?
Uma família com fome? Um homem pra auxiliar?
Esta é a hora! Quem quer uma cabra
que não pode viajar?

SIMÃO PEDRO *aparece, meio desconfiado.*
Os dois põem-se de costas.

SIMÃO PEDRO

Amigo, ouvi você gritar!
Que história é essa? Aqui já se dá cabra?
Dá pra desconfiar!

QUEBRAPEDRA

É pra pegar ou largar!

Estamos de viagem, apareceram uns problemas,
e a cabra está atrapalhando!
Queríamos dá-la a alguém,
mas só a quem estiver precisando!
Se o senhor conhece alguém
que esteja passando necessidade,
faça o favor de lhe dar essa cabra!
Tome, tenha a bondade!



SIMÃO PEDRO

Mas por que estão de costas?
Estão desconfiando de mim?

FEDEGOSO

Deixe de perguntas!
Se quiser a cabra, diga logo:
meus negócios são assim!
Não estamos obrigados a explicar
nossos modos a ninguém!

SIMÃO PEDRO

Está bem, calma! Está bem!

QUEBRAPEDRA

O senhor conhece alguém
em condições de ficar com a cabra?
Alguém que esteja passando fome
e passando precisão?

SIMÃO PEDRO

Conheço! É um homem que mora aí,
chamado Joaquim Simão!

QUEBRAPEDRA

Pois, então, lhe dê a cabra!

SIMÃO PEDRO

Esperem, que vou chamá-lo.

FEDEGOSO

Não! Temos pressa!

QUEBRAPEDRA

Olhe o galo!

FEDEGOSO

Co-coró-cocó!

Saem correndo e rindo zombeteiramente.

SIMÃO PEDRO

Que quererá dizer isso? Que gente mais esquisita!
O ruim, nisso tudo, é que quando agimos
por conta própria
perdemos alguma coisa das nossas faculdades!
Será que esses dois Vaqueiros têm parte com o Cão?
Cuidado, velho Simão!
Ficaram de costas pro meu lado o tempo todo!
E essa cabra? Será que tem parte com o Diabo?
Vou fazer uma cruz, de repente:
se ela estoura, eu desabo!
Cruz!

ANDREZA levanta uma mão bem à vista do público e coloca o dedo médio por cima do

indicador, “isolando”.

ANDREZA, *baixo*

Isola!

SIMÃO PEDRO

Nada! Vou fazer outra tentativa:
Cruz! Nada! É tolice não aproveitar!
Vou me disfarçar de tangerino
e dar a cabra à mulher de Simão!
Assim, de uma vez só,
ajudo o Poeta a sair da miséria
promovendo o casal para uma pobreza honrada,
e ajudo a mulher dele a não ser tentada
pela riqueza desse miserável
que quer vê-la desonrada!
Cuidado, Simão!
Mas, mesmo que tenha sido coisa do Cão,
o que esse besta não sabe
é que, acima de mim, existe uma Judia,
uma Virgem, uma Mulher,
e acima dela existe Deus, que pode
se aproveitar até do Cão, quando quer!

Bota um chapéu de couro e um paletó de mescla azul e começa a cantar, aboiando.

SIMÃO PEDRO

Eu me chamo Simão Pedro,
minha vida é viajar,
tangendo meus bois e bodes,
sempre de cá para lá!

Quando corro atrás de um bicho
é, mesmo, pra derrubar!
Ê, luar mansinho!
Ê-boi, fasta boi!
Ê-boi, ê-ôï!

NEVINHA *aparece à porta.*

NEVINHA

Quem está aí, cantando?

SIMÃO PEDRO

Dona, aqui na sua porta
eu ia agora passando,
tangendo um bando de cabras,
tirando verso e aboiando,
quando avistei a senhora,
dentro de casa, chorando!
Eu estou penalizado
com a pobreza que vejo
aqui, nesta moradia!
Tome esta cabra leiteira:
é a melhor com que eu ia!
Trate dela com cuidado
que ela há de lhe servir muito:
a senhora terá leite
pra família, todo dia!

NEVINHA

Mas meu senhor, que bondade!
Ah, moço, muito obrigada!

Acorde, Joaquim Simão!
Meu Deus, que sono horroroso!
Acorde, Simão, meu filho!
A gente ganhou uma cabra!

SIMÃO, *acordando imediatamente.*

Hã? Quem foi esse caridoso?

NEVINHA

Foi aqui o tangerino,
homem decente e bondoso!

SIMÃO

Então, mulher, uma cabra, hein?
O que era que eu lhe dizia?
Meu senhor, muito obrigado!
Pode me dizer seu nome?

SIMÃO PEDRO

Simão Pedro, seu criado!

SIMÃO

Não diga! Somos xarapas!
Ou melhor, quase xarapas!
Com isso está explicado!
Você, meu caro, é meu chapa!
Meu nome é Joaquim Simão!

SIMÃO PEDRO

Muito prazer!

SIMÃO

Ô Seu Simão, não repare não,
mas eu tenho uma mania
de descobrir parecenças
entre as pessoas e os bichos!
O senhor parece um touro,
mas desses bons de mourão.
Meio teimoso e durão,
é capaz de dar pontada
num momento de paixão!
Mas, por dentro mesmo,
é manso, bom, descuidado
e não muito inteligente!
Estou certo ou estou errado?

SIMÃO PEDRO

Joaquim Simão, deixe de intimidade,
que você não sabe com quem está falando!

SIMÃO

Que é isso, meu chapa, está zangado?
Não me diga que o senhor
é primo da rapariga do Cabo!
Deixe de bancar o brabo
que eu sei que o senhor não ficou
nem um pouquinho incomodado!
O senhor se chama Simão: eu também,

e, por isso, sei que todo Simão é confiado!

É ou não é?

Bate na barriga de SIMÃO PEDRO.

SIMÃO PEDRO.

Homem, é capaz de ser mesmo!

Bem, eu já lhe dei a cabra:

agora, arranje-se,

que eu vou seguir minha viagem!

SIMÃO

Muito obrigado! Sua visita

me deu alegria e coragem!

SIMÃO PEDRO *sai*. JOAQUIM SIMÃO *se deita no banco, puxando o chapéu para os olhos*.

NEVINHA

Mas Simão, pelo amor de Deus!

Você vai se deitar de novo?

SIMÃO

Oxente! E agora,

só porque eu tenho uma cabra,

vou passar o resto da vida em pé, é?

Estou muito satisfeito,

agradecido e contente.

Mas vou dizer uma coisa:

só pra tomar conta dela,

esse diabo dessa cabra
vai dar é trabalho à gente!

NEVINHA *vai levar a cabra para casa.*

Não! Deixe essa peste aqui fora!
A cabra, criada em casa,
vai é nos atrapalhar!
Deixe esse diabo por cá,
que aparece já negócio
pra se vender ou trocar!
Em negócio é que eu sou bom!
A gente vai enriquecer!

NEVINHA

É mesmo? Então, está bem!
Mas, meu velho, seja duro!
Você é mole demais!
A dona da cabra é esta:
ela é minha e dos meninos!
Veja que negócios faz!

Entra em casa, contente.

SIMÃO

Está tudo muito bem,
estou muito esperançado.
Mas, enquanto não aparece negócio,
ô mulher, traz meu lençol,
que eu estou no banco, deitado!

Deita-se no banco e adormece.

ANDREZA, *pondo-se em pé.*

Bé-é-é! Puf, puf!
Sangue, sapo, cobra e fel!
Treva, desgraça, morcego!
Pus em cima do teu mel!
Perdeu-se Joaquim Simão!
Ai, que lá vem São Miguel!

Disfarça, e começa a pastar calmamente.
Entra SÃO MIGUEL, com um peru.

MIGUEL

Então, era esse, o plano de São Pedro!
O ruim é que, por conta própria,
nem eu entendo, nem ele entende!
O acordo está desrespeitado!
E, se o que Joaquim Simão quer é negociar,
vamos ver o que ele consegue
com as trocas que pretende!

*Bota um chapéu de palha, tira a balança da maleta, empunhando-a, após o que faz uma
falsa entrada, puxando o peru por um cordão e falando alto.*

MIGUEL

Chega, chega, peru cego,
chega, velho camarada!
Peru de quase cem anos,
da barriga esculachada!
Ei! Ei!

SIMÃO, *acordando.*

Amigo, é seu o peru?
Eu tenho, aqui, essa cabra:
vamos dar uma trocada?

MIGUEL

Conforme! Como é o negócio?
Qual a sua condição?

SIMÃO

A cabra pelo peru:
uma mão lava a outra mão!
Leve a cabra e dê-me o bicho,
que está feita a transação!

MIGUEL

Pra mim, é bom: eu aceito!
Mas sou um homem decente:
o peru é velho e cego,
é um pobre penitente;
pode morrer neste instante,
pois tem o bucho doente!

SIMÃO

Eu gostei da cara dele, o que é que há?
Simpatizei com o rapaz!
Leve a cabra e dê-me o bicho:
não venha discutir mais!
Não bote defeito nele:
é um favor que me faz!

MIGUEL

Bem, se seu caso é de estima,
não diga que lhe enganei!

SIMÃO

O mesmo faça, você,
porque, pra mim, eu lucrei!
Fique aí, meu peruzinho!

*Deita-se e adormece. SÃO MIGUEL amarra um lenço vermelho sob o queixo, como quem está
com dor de dente. Cobre a cabeça com um chapéu-do-chile, arregaça a perna da calça, vai
ao limiar e volta de lá com um galo.*

MIGUEL

Ei!

SIMÃO, acordando.

Olhe um homem com um galo!
Meu senhor do galo! Ei!

MIGUEL

Que é que há?



SIMÃO

Vamos trocar
meu peru por esse galo?
Mas, sou um homem direito
e quero, logo, avisá-lo:
o peru é velho e cego
e morre ao primeiro abalo!

MIGUEL

Já que o senhor foi decente,
quero avisá-lo também!
Este é um galo de briga,
nem força mais ele tem:
perdeu na rinha, vai mal,
não vale mais um vintém.
A carne é pisada e dura,
não serve para ninguém.
O dono me deu o galo,
e eu, por delicadeza,
lhe disse que estava bem.
Agora, diga o que eu volto
na troca pelo peru,
que eu vejo se me convém.

SIMÃO

É o galo pelo peru:
o senhor não volta nada,
que não seria direito!
O galo ainda está vivo:
eu dou-lhe um banho e uns tratos,
boto na rinha, ele vence!
Vou ganhar tanto dinheiro!

Dou o peru pelo galo:
se quiser, diga, está feito!

MIGUEL

Eu quero e fico contente!

SIMÃO

Eu também estou satisfeito!
Oxente, é um galo arretado!
*Ô mulher, traz meu lençol,
que eu estou no banco, deitado!*

Adormece. MIGUEL bota uma barba branca, veste um camisolão por cima da roupa, ficando parecido com um peregrino ou romeiro. Vai ao limiar da cena e volta de lá com um coelho.

MIGUEL

Ei! Acorde, Joaquim Simão!

SIMÃO

Olhe um homem com um coelho!
Vale a pena perguntar:
esse coelho é pra negócio?

MIGUEL

É pra vender ou trocar!
Se tem alguma proposta,
me faça e vamos pensar!

SIMÃO

Dou meu galo por seu coelho.
Mas aviso, meu senhor:
é um galo aposentado,
já velho, já sem valor,
que, agora, de galo, mesmo,
só tem mesmo aquele tico:
do lado de cá, o bico,
do outro lado, o fedor!

MIGUEL

Mesmo assim, gosto da carne:
cozida, é bom de comer!
Quanto devo lhe voltar?
Faz favor de me dizer?

SIMÃO

Você não me volta nada!
Vou, lá, enganar você!

MIGUEL

Se é assim, faço o negócio:
não diga que lhe enganei!

SIMÃO

O mesmo faça você,
que eu satisfeito fiquei!
Que coelhinho mais simpático?
Ele é pedrês ou malhado?

*Ô mulher, traz meu lençol,
que eu estou no banco, deitado!*

*Adormece. MIGUEL tira o camisolão e a barba branca, veste um sobretudo negro e põe na
cabeça uma bacora preta, ficando parecido com a figura convencional do judeu. Vai ao
limiar e volta de lá com um pacote.*

MIGUEL

Acorde, Joaquim Simão!

SIMÃO

Um homem com um pacote!
Meu senhor do pacote! Ei!
Onde vai, com tanta pressa?
Venha cá, concidadão!
Me mostre aqui o pacote
que carrega em sua mão!
E me diga: esse pacote
se troca num coelho, ou não?

MIGUEL

Meu amigo, esse pacote
é somente um pão francês
que eu comprei, agora mesmo,
na venda de um Português!
Mas, se o senhor quer trocar,
aproveite, que é a vez!
Me diga, lá, o negócio
que é para eu ver como é!

SIMÃO

Dou meu coelho pelo pão
que é um símbolo da fé!
Nos Salmos, Deus declarou
pela boca de Davi:
“Eu vos alimentarei com a flor do trigo
e com o mel do rochedo.”
Refere-se ao pão e ao vinho,
bebida divina e forte,
com o pão sagrado da Fé!
E, além disso, um pão é bom
pra se tomar com café!

MIGUEL

Eu não engano ninguém!

SIMÃO

Nem eu também, camarada!

MIGUEL

Um pão é pouco, pra dar
num coelho sem voltar nada!
Tome um pão e mais um conto:
fica a troca equilibrada!

SIMÃO

Não fui eu que lhe pedi:
o senhor deu porque quis!
Pra mim, já bastava o pão:
fiz um negócio feliz!
Eu enxergo umas dez léguas

adiante do meu nariz!

Meu senhor, muito obrigado!

*Ô mulher, traz meu lençol,
que eu estou no banco, deitado!*

Adormece. MIGUEL tira os disfarces. Entra SIMÃO PEDRO, sem que ele o veja, e fica por trás.

MANUEL CARPINTEIRO entra, também sem ser visto, e fica por trás dos dois.

MIGUEL

Agora, quero ver como é que São Pedro sai dessa:
o protegido dele pegou a sorte e largou!

SIMÃO PEDRO

Muito bem!

Desrespeitando o acordo
feito com Nosso Senhor,
hein?

MIGUEL

E você? Também não desrespeitou?

SIMÃO PEDRO

Eu, sou apenas um Santo,
sou um simples pescador!
Mas você! Um Anjo!
Mais do que isso: um Arcanjo!

MANUEL CARPINTEIRO

Um-rum, um-rum!

SIMÃO PEDRO

Ai meu Deus! Nosso Senhor!

MANUEL CARPINTEIRO

Vocês parecem dois meninos!
Mas, não tem importância! Eu deixei
porque era isso, mesmo, o que eu queria!
Foi isso que planejei!
De outra vez, tenham cuidado!

MIGUEL

Então, o que é que se faz?

MANUEL CARPINTEIRO

A história vai caminhar.
Vamos ficar escondidos
pra, depois, moralizar!
Mas, para isso, é preciso
que você, Miguel Arcanjo,
represente aí, por mímica,
com Aderaldo presente,
a última dessas trocas
que você fez com Simão!

MANUEL CARPINTEIRO e SIMÃO PEDRO *ficam à parte. Entra ADERALDO CATAÇÃO. MIGUEL ARCANJO e JOAQUIM SIMÃO representam, por mímica, a última troca. Saem todos, menos ADERALDO e JOAQUIM SIMÃO.*

ADERALDO

Lá está Joaquim Simão!
Ele não me pressentiu!
Ou, então, virou as costas,
fingindo que não me viu!
Um homem falou com ele,
fez uma troca e saiu.
Eu vou lá! Joaquim Simão!
Gosta de troca também?
Você sabe: eu negocio
e entendo disso, bem!
Que é que inda tem pra trocar?

SIMÃO

Aqui, nada mais se tem!
Eu estava com uma cabra
que minha mulher ganhou.
Fiz, porém, quatro negócios
e o que eu tinha se acabou;
tenho um pão e mais um conto:
foi tudo quanto sobrou!
Eu troquei, primeiro, a cabra
num peru, com um freguês.
Dei o peru por um galo
e este num coelho pedrês.
Me deram por esse coelho
este conto e o pão francês!

ADERALDO

Veja quanta diferença
há de você para mim!
Se eu fosse, como você,

magro, feio e pobretão,
e se, lá um dia, visse,
por astúcia de algum Cão,
uma cabra que viesse,
parar nesta minha mão...
Ora, não tinha conversa:
mudava a sorte, depressa!
Você não viu como foi?
O ladrão me roubou tudo,
eu fiquei quase sem nada!
Fui lutando e me aprumando:
já tenho dinheiro em caixa!
Olhe: só aqui tenho isso tudo!
E você? Será assim?
Acho que não!
Você é burro, Simão!
Você é besta, Joaquim!
E espere mais uma coisa:
sua mulher vai achar ruim,
porque você pegou, hoje,
a cabra dela e deu fim!

SIMÃO

Ah, isso não! Isso nunca!
Na minha negra eu confio!

ADERALDO

Pois eu já sou diferente:
até de Deus desconfio!
Isto é, caso ele exista,
coisa na qual não me fio!
Todo mundo tem seu preço:
o interesse, é a Lei eterna!

É quem dirige a cabeça,
a barriga, o peito e a perna!
A ambição é quem comanda!
A cobiça é quem governa!

SIMÃO

Mas que coisa, Seu Aderaldo!
Então é assim que o senhor é, hein?
É assim que as pessoas vão mostrando quem são!
É assim que os ricos são por dentro, hein?
Eu vivia achando que o senhor
tinha alguma coisa de peru,
de jumento ladrão, guará, raposa e timbu.
Eu dizia isso brincando,
mas agora já sei porque é!
Então, o senhor até de Deus desconfia!
É muita ruindade e falta de fé!
Que agonia não deve haver na sua cabeça,
hein, Seu Aderaldo Catacão?
Pois saiba que suas leis podem dar certo
com gente de sua laia, com minha mulher, não!

ADERALDO

Você, tendo dado prejuízo a ela?
Ah, vai ouvir reclamação!

SIMÃO

Vou nada! Tudo o que faço,
pra Nevinha, está bem feito!

ADERALDO

Pois vou lhe propor um negócio,
e fazer uma confissão!
Vou lhe confessar, Simão:
sou louco por sua mulher!

SIMÃO

O que, Seu Aderaldo? É?
Não diga! Pois comigo é o contrário:
sua mulher é louca por mim!

ADERALDO

Eu sei! Pensa que me importo?
Dou a minha pela sua! Você quer trocar?

SIMÃO

O senhor vá se lascar!
Não é besta não?
Pra me encher de troca ruim,
o que eu fiz hoje já dá!

ADERALDO

Você não confia na sua mulher?

SIMÃO

Confio!

ADERALDO

Você não disse que nem as leis do interesse
governam Dona Nevinha?

SIMÃO

Disse!

ADERALDO

Ela gosta de você, de verdade?

SIMÃO

Gosta!

ADERALDO

Você arrisca a confiança
e o amor dela numa aposta?

SIMÃO

Arrisco! Arrisco tudo!
Mas uma aposta dessa eu só faço com testemunhas!

Entram SIMÃO PEDRO e MIGUEL.

ADERALDO

Vêm chegando, aí, dois homens
que podem servir pra isso.
Ei! Vocês dois, aí!

Querem vir cá, por favor?
Queríamos que vocês
servissem de testemunhas
numa aposta entre nós dois!

SIMÃO PEDRO

Pois não! Qual é a aposta?

ADERALDO

Esse sujeito pegou hoje, aqui,
uma cabra que a mulher dele ganhou,
e tantos negócios fez que quase tudo acabou.
Tem ele agora, somente, um pão e um conto de réis.
Eu digo que a mulher dele reclama
as trocas, ele acha que não!
A aposta é a seguinte,
escutem vocês, e você também, Simão!
Você chama sua mulher aqui.
Ela pergunta pela cabra: então você
diz a ela todas as trocas,
sem desculpar os negócios que fez,
dizendo os defeitos dos bichos que recebeu,
tudo isso sem usar nem uma enrolada!
Se ela concordar com tudo
e não reclamar nada,
perco este dinheiro todo para você!
Se ela reclamar, você perde o pão,
perde a nota de um conto de réis, se eu quiser,
e, para completar tudo, perde também a mulher!

SIMÃO

Como é que eu posso perder
minha mulher, que não sei?

ADERALDO

Você junta o que possui
e dana-se daqui! Entope no oco do mundo
e abandona sua casa!
Basta isso, nada mais!
O resto é por minha conta!
Você topa?

SIMÃO

Topo!

ADERALDO

Pois vamos lá, sem demora!
Tudo isso pelo pão, pelo conto
e por sua mulher! Caso a aposta agora!
Se sua mulher não reclamar,
você recebe tudo isto na mesma hora!

SIMÃO

Aceito, Seu Aderaldo!
Vamos a aposta casar!
Na mão dessas testemunhas,
o bolão depositar!
E, para decidir tudo,
minha mulher vou chamar!

SIMÃO PEDRO

Me dê aqui o dinheiro!

MIGUEL, *para* SIMÃO.

O pão e o conto de réis!

SIMÃO

Eu chamo minha mulher,
que vem na ponta dos pés!
Lá chegou ela, na porta,
com a cara iluminada!
Foi só porque me avistou
de lá da porta da entrada!
Minha mulher, venha cá!

MIGUEL

Coitada!

SIMÃO PEDRO

Por que coitada?
Inda não sucedeu nada!

Entra NEVINHA.

NEVINHA

Meu filho, cadê a cabra?
Alguém comprou? Já vendeu?

Fez bom negócio, Simão?

Você lucrou ou perdeu?

SIMÃO

Minha filha, escute bem:

vou contar o que se deu!

Eu estava com a cabra,
dormindo ali, à vontade.

Aí, passou um sujeito,
com um peru velho, de idade:
troquei a cabra por ele,
pois achei facilidade!

NEVINHA

Foi boa troca, Simão!

Um peru serve demais!

Quando chegar o Natal,
um bom assado se faz!

Onde é que está o peru?

Quando é que o homem traz?

SIMÃO

Espere aí! O peru

é bicho meio maldito!

Não me lembrei disso logo!

Aí chegou outro homem
com um galo, desses de briga,
apanhado e não bonito!

Dei o peru pelo galo,
que é animal mais bendito!

NEVINHA

Fez muito certo, Simão!
Galo é bicho abençoado,
clarim de Nossa Senhora!
Canta assim: “Cristo nasceu!”
e vai nos trazer melhora,
com essa frase abençoada
madrugando a toda hora!
Por que não me trouxe, logo,
nosso galo, para eu ver?
Onde é que está esse galo?

SIMÃO

Espere, que eu vou dizer
em que resultou o galo,
pra você tudo saber!
Esse, era um galo de briga,
caboclo e meio vermelho.
Um dos olhos, era cego,
mas o outro era um espelho:
a luz batia e luzia!
Passou, aqui, outro homem:
dei o galo por um coelho!

NEVINHA

Fez muito bem! Um coelhinho
alegra qualquer criança!
É criatura engraçada,
tem a natureza mansa!
E, se houver necessidade,
vai encher a nossa pança!
Quando é que ele traz o coelho?

ADERALDO

Agora, Simão se lasca!
Racha a testa e quebra o pé!

SIMÃO

Escute, minha mulher!
Fiquei com o coelho, entretido,
pensando... Quando dei fé,
vinha um homem com um pão!
Dei o coelho pelo pão,
pra se comer no café!

NEVINHA

De todas, foi esta troca
a melhor que você fez!
Os filhos estão com fome
e, sendo assim, é a vez:
vai já tudo encher o bucho
de café com pão francês!
Se trouxe o pão, me dê logo,
que eu vou fazer o café!

SIMÃO

Está vendo, Seu Aderaldo?
A aposta está de pé!
E o senhor, agora, viu
o que é uma mulher!
Mulher, e não besta-fera!
Aquilo que o senhor tem em casa,
não é mulher não, é megera!

Me dê o dinheiro, aí!

ADERALDO

O quê, seu atrevido?
Já que você está me insultando,
eu não pago esse dinheiro!

SIMÃO PEDRO

Ah, paga, meu camarada!
A aposta foi casada,
o dinheiro está comigo
e a minha mão é honrada!

SIMÃO

Veja lá, e agora aprenda
o que é mulher bem casada!

ADERALDO

O Diabo queime essa peste,
leve essa besta danada!
Perdi somente por causa
dessa guenza escanzinada!
Tem gente de todo tipo
nesta terra desgraçada!
Se o mundo é desse jeito,
vou me trancar para sempre!
Que o Cão te enfie uma figa!
Que a Morte corte teu couro
e Satanás te persiga!

SIMÃO

Calma, lá, Seu Aderaldo!
Se quer outra aposta, diga!

Sai ADERALDO, depois de lhe dar uma banana.

NEVINHA

Está muito bem, seu peste!
Mas agora venha cá, seu sangue de pamonha!
Vocação de corno!
Você me arriscou na roleta,
hein, seu cabra sem-vergonha!

SIMÃO

Que é isso, Nevinha? Que doidice nova é essa?

NEVINHA

Doidice o quê, seu velhaco?
Você pensa que eu não ouvi não, foi?
Eu vi tudo, dali, pelo buraco da fechadura!
Pensa que eu não vigio você não, é?
Desde que Dona Clarabela futucou você
que eu venho de olho em cima de você, viu?
Sim, porque aquela cachorra catucou você!
Nem se meta a negar!
Ouvi você dizer a Seu Aderaldo
que ela gostava de você!
Ouvi você mesmo confessar!

SIMÃO

Bem, se você ouviu eu dizer isso,
ouviu também aquele corno
me oferecer trocar você por ela
e eu recusar!

NEVINHA

E não recusasse não, pra ver uma coisa!
Era o que faltava!
Era só o que me faltava: meu marido
me trocar por uma cachorra!
E aqui, na minha casa, no meu terreiro!
Minha Nossa Senhora, como sou infeliz!
Meu marido me arriscou por dinheiro!

SIMÃO

Nevinha, eu arrisquei porque tinha confiança
e sabia que ia dar certo!

NEVINHA

Ia dar certo por quê?
Como é que você garantia?
Podia, bem, ter dado errado,
bem que podia!
Deu certo, porque eu ouvi!
Avalie se eu não tenho escutado!
A essa hora, estava aqui,
largada nas unhas de Seu Aderaldo!

SIMÃO

Você seria capaz de ficar com ele?

NEVINHA

Sei lá! De que é que não é capaz
uma mulher abandonada?

SIMÃO

Está vendo? E ainda diz que gosta de mim!
Gostar de você sou eu, que estava disposto
a defender você dele, até morrendo!

NEVINHA

Você?

SIMÃO

Sim! Eu estava armado, está vendo?
Tinha um revólver comigo!
Caso eu perdesse a aposta,
Seu Aderaldo teria
o castigo merecido!

NEVINHA

Simão!

SIMÃO, *botando banca.*

Não! Agora, não adianta!
Você não confia em mim

como eu confio em você!

NEVINHA

Deixa de besteira, Simão!
E eu não tinha tomado
minhas providências, também?
Quando eu ouvi a aposta,
trouxe comigo esse pau
e trouxe um punhal, meu bem!
Se você me abandonasse...

SIMÃO

Você metia em Seu Aderaldo...

NEVINHA

O punhal!
E em você, metia o pau!
Está vendo como é?

SIMÃO, *abraçando-a*.

Nevinha!

NEVINHA

Simão!

Saem, abraçados. Entra MANUEL CARPINTEIRO.

SIMÃO PEDRO

Então?

MIGUEL

É! Saiu tudo mais ou menos!

MANUEL CARPINTEIRO

Só tem, agora, um perigo:
Simão vai mudar de vida!
Venceu a miséria, o que é bom,
e é o sonho da pobreza.
Se ficar nisso, vai bem
e há de ganhar a partida!
Mas se deixar-se vencer
pelo espírito da riqueza,
está com ela perdida!

SIMÃO PEDRO

O que é depois, vem depois!
Por enquanto, ele vai bem!
Seu defeito, é a preguiça,
mas escute o que eu dizia:
é o ócio criador,
o ócio da Poesia!
E ele tem uma qualidade:
nunca lhe falta esperança,
nem fé, nem honestidade!
É amigo da mulher
e incapaz de maldade!

MIGUEL

Mas, com toda essa bondade,
fez uma aposta safada!

SIMÃO PEDRO

Se ele saiu-se bem dela
é coisa a ser desculpada!

MIGUEL

Vejamos então por onde
segue ele agora a jornada!

SIMÃO PEDRO

Agora, daqui por diante,
Joaquim Simão vai em frente!
Diante dele não acha
uma porta que não abra!
Compra um pedaço de terra
com uma porteira alinhada,
com uma placa e um letreiro:
“Fazenda Homem da Cabra”!

MIGUEL

Que a gente nunca blasfeme
e tente fazer o bem.
Queira só o necessário,
dê, quem tem, a quem não tem,
que a luz do Deus de nós todos
abraça a todos, também!

MANUEL CARPINTEIRO

Quando aqui se fala em bens
não é somente em dinheiro.
Eu penso é nos dons de Deus,
fortes, puros, verdadeiros.
Sobre o sangrento do mundo,
todo o cantar da alegria,
tendo o Sol como roteiro!

SIMÃO PEDRO

O pobre tem o direito
de lutar, pra melhorar!
Dinheiro é bom! Não demais!
Sobretudo não se pode
somente nisso pensar!
Quem encontre a Sorte faça
por onde ser dono dela,
sem a ela se curvar!
Nosso Povo não se esquece:
“A quem muito se agacha,
o fiofó lhe aparece.”

OS TRÊS

Dinheiro tem sua treva,
pobreza tem sua luz.
A miséria é quem desgraça
pois à morte e ao mal conduz.
Vive-se à solta no mundo,
mas o Sol do mundo é Deus,
sangue e sol em sua Cruz!

TERCEIRO ATO



Mesmo cenário dos atos anteriores. Entram MANUEL CARPINTEIRO, MIGUEL ARCANJO e SIMÃO PEDRO.

MANUEL CARPINTEIRO

Os cavalheiros e damas que estão nos ouvindo,
não deixarão, na certa, de comprar um produto
que é vendido em benefício deles, não no nosso!

MIGUEL

Não digo, cavalheiros e senhoras,
que nada aproveitemos nós com isso!
Não, de modo nenhum! Mas a maior vantagem
é para quem nos ouve e quem nos segue!

SIMÃO PEDRO

E digamos agora que perguntem:
“Por que esses três loucos fazem isso?”
Pois a resposta é fácil: porque Deus disse
“Ganharás o pão com o suor do teu rosto!”

Aqui, unindo o gesto à palavra, SIMÃO PEDRO passa o dedo na testa, como se a estivesse limpando de um abundante suor, que atira, depois, no chão.

Assim, do mesmo modo que os senhores
ganham as suas vidas, uns vendendo automóveis,
outros subindo os preços, roubando galinhas,
vendendo máquinas que logo se quebram,
vendendo seguros inseguros e terrenos imponderáveis,
emprestando a juros impagáveis,
nós ganhamos a nossa vendendo este produto!

E, agora, devo dizer
que, contrariando um pouco,
o plano aqui de Simão,
eu tratei de empobrecer
de novo a Joaquim Simão.
A “Fazenda Homem da Cabra”
começou a prosperar.
Como os poetas são, sempre,
gente inclinada à luxúria,
a primeira coisa que ele
inventou de praticar,
depois que achou o seu poço,
foi enganar a mulher!
Não é preciso dizer
quem foi a feliz mortal
que mereceu a fortuna
de roer aquele osso!

MIGUEL

O pior, é que Simão
foi-se deixando possuir
pelo espírito da riqueza.
Foi ficando parecido
com Aderaldo Catação!

SIMÃO PEDRO

Foi preciso apertar Joaquim Simão!
Seus carneiros e cabras dispersaram-se,
a seca dizimou seu algodão.
Pela falta de pasto e de forragem,
seu gado se acabou pelo Sertão!

E as reses — muito poucas — que escaparam,
se acabaram, por cobra, ou no mourão!

MANUEL CARPINTEIRO

Hipotecou a fazenda!
No dia do pagamento
ele não tinha o dinheiro
e Catação a tomou!
Isso lhe foi salutar:
deixou a amante de lado,
a mulher o perdoou,
ele voltou à Igreja,
à segurança da Casa
que o Cristo — que eu represento —
fundou para todos nós!

MIGUEL

Está mais pobre do que antes
e vem aí, com a mulher:
vêm como dois retirantes!

SIMÃO PEDRO

Vem, suprema humilhação,
pedir trabalho e comida
a seu rival e inimigo
Aderaldo Catação!

MANUEL CARPINTEIRO

Confia em que o rico não negará o solicitado,
nem que seja, talvez, pela alegria maligna

de achá-lo, assim, derrotado!
Aqui ficamos! Voltaremos já,
entrando, desta vez, como mendigos disfarçados!
E, no fim, passaremos o nosso produto,
com uma conversa assim desagradável,
mas, no trato das coisas deste mundo,
também infelizmente indispensável:
é o preço do produto! Atenção! Preparar!
Luz! Começar!

Desaparecem. Entram SIMÃO e NEVINHA, esfarrapados, com sacos de viagem às costas.



SIMÃO

Chegamos à chamada “terra amada!”
Eita, vida velha desmantelada!
Quantos anos, hein, Nevinha?

NEVINHA

É verdade! quantos anos!
E, também, quantos sofrimentos,
quantos desenganos!

SIMÃO

Você está triste, meio sem coragem...
Será que ainda não me perdoou?

NEVINHA

Perdoei, Simão! Sofri muito,
mas tudo isso já passou!

SIMÃO

Vamos bater! Seu Aderaldo
certamente não está! Com a mania do trabalho,
a essa hora deve estar pegado!
Mas a tal da Dona Clarabela
na certa está em casa,
e eu pretendo me valer é dela!
Agora, Nevinha, se eu lhe disser uma coisa,
você não se zanga não?

NEVINHA

Não!

SIMÃO

Nem chora?

NEVINHA

Não, Simão!

SIMÃO

Pois eu queria lhe pedir
para você se esconder!
Essa tal de Dona Clarabela
nunca suportou você!
Por outro lado,
depois do que você me contou de Seu Aderaldo,
eu não quero expor você
às safadezas daquele corno safado!
Nossa velha casa está abandonada:
você fica por aqui, escondida!
Se eu notar que o negócio tem vantagem,
aí chamo você! Se não, trabalho hoje,
para arranjar comida e algum dinheiro,
e depois a gente segue viagem.
Está bem?

NEVINHA

Está! Agora, Simão, eu lhe digo uma coisa:
estou de olho aberto em cima de você, viu?

Se aquela mulher começar, de novo,
com chamego pra seu lado,
eu saio daqui e brado!
Se eu visto saia, ela também veste saia!
Dou uma surra de pau naquela catraia!

SIMÃO

Nevinha, deixa de besteirada,
que não vai mais acontecer nada!
Eu estou velho, e Dona Clarabela também!

NEVINHA

Dona Clarabela não tem nada de velha,
é uma mulher até enxuta,
aquela... sem-vergonha!
Nem você está velho!
E mesmo que estivesse!
Isso não quer dizer nada:
safado também envelhece!
Você continua o mesmo safado que era!

SIMÃO

Mulher, não diga uma coisa dessa!
Uma pessoa vai passando aí, ouve,
com que má impressão não fica de mim?
E de você também, tão mansa, tão boa,
e se fazendo de braba, assim!
Desse jeito, você me desmantela!
Você não sabe que mulher, pra mim,
só tem você?

NEVINHA, *dando-lhe uma cotovelada.*

Isso é podre de ruim, mas eu sou louca por ele!

SIMÃO, *imitando-a.*

Isso é podre de boa, e eu sou louco por ela!

NEVINHA

Simão!

SIMÃO

Nevinha! Bem,
se esconda, que eu vou bater!

NEVINHA *esconde-se em sua antiga casa e* SIMÃO *bate na porta de* ADERALDO CATAÇÃO.

SIMÃO

Ô de casa! Louvado seja
Nosso Senhor Jesus Cristo!

CLARABELA, *aparecendo, mas sem vê-lo logo.*

Quem terá sido? Vou botar os óculos,
a vista está meio escura!
Quem foi que bateu aqui,
dizendo esta frase tão autêntica, tão pura?
Deve ser algum remanescente medieval,
inteiramente folclórico, sensacional,
ainda capaz de bater nas portas

com esta linda saudação anacrônica!
Quem é esse puro, esse pajem, esse infância?

SIMÃO

Sou eu!

CLARABELA

Eu, quem? Não diga! É Joaquim Simão!

SIMÃO

Sou eu, Dona Clarabela!
Aqui estou, de volta,
depois de tantos anos de separação!

CLARABELA

E sua mulher?

SIMÃO

Ficou! Se as condições melhorarem,
ficou combinado que eu mandaria buscá-la!

CLARABELA

Meu caro poeta, estou quase sem fala!
Não me leve a mal, mas eu posso rir?
Que condições são essas em que você me volta?

SIMÃO

É, estou mais ou menos desgraçado!
Perdi tudo o que tinha: seca no algodão,
fome e cobra no gado,
e, quando dei acordo de mim,
tinha se acabado
tudo aquilo que, como por milagre,
eu tinha juntado!

CLARABELA

E agora vem bater na minha porta,
depois de me ter abandonado?
Depois de ter interrompido,
sem nenhuma razão plausível,
um caso de amor tão puro, tão autêntico
e tão bem iniciado?
Você pensa que é assim?
Pensa que o nosso amor vai começar de novo,
depois que você mesmo lhe deu fim?
Está muito enganado!
Saia daqui!
Não quero mais vê-lo!
O caminho é por ali!

SIMÃO, representando dramaticamente para que NEVINHA ouça.

Não, Dona Clarabela!
A senhora está enganada!
Não vim aqui reatar
a nossa ligação despedaçada!
Minha mulher me perdoou:
entendeu que tudo aquilo foi porque
eu estava com a cabeça transtornada,

por causa daquela riqueza
que me apareceu de repente
e que, agora, foi,
também de repente, liquidada!
De maneira nenhuma eu seria capaz
de vir aqui reatar
o que está acabado,
e que, morto e sepultado,
deve continuar!
Vim aqui, muito humildemente,
pedir um emprego a seu marido,
porque estou com fome,
sem trabalho, cansado e doente!

CLARABELA

O quê?
Um emprego para o Poeta?
Primeiro, não sei se fica bem!
Depois, não sei se Aderaldo...

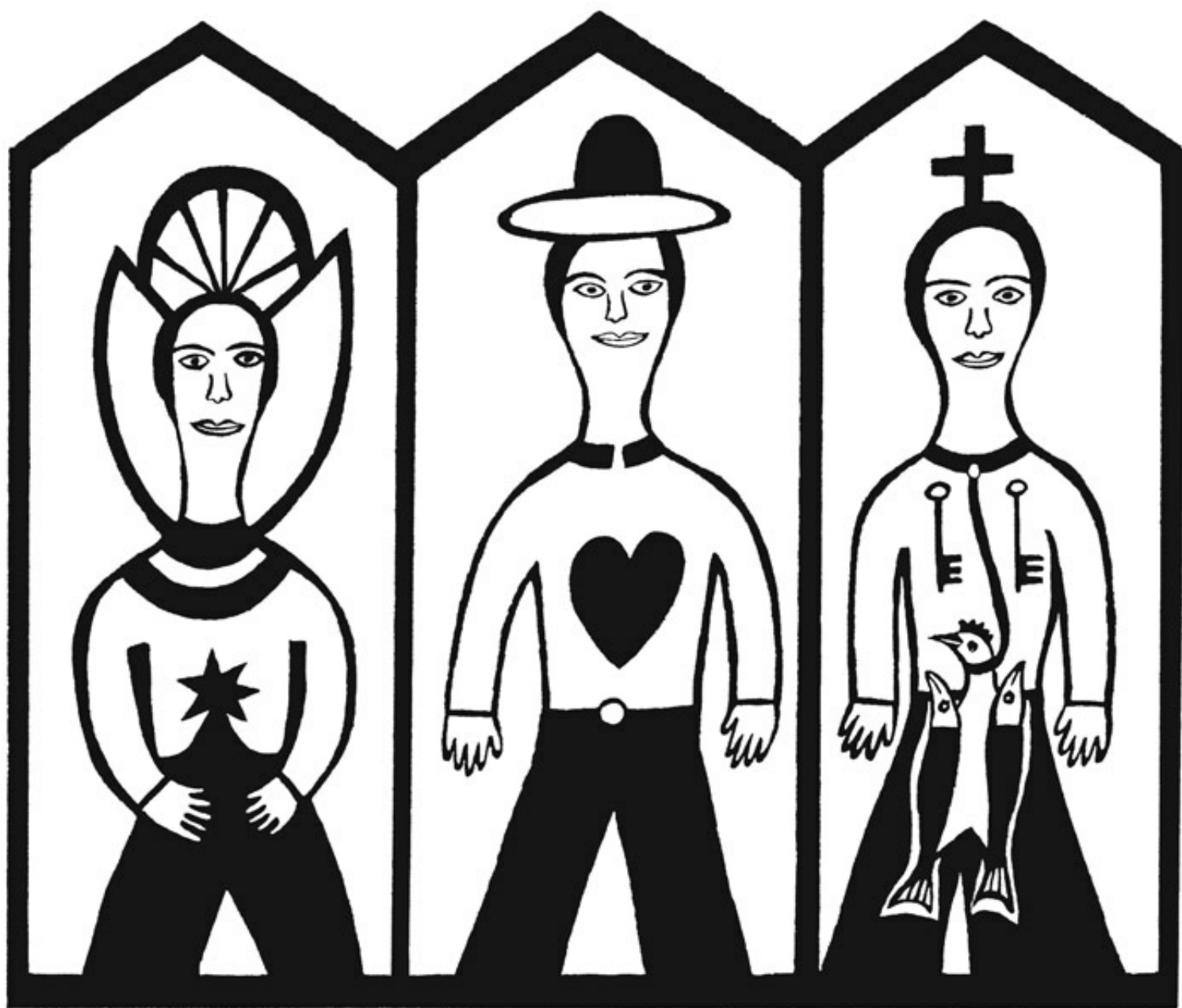
SIMÃO

Ele não está, já sei!
Isso é hora de trabalho!
Trabalhador como sempre foi,
a essa hora ele deve estar pegado!

CLARABELA

Ah, não, Joaquim Simão,
Aderaldo está muito mudado!
Depois que viu você prosperar
mais ou menos e sem fazer força,

ficou tão ressentido e transtornado,
que resolveu tomar seu exemplo,
isso ao modo dele, é claro!
Vendeu tudo, juntou dinheiro,
passou a viver de juros
e tentou viver descansado!
Não conseguiu: já estava habituado
e começou a se sentir aposentado!
Pior: tornou-se tão avarento
que só você vendo!
Pra mim, ele está com o juízo perturbado!
Ele, que fazia questão de se mostrar rico,
que era tão largo com a casa,
tão generoso comigo, agora nem me liga!
Vive catando migalhas,
como um... Não sei nem como diga!
Como um herói de Balzac!
Não encontro melhor definição:
Aderaldo, agora, é um herói de Balzac!
Você já leu Balzac, Simão?



SIMÃO

Não!

CLARABELA

E Joyce? E Proust? E Maiakoviski?

SIMÃO

Também não!

CLARABELA

Precisa ler! Principalmente Joyce e Maiakoviski,
para saber o que é uma forma concreta de vanguarda,
e um conteúdo de participação!

Mas está bem, Simão!

Vou falar com Aderaldo!

Pode ser que, pra você,
ele abra uma exceção!

Mas, não seria duro, para você,
passar a ser nosso empregado?

SIMÃO

É, será a grande vitória de Seu Aderaldo!

Mas é o jeito, Dona Clarabela!

Eu já estou lascado!

CLARABELA

Mas é que existe ainda outra dificuldade, Simão!

Você sabe: tratando-se de homens,
meu gênero sempre foi o gênero rústico!
Aderaldo tem a vida dele pelo lado de lá,
eu tenho a minha pelo lado de cá!
Como você rompeu comigo,
eu não tinha outro caminho,
não tinha para onde ir!
Aí, arranjei um Vaqueiro rústico,
para, com ele, me distrair!
Assim, não sei se não seria
pelo menos *chato*, para você,
em vista de nossas relações passadas...

SIMÃO

Elas estão realmente encerradas!
A senhora tem inteira liberdade, Dona Clarabela!
Eu não tenho nada com sua vida!

CLARABELA

Sim, mas para mim? Mas, para mim, meu senhor?
Você vai ser meu doméstico,
e, talvez, seja, de certo modo, constrangedor...
Mas, talvez não! É, talvez não!
Quem sabe? Talvez fosse até excitante!
Hein, Simão?
Ter, como doméstico e mordomo,
o poeta Joaquim Simão!
O Poeta, como um Rei destronado,
obrigado a assistir ao reinado
do seu novo sucessor!
Talvez seja até engraçado!
Se é que Aderaldo lhe dá o emprego
e você não vai se sentir humilhado!

SIMÃO

Eu tomo tudo isso como um castigo
de que estava precisado!

CLARABELA

Olhe o cristianismo dele!
Puro, masoquista e ultrapassado!
Pois fique! Está contratado!
Apesar de toda a avareza,
Aderaldo ainda gosta de mostrar
uns restos de grandeza!
Vou convencê-lo da vantagem
de mostrar que não decaímos totalmente
do esplendor passado,
quando tínhamos mordomo e grande criadagem!
Você, Simão, vai ficar como meu Mordomo!
Entre! Lá dentro, tem uma roupa apropriada!
Você vai vesti-la e assumir suas funções!

SIMÃO

Mas Dona Clarabela...

CLARABELA

Que é?

SIMÃO, *envergonhado, disfarçando.*

Nada!

CLARABELA

Não, você ia dizendo qualquer coisa,
depois parou, e disfarçou!
O que é, Simão?

SIMÃO

Bem, vou passar mais essa humilhação!
É que eu estou com fome, Dona Clarabela!
Ainda hoje, não comi! Estou com uma fome arretada!

CLARABELA

Meu caro Simão!
Eu não lhe disse que a coisa, aqui, está mudada?
Aderaldo controla até a comida! Tudo ele aperta!
Só podemos comer na hora certa!
As únicas alegrias que ainda tenho,
são as do amor! Ai! “Amor é um fogo
que arde sem se ver,
é ferida que dói e não se sente...”
Conhece isso? É de Camões!

SIMÃO

Camões? Conheço! Tem um folheto, de Cirilo,
chamado “As Perguntas do Rei e as Respostas de Camões”.
Me lembro de que tem um pedaço muito bom. O Rei
quer obrigar Camões a desenterrar, para ele,
um tesouro encantado e mal-assombrado
que existe num velho sobrado.
Camões promete ao Rei cumprir o encomendado.
E lá diz o folheto:

“Camões foi lá no sobrado
e um buraco cavou.
Depois, comprou uma jarra,
no mesmo canto enterrou.
Pegou a estercar dentro,
até que superlotou.
Quando a jarra estava cheia,
Camões cobriu, desta vez,
com cem moedas de ouro
e saiu com rapidez.
Foi convidar o Rei, mesmo
no dia em que fez um mês.
O Rei saiu com Camões,
sem fazer cara de choro.
Quando chegou lá no quarto
viu as moedas de ouro.
Disse a Camões: — Sempre eu quis
tomar um banho de ouro!
Pegou a jarra e amarrou
nos caibros lá do telhado.
Ficou bem debaixo dela,
bateu com um ferro pesado:
a jarra se abriu em duas,
foi merda pra todo lado!”

CLARABELA

O Camões de que falo era bem diferente!
Mas, já que você ainda tem resistência
a ponto de fazer espírito,
vá também tendo paciência,
caso possa!
Vá enganando a fome por aí,
que daqui a pouco a gente almoça!

SIMÃO *entra na casa de* ADERALDO. *Entra* FEDEGOSO, *vestido de Vaqueiro*.

FEDEGOSO

Clarabela, meu pecado!
Com mulheres de seu tope,
meu estilo é agarrado,
meu agarro é no aperto,
meu aperto é apressado!
Ai, donha!

CLARABELA

Calma! Mais devagar, Fedegoso!
Espere, ao menos, que eu me disponha!
Mas o que me agrada mais em você
é mesmo a brutalidade!
Fico toda alvoroçada!
Acho a brutalidade uma coisa tão refinada!
Você não acha?

FEDEGOSO

Sei lá! O que eu quero é você,
seu corpo, seu sangue, e até sua alma!

CLARABELA

Ah, como tudo isso é refinado,
como é belo e delicado!
Então você quer até minha alma, hein?
Não se contenta mais com meu corpo,
do qual já está inteiramente apossado!
Quer também se apossar da alma!

FEDEGOSO

É verdade! Isso lhe parece incrível?

CLARABELA

Não, acredito!

Mas você, querido, quer uma coisa impossível!

Não existe a nossa alma!

Isso que você chama de *alma*

é uma região solitária e vazia!

Ninguém pode se apossar dela:

nem mesmo nós! Alma não compensa!

FEDEGOSO

É o que você pensa!

CLARABELA, *rindo*.

Fedegoso, você é muito estranho!

Aliás, é isso o que me fascina em você:

essa estranheza, essa crueldade,

essa grosseria, essa brutalidade!

Tenho, às vezes, a impressão

de que você é capaz de me assassinar!

Será?

FEDEGOSO

Talvez!

CLARABELA

Ai, que coisa cheia de poesia!

Você é capaz de me matar!

FEDEGOSO

Sou! No corpo e na alma,
na alma que você diz que é vazia!

CLARABELA

Ah, como tudo isso é excitante e novo!
É por isso que eu gosto do Povo:
é tão primitivo, tão puro, tão naïfe, tão ingênuo!

FEDEGOSO

Que conversa de merda é essa?
O povo é como todo mundo, o Povo é duro!
Não tem nada de ingênuo nem de primitivo!
Não tem porra nenhuma de puro!
Quer fazer o favor de se calar?

CLARABELA

Ah, um reacionário popular!
Um homem do Povo patriarcal, medieval!
Tão lindo! É maravilhoso!
E, com toda essa grosseria,
tão puro, tão formoso!

FEDEGOSO

Você é muito é safada e trastejeira!

Tem muita conversa, mas não passa
de uma cabra viciosa e traiçoeira!

CLARABELA

Viciosa? Como, se não há mais pecado?
Meu raciocínio é claro e calculado:
se não há Deus, não há pecado:
se não há pecado, não há virtude!
Se não há virtude, não há vícios reais
e, se não há vícios, não existem mulheres viciosas!
Mas enfim, dentro de seus padrões medievais...
Agora, traiçoeira é que você não pode me chamar!
Eu nunca traí você, traiçoeiro!

FEDEGOSO

Traiu, sim, grandessíssima safada!
Você andou procurando outro Vaqueiro!

CLARABELA

Mentira!

FEDEGOSO

Mentira o quê, desgraça!
Pensa que eu não soube?
O que você não esperava, aconteceu:
ele é Vaqueiro na mesma fazenda que eu
e andou, por lá, se gabando
de que recebeu um chamado seu!
Ele é meu primo-irmão-irmão!

CLARABELA

É lindo, isso! Fedegoso com ciúme!
Como ele fica transtornado!
Fedegoso, não existe primo-irmão-irmão:
existe primo-irmão, que é o filho da tia!
Primo-irmão-irmão é criação
de seu ciúme e sua fantasia!

FEDEGOSO

Ele se chama Quebrapedra:
é meu primo-irmão-irmão,
porque é resultado do cruzamento
de meu Pai com minha Tia!

CLARABELA

Ai, um incesto! Que coisa pura!
Ah, Fedegoso, que imaginação ferosa você tem!

FEDEGOSO

É só no fogo que me sinto bem!
E vou logo avisando: Quebrapedra também!
Ele disse que você tinha mandado chamá-lo!

CLARABELA

E se tivesse? Quer me dar ordens, é?
Eu não lhe pago para receber ordens!

FEDEGOSO

Logo você estará
recebendo as minhas, na Desordem!

CLARABELA

Resolvi lograr meu prazer
quando, onde e com quem desejar!
Tem alguma coisa contra isso?

FEDEGOSO

Eu? Nada!
Quanto mais cedo você se condenar...

CLARABELA

Então, me dê um daqueles abraços
grosseiros e quentes,
que sempre me dão a impressão
de que estou me queimando!
Chegue! Estou esperando!

Voz de QUEBRAPEDRA.

Clarabela! Clarabela!

Entra ANDREZA, correndo.

Estamos perdidos! Seu Aderaldo vem aí!

FEDEGOSO

Oxente! E ele não sabe das suas safadezas?

CLARABELA

Sabe, mas não quer ver:
é dos princípios morais dele!
Eu posso fazer tudo, contanto que ele não veja!
Disse que, vendo, fica desonrado
e que me mata!

FEDEGOSO

Então é melhor tomar uma providência!
O diabo é quem se confia em mansidão de corno!

ANDREZA

Entre aqui nesse baú!
Tranque-se por dentro e fique calado!
Não dê uma palavra
enquanto não for chamado!

FEDEGOSO *entra na mala. Entra* QUEBRAPEDRA.

QUEBRAPEDRA

Onde anda Clarabela? Quero lhe beber o sangue,
comer-lhe a carne, sugar sua seiva! Rá, rá, rá!

CLARABELA

Ah, e era você?

ANDREZA

Pensei que fosse Seu Aderaldo!

CLARABELA

De qualquer maneira foi bom
que você tivesse avisado!
Quem sabe o que não fariam
esses dois abrutalhados
se se encontrassem aqui,
todos dois me disputando?
Estou cercada de canibais, de antropófagos!
Que coisa sensacional, hein, Andreza?
Só lamento é o tempo
que perdi com o Poeta!
Rusticidade e grosseria é aqui,
com esses danados!
É o supremo refinamento!

QUEBRAPEDRA

Sim, mas eu é que não posso perder tempo!
A senhora me chamou ou não?

CLARABELA

Fale baixo, por favor!

QUEBRAPEDRA

Seu marido está em casa?

ANDREZA

Não, mas a mala...

CLARABELA

Cale-se, diaba!

ANDREZA

Diaba?

CLARABELA

Um peste desses pode estar armado:
minha vida se acaba, meu sangue corre
e eles bebem! Clarabela morre!
O amor popular tem suas vantagens,
mas tem, também, suas desvantagens!
Quebrapedra, venha cá! Estou ansiosa!

QUEBRAPEDRA

Você está muito é fogosa!

CLARABELA

Estou ansiosa por travar
conhecimento com você!
Será uma novidade! Nunca fui abraçada
por um homem, assim, da vista furada!
Deixe eu olhar seu olho cego, deixe!
Será uma sensação nunca experimentada!

Tenho a impressão de que aí, debaixo desse pano,
você guarda algo grosseiro e vergonhoso
que me deixa muito curiosa e excitada!
Será que sai fogo, do seu olho?
Espere! O que é que você tem?
Será que eu disse alguma coisa que não convém?

QUEBRAPEDRA

Nunca mais diga isso, desavergonhada!
Eu mato você, sangrando,
como quem sangra uma cachorra ruim!
Faço assim, quer ver? Você quer ser sangrada?

Puxa a faca de ponta, vai sangrá-la, mas de repente, como fascinado, abraça-a e beija-a.

CLARABELA

Ai, que emoção inusitada!
Estive a ponto de ser assassinada!

Entra ADERALDO, com um pacote na mão. Ao ver a cena, solta o pacote e puxa um revólver.

ADERALDO

O que é isso, aqui?

CLARABELA

Ai, Aderaldo! Pelo amor de Deus! Não me mate!

ANDREZA

Calma, Seu Aderaldo! Se sente!
Dona Clarabela é inocente!
Foi para evitar que esse Vaqueiro
matasse o outro!

ADERALDO

O outro?

ANDREZA, *ironicamente dramática*.

Sim! Eu estava aqui,
conversando com Dona Clarabela,
quando entrou um Vaqueiro
correndo e gritando
que outro Vaqueiro queria matá-lo!
Dona Clarabela, com o bom coração que tem,
trancou o homem na mala!
Aí, chegou este, na mesma hora!
Perguntou pelo outro:
a gente disse que não viu!
Ele puxa o punhal! A gente
se agarra a ele, pedindo que fosse embora!
Nesse instante, o senhor chega,
fica brabo, puxa essa arma terrível,
e quer matar esta santa que, nisso tudo,
só quis foi evitar um crime horrível!

ADERALDO

É verdade, isso?

CLARABELA

É! Tem que ser,
porque, senão, estou desgraçada!

ADERALDO, *severo, a* ANDREZA.

Abra esta mala!

ANDREZA *obedece*. FEDEGOSO *bota a cabeça de fora*.

FEDEGOSO, *falando fino, também por ironia*.

O senhor me dá garantias de vida?

ADERALDO

Dou! Pode sair! Perdão, querida!
Como foi que me enganei assim?

CLARABELA, *ofendida*.

Ameaçar-me de morte! E, o que é pior,
desconfiar de mim!
Eu nunca desrespeitaria
seus princípios morais, Aderaldo!

ADERALDO

Desculpe! Qualquer um
pode cometer um engano!

QUEBRAPEDRA

E qualquer um pode
sofrer um desengano!

ADERALDO, *para* FEDEGOSO.

Pode sair, não tenha medo!
Se ele tentar
alguma coisa contra você,
você corre para meu lado!
Quanto a você, me dê o punhal!
Está vendo? Não tenha medo!
Agora ele está desarmado!

FEDEGOSO

Eu estou com medo é do senhor!

ADERALDO

Se é por isso, guardo também meu revólver!
Olhe, guardei! Não estou mais zangado!

FEDEGOSO

O senhor continua armado!
É isso que me deixa
com a alma perturbada!

QUEBRAPEDRA

Vou lhe dizer um segredo:
não é do revólver
que ele está com medo não,

nem é sua mão que está armada!
Ele está com medo
é dos chifres e da pontada!
Rá, rá, rá! Co-coró-cocó!

FEDEGOSO, *como um bode.*

Bâ-â-â! Puf! Puf!

Saem correndo e rindo, acompanhados por ANDREZA.

ADERALDO

Que gente mais estranha! Cada dia
a gente se convence mais desta verdade:
as classes populares
estão cada vez mais incapazes
de compostura e de dignidade!

CLARABELA

É isso mesmo, Aderaldo! Mas,
por falar em compostura,
precisamos tomar cuidado com a nossa.
Suas medidas de economia são salutareis,
mas, se continuam muito rigorosas,
daqui a pouco ninguém nos respeita mais.
Você não viu esses dois Vaqueiros? Eles
veem a gente levando o mesmo estalão de vida deles,
e aí ficam nos julgando gente da sua laia!

ADERALDO, *baixo.*

Catraia!

CLARABELA

Que foi que você disse?

ADERALDO

Nada! Mas é preciso economizar,
para garantir nossa velhice!

CLARABELA

Uma certa representação nossa
é indispensável ao respeito do Povo.
Por que, por exemplo,
você não mantém, mais, um mordomo?

ADERALDO

Está louca! Como?
Vai nos custar os olhos da cara!

CLARABELA

E se eu encontrasse um que ficasse
só pela comida e pela roupa?
Se for alguém que está morrendo de fome,
e que, por isso, aceita tudo?
Se for alguém cuja derrota
representa sua vitória?

ADERALDO

Quem é essa joia rara?

CLARABELA

Quando você souber, vai morrer de rir!
É o Poeta que nem se dobra nem come!
É Joaquim Simão! Retirou-se,
e chegou hoje, aqui, com fome!

ADERALDO

E Nevinha? Veio com o desgraçado?

CLARABELA

Você, hein? Não! A mulher dele ficou, tarado!

ADERALDO

Não diga! Joaquim Simão humilhado!
Pedindo emprego para trabalhar sob minhas ordens!
Agora, a situação está invertida:
é minha vitória, e ele vai ser dela testemunha!
Eu não trabalho, vivo como nobre,
e ele é quem vai chiar na minha unha!

CLARABELA

Aí vem ele! Veja como vem vestido!

*Entra SIMÃO, com roupa formal e antiquada, uma espécie de roupa de casamento de 1915,
com paletó preto, calça tabica de listas pretas e cinzentas etc.*

ADERALDO

Muito bem, Joaquim Simão!
Eu soube, por Clarabela,
que você tinha chegado,
e soube que, finalmente,
você é meu empregado!
Você sabe que eu, agora,
já cheguei à perfeição
de deixar de trabalhar?
Já posso, agora, dizer:
passei de burguês a nobre!
De humilhado por você
a orgulhoso diante
de você! Que é que me diz?

SIMÃO

São as voltas da fortuna, Seu Aderaldo!

ADERALDO

Seu Aderaldo, não!
Dom Aderaldo! É pra você me chamar
Dom Aderaldo ou *patrão*!
Faço questão desse nome!
Você não é meu empregado?

SIMÃO

É verdade! Até de *mestre-sala*
de bumba-meu-boi eu estou vestido!

CLARABELA

Que mestre-sala que nada, Simão!
Que vulgaridade!
É para dizer *mordomo*!

ADERALDO

Não, é *mestre-sala*, mesmo!
Prefiro assim, é mais cômico!
Estou gostando! O Poeta,
o homem que não se curvava
à nossa insignificância,
vestido com essa roupa
que assenta tão mal com ele,
e obrigado ao que eu mandar
para criar, em minha casa,
meus rituais de importância!

SIMÃO

Quais são minhas obrigações?

ADERALDO

Suas obrigações são o que eu mandar!
Fale o menos possível!
Praticamente você deve se limitar
a responder ao que eu perguntar!
Por enquanto, como é tempo de seca,
seu trabalho principal vai ser despachar
os mendigos que vêm me importunar!

SIMÃO

Chegou aqui, eu boto pra fora, é?

ADERALDO

Sim, mas com jeito, para não despertar
antipatia contra mim! O fardo da antipatia
é você quem vai carregar!
Tenho feito sacrifícios, economias,
mas já equilibrei a receita
com um mínimo de despesas!
Basta que eu lhe diga que, atualmente,
eu não vou na casa de minha Mãe
para ela não visitar a minha
e não desequilibrar meu orçamento
com o aumento do feijão e da farinha!
Está ouvindo como é, Simão?
Você tem que me servir, senão fica malvisto!
E, para bem me servir, lembre-se disto:
eu, sou um homem que não dou esmola a ninguém,
e não visito a casa da minha Mãe,
para ela não visitar a minha!
Então? Vai tomar o serviço a peito?
Que acha de seu trabalho?

SIMÃO

Apaixonante!
O senhor é um homem equilibrado e direito,
por essas duas coisas, a gente vê logo!

ADERALDO

Bem, então fique aí e assuma suas funções!
Veja lá, viu? Abra o olho com os mendigos!
Até já, homem elegante!

Sai, rindo, com CLARABELA.

SIMÃO

Está aí, um sujeito decente!
Faz gosto trabalhar com ele!
Não dá esmola a ninguém,
e não visita a casa da Mãe,
para ela não visitar a dele!
Estou arranjado!
E que fome, meu Deus!

NEVINHA *aparece na porta.*

NEVINHA

Psiu!



SIMÃO

Cale a boca, mulher! Cuidado!

NEVINHA

Eu estou morrendo de fome, Simão!
A boca chega secou!

SIMÃO

Se companhia consola,
console-se, que eu também estou!
Lá dentro da casa do homem, não tem é nada!
Procurei por todo canto!
Mas, meu Deus, que é que estou vendo?
Repara o que está ali!
É um pacote do patrão!
O que será que tem dentro?
Menino! É uma galinha assada
e um queijo-do-reino!
Vê que beleza, Nevinha!
Vamos esconder o queijo
para comermos depois,
numa hora de aperto!
Isto! Pronto, viva! Agora,
vamos comer a galinha!

NEVINHA

Cuidado! Lá vem Seu Aderaldo!

*Esconde-se. SIMÃO, apressadamente, esconde a galinha, no mesmo lugar em que escondeu o
queijo. Entra ADERALDO.*

ADERALDO

Mestre-Sala! Simão!

SIMÃO

Pronto, Dom Aderaldo! Pronto, patrão!

ADERALDO

Onde é que está o pacote
que eu trouxe da rua?

SIMÃO

Um pacote? E o senhor veio com um pacote?
Vi não!

ADERALDO

Não viu, o quê! Deve ter caído por aqui!

SIMÃO

Era dinheiro?

ADERALDO

Não, era uma galinha e um queijo-do-reino!
Certamente caiu aqui
quando eu briguei com os Vaqueiros!

SIMÃO

Não tinha nada aqui não!
Pacote, se o senhor trouxe,
entrou em casa com ele!

ADERALDO

É possível? Já procurei
em todo canto, por lá!

SIMÃO

Entre e procure de novo,
porque aqui não ficou não!

Voz de MIGUEL, fora.

Ai! Ai, meu Deus!

SIMÃO

Danou-se, patrão! Que terá sido isso?
Parece voz de mal-assombrado!

ADERALDO

Eu não tenho nada a ver com santo,
nem com alma, nem com mal-assombrado!
Não acredito em nada disso,
nem gosto de empregado meu
assombrado, medroso e compadecido!
Agora, mesmo que seja um mal-assombrado,

se o que ele vem é trazer meu queijo,
aí será bem recebido!
Vá ver quem é, Mestre-Sala!

Aparece MIGUEL, como mendigo, e com máscara de cego. Talvez seja conveniente usar apenas uma meia máscara, para não prejudicar a emissão da voz; e, se possível, é melhor que ele só coloque a máscara quando já estiver à vista do público, para que este logo o reconheça.

MIGUEL

Ai, meu Deus! É possível que eu não ache, neste mundo,
uma pessoa bondosa, uma pessoa que preste?
Ai, minha Nossa Senhora! Me dê uma esmola,
pelo amor de Deus e de todos os anjos
e santos da corte celeste!

SIMÃO

Quem é você? Que é que há, meu velho?

MIGUEL

Sou um velho cego! Tenho um olho furado,
estou no fim da vida,
e peço uma esmola, pelo amor de Deus!

SIMÃO

Ai, patrão! Patrão, pelo amor de Deus!

ADERALDO

Que é, Mestre-Sala? Achou meu pacote?

SIMÃO

Não!

ADERALDO

Então, não interessa! Você tem que se pautar
por minha lei e minha escola!

SIMÃO

Mas Dom Aderaldo, é um velhinho, cego,
que está pedindo uma esmola!

ADERALDO

Dou nada, oxente!

SIMÃO

Mas patrão, é a coisa mais horrível,
mais triste deste mundo!
Faça uma exceção na sua lei!
Ele tem um olho furado!

ADERALDO

Oxente, e fui eu que furei?
Diga a ele que não estou!
Não, tem melhor:
diga a ele que venha aqui

para eu furar o outro olho,
que aí eu fico devendo alguma coisa a ele
e dou!

Mas assim, sem nada, não!

Vai desequilibrar meu orçamento!

SIMÃO

Mas patrão, como é que eu vou dar um recado desse
a um velho cego que pede esmola?

ADERALDO

Simão Mestre-Sala, seu serviço é esse!

Vá se virando como puder,
eu não tenho nada com isso!

Vou, é atrás do meu pacote!

Entra em casa.

SIMÃO

Meu velho, não posso lhe dar esmola não,
que vai desequilibrar o orçamento do patrão!

Olhe, eu sou somente empregado:

foi o patrão quem disse, não sou eu não!

Eu só fiz foi trazer o recado!

MIGUEL

Como é?

SIMÃO

Foi ordem do meu patrão!
Ele disse que só lhe dava esmola
se tivesse sido ele quem furou seu olho.
Foi ele quem disse, não sou eu não!

MIGUEL

Vá ver que foi você, mesmo, quem inventou,
com preguiça de ir lá dentro
perguntar se tinha esmola!

SIMÃO

Foi não, velhinho, foi ele!
Eu ia lá inventar uma história dessa!
Ele não dá esmola a ninguém
e não visita a casa da Mãe
que é para ela não visitar a dele!
Só você vendo, pra saber quem é aquela peça!

MIGUEL

Ah, é assim? Pois então esse peste
vai perder quem ainda lutava por ele!
O Diabo do inferno que persiga
esse miserável, na comida,
na bebida, no estudo, na dormida,
de noite, de dia
e no pino do meio-dia!

Sai.

SIMÃO

Patrão! Patrão!

ADERALDO, *aparecendo à porta.*

Que é, Simão?

SIMÃO

Ai, patrão, pelo amor de Deus!
O velho rogou-lhe a pior praga
que eu já vi outro rogar a um cristão!

ADERALDO

E daí?

SIMÃO

Patrão, o senhor pergunta *e daí?*
Olhe o castigo do Céu!

ADERALDO

O castigo do céu! Olhe a besteira dele!
Eu pensei que era coisa de importância,
que você tinha achado meu pacote!

SIMÃO

Patrão, o senhor não tem medo
de castigo e de praga não?

ADERALDO

Simão,
praga não pega em rico não,
só pega em pobre, que é quem tem de pagar!
E eu, já estando rico de novo,
tenho dinheiro pra comprar a terra, o céu e o mar!

SIMÃO

Ave-Maria! Nossa Senhora!
São Bento! São Simão Zelote!

ADERALDO

O que é? Estão aí, esses santos todos, é?
Se estão, pergunte se eles viram meu pacote!

Entra em casa.

SIMÃO

Nevinha! Nevinha!
Chega, mulher! Vamos comer a galinha!

NEVINHA, *aparecendo.*

Cadê Seu Aderaldo, foi embora?

SIMÃO

Foi!

NEVINHA

Foi procurar o pacote, não foi?

SIMÃO

Foi, é nossa hora!
Enquanto ele procura lá dentro,
a gente come aqui fora!
Tome lá!

NEVINHA

Ai!

Esconde-se de novo. Entra ADERALDO, sem que SIMÃO veja.

SIMÃO

Está com medo? Come, Nevinha!
Ai!

ADERALDO

Epa! Solte essa galinha!
Largue já o que é meu!

SIMÃO

Espere aí, Seu Aderaldo! Que história é essa?
Vá pra lá, o negócio não é
como o senhor está pensando não!
Que é isso?

ADERALDO

Que é isso, o quê?
Me dê minha galinha, ladrão!

SIMÃO

Que ladrão que nada, patrão!
Essa galinha eu achei aqui, no chão!

ADERALDO

É do pacote que eu estava procurando!
Me dê, é a última vez que lhe falo!

SIMÃO

Patrão, essa galinha é minha
e dela eu não abro mão!
Do jeito que anda a situação,
galinha está tão caro
que, no caminho em que se vai,
daqui a uns tempos
só quem vai poder comer galinha é o galo!

ADERALDO

Deixe de conversa! Cadê minha galinha?
Esta é a galinha do meu pacote!
Cadê ela?

SIMÃO

Sua galinha? Quem? Dona Clarabela?

ADERALDO

Não tente me atrapalhar!

Cadê o queijo que estava com ela?

SIMÃO

Ah, isso eu não sei não!

Aqui só tinha a galinha!

Certamente seu pacote

se desfez, aí, aos poucos,

o senhor não pressentiu,

o queijo caiu na rua

e a galinha por aqui!

ADERALDO

Não! Deve ter sido

quando eu puxei o revólver!

O queijo deve estar por aí!

*Sai, procurando. Entra SIMÃO PEDRO, como velho mendigo, e de modo parecido com o de
SÃO MIGUEL. Bate palmas, no limiar.*

SIMÃO PEDRO

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

SIMÃO

Para sempre seja louvado!

ADERALDO

E meu queijo seja encontrado!

SIMÃO

Patrão, acabe com essas brincadeiras de heresia
senão o senhor se estraga! Ai!

SIMÃO PEDRO

Uma esmola pelo amor
de Nosso Senhor Jesus Cristo!

SIMÃO

Ai, patrão, pelo amor de Deus!
É o velho mais feio
que eu já vi em minha vida!
Em nome do Pai, do Filho, da Filha,
da Mãe, da Raça toda!

ADERALDO

Vá ver o que é que ele quer, Simão!

SIMÃO

Meu velho, o que é que você quer?
Ave-Maria, que cara! Em nome do Pai,
do Filho, da Filha, da Mãe, da Prima,
da Cunhada, da Raça toda!

SIMÃO PEDRO

O quê? Que casa é essa, em que se falta
com o respeito às coisas de Deus?

SIMÃO

E eu faltei, lá, com o respeito
às coisas de Deus?

SIMÃO PEDRO

Como foi que você disse, aí quando me viu?

SIMÃO

Eu disse “Em nome do Pai,
do Filho, da Filha, da Mãe,
da Prima, da Cunhada e da Raça toda!”
O Pai, é Deus. O Filho, é Jesus Cristo.
A Filha, é Nossa Senhora que,
como nós todos, é filha de Deus.
A Mãe é ela também que, como ela só,
é mãe de Deus. A prima, é Santa Isabel.
A cunhada é aquela Maria, casada
com um primo-irmão de Jesus Cristo.
E a Raça toda é a raça de Nosso Senhor,
desde Abraão, Jacó e Davi até ele!
Faltei com o respeito às coisas de Deus?

SIMÃO PEDRO

Não, xarapa! Faltou não!

SIMÃO

O que é que há, meu velho!

SIMÃO PEDRO

O que há, é que sou um velho sozinho no mundo,
com cinco filhos com fome
e que faz três dias que não come!
Me dê uma esmola pelo amor de Deus!

SIMÃO

Ai, patrão, pelo amor de Deus!

ADERALDO

Lá vem ele com a piedade dele!
O que é, Simão?

SIMÃO

É um velho, sozinho no mundo,
com cinco filhos com fome
e que está pedindo uma esmola!

ADERALDO

Oxente, dou nada!
Se ele tem cinco filhos,
como é que está sozinho no mundo?
Que mentira mais danada!

SIMÃO

Mas patrão, faz três dias que ele não come!

ADERALDO

Se é por isso, deixe disso!
Ele não come porque não tem o que comer!
Em muito pior situação
estou eu, que não como tendo um queijo
que ganhei com o suor do meu rosto
e que perdi! Diga que não dou não!
Não dou esmola a preguiçoso não!

SIMÃO

Meu velho, não pode ser não!
Vá procurar, por aí, um lugar
onde rachar lenha, que aqui não se dá
esmola a preguiçoso desocupado não!
Foi o patrão quem disse, não sou eu não!

SIMÃO PEDRO

Ah, é assim o seu patrão?
Pois então diga a ele
que a situação dele
está piorando cada vez mais!
O Diabo do inferno que persiga
esse miserável na comida,
na bebida, no estudo, na dormida,
de noite, de dia
e no pino do meio-dia!

Sai.

SIMÃO

Patrão, abra o olho! Olhe o fogo eterno!
O velho disse que o Cão
carregasse o senhor para o Inferno!

ADERALDO

E eu me incomodo, lá com isso!
Você pensa que isso me abala?
Eu acredito, lá, em besteira,
Simão Mestre-Sala?
Eu sou um homem emancipado!
Só acredito no que gosto
e só gosto do que é meu!
Eu sou um sujeito que, hoje em dia,
só acredito que existe, mesmo, eu!
Vocês vivem com uma besteira
de Inferno e Céu!
Olhe, Simão: da minha cabeça pra cima
eu só acredito, mesmo, em chapéu!
E olhe lá: do meu chapéu pra cima
pra mim não existe nada,
e, se existir, é podre!
Entendeu como é a história, Simão?

SIMÃO, falando para o Céu.

Foi ele quem disse, não fui eu não, viu?

Enquanto os dois falam, SIMÃO PEDRO acha o queijo e, dando mostras de satisfação, foge com ele. QUEBRAPEDRA, FEDEGOSO e ANDREZA aparecem no limiar e dão alguns espirros e

bodejados.

OS DIABOS

Bé-é-é! Puf! Puf!

Desaparecem.

ADERALDO, *ouvindo, mas sem vê-los.*

Xô, bode! Onde é que está esse bode?

Você ouviu o bode, Simão!

SIMÃO

Não ouvi nada, patrão!

Aparece MANUEL CARPINTEIRO, também como mendigo e também com máscara, como os outros dois.

MANUEL CARPINTEIRO

Ai! Um pobre velho com não sei quantos filhos
pede uma esmola, pelo amor de Nossa Senhora!
Faz três dias que eu não como!

SIMÃO

Ai, patrão, por Nossa Senhora!
Desta vez, dê!

ADERALDO

Ah homem duma piedade mais sem jeito!
Que é, Simão?

SIMÃO

É um velho que faz três dias que não come
e tem não sei quantos filhos para dar de comer!

ADERALDO

Me diga uma coisa: eu sou o pai dos filhos dele?
Diga a ele que me mostre a certidão,
ou então um documento provando que eu dormi
com a mulher dele, que aí eu dou!

SIMÃO

É, o senhor é um sujeito lógico e decente!
Se não foi o senhor que pariu os meninos,
não tem nada com isso, ele que sustente!

ADERALDO

Vá lá, bote esse velho pra fora
e me afaste esses mendigos!
Não já lhe disse que esse é meu desejo?
Empreguei você foi pra isso
e o que eu quero é o meu queijo!

Volta a procurar o queijo.

SIMÃO

Olhe aqui, meu velho, não pode ser não!
Aqui não se dá esmola
a quem não trabalha não!
Foi o patrão quem disse,
não sou eu não!
Ele disse que você arranjasse uma certidão,
provando que ele tinha dormido com sua mulher
que aí ele tinha obrigação.
Doutro jeito, não!

MANUEL CARPINTEIRO

Está bem, ele mesmo é quem escolhe!
Depois não se queixe quando as forças do Mal
envenenarem as fontes de água pura de sua vida,
e o Diabo venha pegá-lo, na comida,
na bebida, no estudo, na dormida,
de noite, de dia
e no pino do meio-dia!

Sai. ADERALDO dá um grito e desmaia.

SIMÃO

Eita, que, com esta, deu a macaxeira
na canela do patrão!
Seu Aderaldo! É Simão!
Acorde! Seja homem
como sua mãe foi! Não acorda não!
Vamos aproveitar, Nevinha!
Já que o homem teve essa biloura,
essa branquinha,
vamos aproveitar e comer a galinha!

NEVINHA *reaparece, mas* ADERALDO *geme e ela se coloca por trás.* SIMÃO, *por gestos,*
manda que ela se mantenha à parte.

ADERALDO

Mestre-Sala!

SIMÃO

Estou ouvindo não!

Chamando assim, eu não ouço não!

ADERALDO

Simão Mestre-Sala! Simão!

Joaquim Simão! Seu Joaquim Simão!

Dom Joaquim Simão!

SIMÃO

Ah, assim, sim!

Que é, Seu Aderaldo?

ADERALDO

Estou me sentido mal!

Estou ruim, Simão!

Oi, Nevinha está aqui?

SIMÃO

Chegou agora mesmo, veio atrás de mim!

Que foi que houve,

para o senhor desmaiar assim?
Foi a praga do velho?

ADERALDO

Foi nada, Simão!
Foi que perdi um botão!

SIMÃO

De ouro?

ADERALDO

Não, de osso!
Fui olhando o paletó,
faltava o botão!
Tive um choque tão grande
que me deu aquela dor no peito
e eu caí no chão!
Simão, os bodes estão berrando!

No limiar, os DIABOS dão bodejos.

SIMÃO

Não tem bode nenhum aqui não!
Acho que é o senhor
que ainda está meio zozó!

ADERALDO

E cadê minha galinha?

SIMÃO

Sumiu-se, acho que aquele último velho
levou a penosa com ele!

ADERALDO

O quê? Ladrão! Pega o ladrão!
Minha raiva é tanta
que até melhorou meu mal-estar!
Vou à polícia, dar queixa,
mas meu botão você é quem vai achar!

SIMÃO

Mas um botão, Seu Aderaldo?
Onde foi que o senhor perdeu esse botão?

ADERALDO

Por aí, na rua, na praça... Sei não!

SIMÃO

E como é que eu vou encontrar?

ADERALDO

Você varre a rua e a praça, Simão,
passa a terra na peneira
e encontra meu botão!

SIMÃO, *irônico*.

Ah, eu varro a rua toda,
passo a terra na peneira
e encontro seu botão...
Me diga uma coisa, patrão:
sua Mãe inda é viva, não é?

ADERALDO

É!

SIMÃO

Pois mande ela procurar, viu?
Eu não vou não!

ADERALDO

O quê? Você não vai não?

SIMÃO

Vou nada! Você precisa saber, meu velho,
que aqui é Joaquim Simão,
poeta macho até o osso,
e que não sofre humilhação!
Enchi, com essa do botão!
Prefiro perder o emprego,
aqui, na mesma hora!
Me dê minhas contas,
que eu quero é ir me embora!

ADERALDO

Suas contas, atrevido?
Não há dificuldade nenhuma!
Sua conta já está calculada!
Com quanto você chegou aqui?

SIMÃO

Com nada!

ADERALDO

E quanto tem agora?

SIMÃO

Nada!

ADERALDO

Pois quem de nada tira nada
é nada!
Eu não lhe devo coisa nenhuma!
Puxe por ali!

Entram QUEBRAPEDRA, FEDEGOSO e ANDREZA, dando bodejos.

FEDEGOSO

Chegou a hora das trevas,
chegou a hora do sangue,
do lodo e dos esqueletos!

QUEBRAPEDRA

É a hora do morcego,
do sapo e do bode preto!

ANDREZA

É a hora do castigo
para o servo do pecado,
pro teto de sua casa,
pra telha do seu telhado.

OS TRÊS

É hora, seu desgraçado!
É hora, Seu Catação!

SIMÃO

Ai, Seu Aderaldo!
Chame por Nossa Senhora e corra!
Corra, que é o Cão!

Corre, com NEVINHA. Ouve-se sua voz, fora, repetindo as últimas palavras.

ADERALDO

Olhe a besteira de Simão!
“Corra, Seu Aderaldo! Corra, que é o Cão!”
É o Cão nada, é um bode! Que Cão que nada!
Não existe o Cão! Isso é coisa medieval e superada!

FEDEGOSO, aproximando-se dele aos poucos.

Bé-é-é! Puf, puf!

ADERALDO

Xô, bode! Ai! Que é isso?
Ô bode feio dos seiscentos diabos!
Xô, bode!

FEDEGOSO, *dando poupas e traques, como jumento ruim.*

Bâ-â-â! Puf, puf!

ADERALDO

Xô, bode!

FEDEGOSO

Xô bode? Xô bode, o quê?
Você sabe quem sou eu, catिंगoso?

ADERALDO

Parece aquele Vaqueiro que passou por aqui!
Você não é o Vaqueiro?
Você não é o Fedegoso?

FEDEGOSO

Fui eu que, disfarçado de Frade,
roubei, aqui, seu dinheiro
que você pensava que era eterno!
Fui também o vaqueiro Fedegoso!

Mas sou, mesmo, é um Diabo do inferno,
o Diabo em que você não acreditava
e que veio agora buscar você!

ADERALDO

Eu...

FEDEGOSO

Calado aí, viu? Não se admire não!
Seu nome estava anotado em meu caderno!
Aqui, eu me chamava Fedegoso,
mas eu sou é o Cão Coxo,
um dos secretários do Cão Chefe do Inferno!
Bâ-â-â! Puf, puf!

ADERALDO

Mas é que eu...

FEDEGOSO

Calado, aí! Calado!

ADERALDO, *de lábios quase fechados.*

Estou calado, não falo mais não!

ANDREZA

Chegou a hora da Porca

que amamenta seus Morcegos
com leite da Sapa podre!
É a hora desgraçada
da infâmia e da desordem,
do fogo que queima o sangue,
da demência alucinada!

ADERALDO

Andreza!

ANDREZA

Andreza? Andreza, o quê?
Está falando com a Cancachorra,
a Diaba de leite preto,
do sangue e da confusão,
que aleita um Bode e um Macaco
no Lugar da Solidão!

ADERALDO

Mas vocês não viviam comigo,
andando e conversando por aqui,
na maior animação?

QUEBRAPEDRA

Vivíamos! E daí? Está lembrado de mim?
Sou o calunga de caminhão,
mas falando a sério, mesmo,
você está, agora, é com o Cão Caolho!
Este mundo é assim: tem a cara
que todo mundo vê e outra diferente!

É porta do Sagrado luminoso
e porta do sagrado que é demente!
E assim também é o homem,
estrada doida e pouso da viagem,
por onde passam Anjos e Demônios,
sem que ele se dê conta da passagem!
Você não se lembra do velho do olho furado
que passou por aqui, pedindo esmola,
e a quem você enxotou?

ADERALDO

Me lembro!

QUEBRAPEDRA

Pois aquilo era São Miguel!

ADERALDO

Meu santo Céu!

QUEBRAPEDRA

Você não se lembra daquele outro
que tinha cinco filhos
e dizia que vivia sozinho?

ADERALDO

Me lembro!

QUEBRAPEDRA

Pois aquilo era São Pedro!

ADERALDO

Aí, que medo!



QUEBRAPEDRA

Você não se lembra do último que passou,
que dizia que tinha não sei quantos filhos
e a quem até um pão você negou?

ADERALDO

Me lembro!

QUEBRAPEDRA

Pois aquilo era Aquele,
filho daquele Outro
que, junto com Ele e com Outro,
fazem Um e fizeram o mundo!

ADERALDO

Como é? Era Aquele, filho do Outro...

ANDREZA

O Pai!

ADERALDO

Que junto com Ele...

FEDEGOSO

O Filho!

ADERALDO

E com Outro... O Espírito Santo...
fizeram o mundo...
Era Jesus Cristo, então?

QUEBRAPEDRA

Foi você quem disse, nós não!
Nós não dizemos esse nome!

FEDEGOSO

Como chefe desta patrulha do Inferno,
vim avisá-lo: você e sua mulher, Clarabela,
só têm sete horas de vida!
Dentro de sete horas,
venho buscar você e ela!
Se, daqui até lá, você achar
quem reze, por vocês dois,
um Pai-Nosso e uma Ave-Maria,
apesar de todos os nossos feitiços e encantos
vocês escapam, por causa
da Comunhão dos Santos!
Se não acharem,
vão para a infâmia da solidão,
do sofrimento no fogo
queimoso e amaldiçoado!

ADERALDO

Estou atolado!
Clarabela! Clarabela!

Entra em casa, correndo. Entram MANUEL CARPINTEIRO, MIGUEL ARCANJO *e* SIMÃO PEDRO.

MANUEL CARPINTEIRO

Temos que fazer aqui uma pequena conversa,
o que o cavalheiro há de compreender,
porque ela se destina a enrolar o público
enquanto as sete horas passam.
Que fim o cavalheiro sugere?
Deixo o Rico ir para o inferno?

SIMÃO PEDRO

Ir, mesmo, ele devia
era para o fogo eterno!
Mas, como afinal de contas,
a história está sendo contada por Simão,
é melhor que ele não se meta a julgar ninguém,
mesmo num caso como esse, de mistura
de avareza e safadeza,
capitalismo e ateísmo!

MIGUEL

Não vamos, então, julgar!
O Poeta limita-se a mostrar
e é melhor não tirar o ineditismo!

MANUEL CARPINTEIRO

Está bem. E por falar em *tirar*, São Pedro,
onde foi que você arranjou esse queijo?

SIMÃO PEDRO

Esse queijo estava ali, atrás de uma pedra.
Eu estava andando por aqui e encontrei.
Para lhe ser franco, Senhor, ele é do rico.
Mas eu estava com uma fome da gota-serena:
achei o queijo aqui, levei!

MANUEL CARPINTEIRO

Mas rapaz, isso estará certo?

SIMÃO PEDRO

Acho que está!
Seu Aderaldo é rico.
Eu, agora, aqui no mundo,
valho um pobre igual aos outros.
Estou com fome, achei o queijo,
acho que posso ficar!
São Tomás de Aquino diz, em algum lugar,
que até à revolução os homens têm direito,
desde que ocorram três coisas:
possibilidade de vitória,
tirania insuportável
e impossibilidade de conseguir o direito
legítimo pelos meios legais.
Que é que o senhor quer mais?

MANUEL CARPINTEIRO

Você e São Tomás, todos dois
já passaram pela morte!
Estão, todos dois, no Céu!
Mas, então, já que a teoria é essa,

reparta o queijo comigo e com Miguel!

SIMÃO PEDRO

Nossa Senhor, eu vou lhe ser franco:
com a fome com que estou, é tudo ou nada!
Prefiro apostar na sorte!

MANUEL CARPINTEIRO

Então vamos fazer o seguinte:
enquanto a história do Rico e do Poeta continua,
a gente vai ali dormir um sono e sonhar!
Quem tiver o sonho mais bonito
fica com o queijo todo, está bem?

SIMÃO PEDRO

Está!

MANUEL CARPINTEIRO

Então, vamos. Quanto a vocês, faz de conta
que só faltam dez minutos
pra passar as sete horas.
Lá vêm os réus, com os Diabos!

Saem. Entram ADERALDO e CLARABELA.

ADERALDO

Sabe que o negócio, para o nosso lado,
está arruinando?

Não achei ninguém para rezar
e o prazo está se esgotando!

CLARABELA

Já sei uma solução:
eu rezo por você e você reza por mim!

ADERALDO

O Cão disse que só serve outra pessoa!

CLARABELA

Minha Nossa Senhora!
Quem quer rezar, aí, um Pai-Nosso
e uma Ave-Maria por nós dois?
Deus meu!
Em último caso, rezem por mim
e deixem Aderaldo,
que sempre foi pior do que eu!

ADERALDO

Você é besta, Clarabela? Quem reza por mim?
Vejam que o dono do dinheiro sou eu!
Dou dez contos por um Pai-Nosso
e cinco por uma Ave-Maria!
Ninguém quer? Vinte e quinze! Rapaz!
Cem e cinquenta! Danou-se!
O negócio está arruinando cada vez mais!

CLARABELA

Mas será que essa história do Demônio
é verdade, mesmo, Aderaldo?
Será verdade, mesmo, essa história
de Deus e Demônio, de bem e de mal?
Que coisa mais anacrônica?
Que filosofia mais medieval!

ADERALDO

Anacrônica, é? Medieval, é?
Pois olhe aí pra trás de você
que você vai ver!

Os três DIABOS estão por trás dela, silenciosos.

CLARABELA

Ai!

FEDEGOSO

As sete horas se passaram,
vocês estão desgraçados!
Bâ-â-â! Puf, puf!

ADERALDO

Ai! Pra todo lado que me viro
tem um urubu de Morcego me olhando!
Ai! Ai!

ANDREZA

A mulher, quem leva sou eu!
Vai pelos cabelos! Leva! Caça!

FEDEGOSO

Torra! Queima! Assa!

ADERALDO

Eu já vi que vou mesmo! Ai!

CLARABELA, *indo*.

Aderaldo, me acuda! Ai!

ADERALDO

Me acuda, uma peida! Eu estou indo com você!
Minha gente, adeus! Dê lembranças aos capitalistas,
aos reacionários, aos entreguistas,
aos que não querem a grandeza nacional
nem a justiça social!
Diga que eu estou esperando por todos eles
no Poço do Pau-com-Pau
que é o terceiro círculo de fogo
do Caldeirão infernal!

Saem, carregados pelos DEMÔNIOS.

Aparecem SIMÃO e NEVINHA.

SIMÃO

Seu Aderaldo! Dona Clarabela!

Oxente! Onde é que está esse povo?
Ninguém dá um pio!
Estou achando o lugar tão soturno!

NEVINHA

Eu também!
Aconteceu alguma coisa aqui!
Chega estou sentindo um arrepio!

Aparece FEDEGOSO, dando bodejos.

SIMÃO

Ai, que a cabrita preta voltou!

FEDEGOSO

Bâ-â-â! Puf, puf!

SIMÃO

Vá pra lá, viu, desgraçado?
O negócio, comigo, é diferente!
Cadê Seu Aderaldo?

FEDEGOSO

Esse já está lascado!
Está sendo levado agora mesmo,
com Clarabela,
para o Poço do Pau-com-Pau,
o lugar mais fedorento do Inferno!

E você vai também,
porque foi amante dela!

SIMÃO

Eu fui, mas me arrependi!

FEDEGOSO

Mas vai! Vai na mesma carrada!

SIMÃO

Vou nada!

FEDEGOSO

Vai, e sua mulher vai também!

SIMÃO

Agora é que eu sei que não vou mesmo!
Eu, inda podia ser, mas Nevinha?
Nevinha é gente fina,
não pode ir de jeito nenhum!
Se Nevinha for por Inferno,
é da vez que o Inferno cai!

FEDEGOSO, *tentando agarrá-lo.*

É? Então você vai!

NEVINHA

Simão!

SIMÃO

Espere lá, rapaz! Vai pra lá!
Vai pra lá, que o negócio
comigo é diferente! Sabe quem sou eu?
Aqui é o poeta Joaquim Simão!
Minha lei é: “Escreveu, não leu,
o cacete comeu!”

FEDEGOSO, *dando-lhe um bote.*

Você vai comigo e é já!
Bâ-â-â! Puf, puf!

NEVINHA

Cuidado, Simão!

SIMÃO

Não tenha medo não, Nevinha,
que, comigo, é na bolacha!
Tome! Isso aí é a passagem do ônibus, viu?
Agora, tome o troco!

Dá-lhe duas bolachas, com as duas mãos fechadas, no alto da cabeça. Entra QUEBRAPEDRA.

QUEBRAPEDRA

Bê-ê-ê! Puf, puf!

SIMÃO

Ôi, vem outro, é? Não disseram
que estavam carregando Seu Aderaldo?

QUEBRAPEDRA

Seu Aderaldo ficou, amarrado com a mulher,
os dois vigiados pela Cancachorra,
já bem perto do Inferno,
e eu vim para ajudar!
Bê-ê-ê! Puf, puf!

SIMÃO

Vá pra lá! Vá peidar pra lá!
Não venha não, que você se estraga!
Dou-lhe uma chapuletada tão da gota
que você se caga!
Eita, parece que eles estão me agarrando?
Valei-me São Pedro, meu padroeiro!

Entra SIMÃO PEDRO.

SIMÃO PEDRO, no ritmo da embolada.

Xarapa velho,
me sustente essa parada
com essa gente desgraçada
que eu cheguei para ajudar!
Brigue de lá
que eu, de cá, na confusão,

é Simão e outro Simão,
e o Diabo vai se lascar!

NEVINHA

Simão, vá aguentando o repuxo aí,
que aqui chegou um homem
com vontade de ajudar!

FEDEGOSO

Vá em cima daquele, Cão Caolho!
Eu levo Simão!

QUEBRAPEDRA *se agarra com* SÃO PEDRO.

SIMÃO PEDRO

Eu não vou não!

SIMÃO

Nem eu! Vai pra lá! Danou-se!
Parece que eu estou indo?
Sabe que eu não vou, mesmo?



NEVINHA

Ai, meu Deus! Simão!

SIMÃO

Os pestes estão me carregando!
Desarreda, viu?
Ai, que o negócio está se apertando!

SIMÃO PEDRO

Pro lado de cá também!
Desarreda, viu, Seu Cão?
Desarreda, que eu não vou!
Desarreda, que eu não vou!
E desarreda, que eu não vou!
Parece que eu estou indo?
São Miguel!

Toca uma corneta e entra MIGUEL, com espada e lança.

MIGUEL

Desaba, canalha! Acaba essa confusão!
Desarreda tudo quanto é de Diabo, aí,
que este aqui é São Miguel
e esse aí é o Príncipe dos Apóstolos,
o Chaveiro do Céu!
Acaba com confusão,
que o outro é o protegido dele,
o poeta Joaquim Simão!
Aqui estou, com minhas legiões,
meus mensageiros de fogo,

meus pássaros de Sol, meus Gaviões,
meus Anjos, meus Arcanjos,
meus Serafins e Querubins,
meus Tronos, Potestades e Dominações!

FEDEGOSO

Ai! Corre, que é São Miguel!

MIGUEL

Corre, canalha! Carga!
Carga de cavalaria nessa canalha!
São Jorge, cerque por lá,
que eu garanto a retaguarda
pelo lado de cá!

Sai correndo, atrás dos demônios. Um estouro. As luzes se apagam e depois acendem.

SIMÃO PEDRO

O negócio estava preto, xarapa,
mas São Miguel entrou de chapa!
A especialidade dele é essa:
é cada pisa no Diabo
que o Diabo fica empenado!
Agora, estou com pena é desses dois desgraçados,
Dona Clarabela e Seu Aderaldo!
Serem carregados para o Inferno
por falta de um Pai-Nosso
e de uma Ave-Maria! É danado!

SIMÃO

É mesmo! Coitado de Seu Aderaldo!
Tão ordinário e ser condenado assim!
Mas será que eles foram, mesmo?

SIMÃO PEDRO

Estão sendo! Andaram fazendo, aqui,
aquelas besteiras,
o Cão pôde chegar perto deles
e deu um prazo.
Dona Clarabela e Seu Aderaldo
não encontraram quem rezasse por eles,
e foram condenados!

NEVINHA

Mas será que o prazo
já está, mesmo, esgotado?

SIMÃO PEDRO

Não sei! Que horas são?

NEVINHA, *olhando um relógio.*

Tantas horas.

Diz a hora verdadeira.

SIMÃO PEDRO

Ainda faltam dois minutos!

NEVINHA

Vamos rezar, Simão!

SIMÃO

Não dá tempo não!

SIMÃO PEDRO

Aí é que eu quero ver!

Se vocês estiverem treinados, mesmo,
dá tempo!

NEVINHA

Corre, Simão! Tira, que eu entro!

SIMÃO

Ai, meu Deus, já estou atrapalhado.

Qual é o Pai-Nosso? É aquele que fala em Pilatos?

NEVINHA

Não, aquele é o Credo! Vai, Simão!

SIMÃO

Ah, já me lembrei! Pai nosso etc.

NEVINHA

O pão nosso etc.

SIMÃO

Ave Maria etc.

NEVINHA

Santa Maria etc.

SIMÃO PEDRO, *cronometrando*.

Puxa!

Dois minutos! Em cima da bucha!

Um estouro. As luzes se apagam e acendem. Entram MANUEL CARPINTEIRO e MIGUEL.

MANUEL CARPINTEIRO

Pronto! Olhem, provavelmente
o caso de Aderaldo e Clarabela
era de inferno, mesmo.

Como eu não sou o Cristo,
como apenas o represento,
acho que posso dizer assim:
o caso daqueles dois
não era nem de fundo de agulha;
acho que eles não passavam
era nem pelo fundo do camelo!

Mas, como eu não quero levar
o Poeta a julgar,
vamos supor que os dois
em vez de entrarem no Inferno,
em cuja porta já se encontravam,

caíram no Purgatório
onde já se instalaram.
Vão levar trezentos anos de tapa
e mais cinquenta de beliscão,
queimaduras e puxavantes de cabelo,
mas escaparam. E vocês, Simão?

SIMÃO

Nós? Eu e Nevinha vamos seguir viagem por aí!
Adeus, velha casa! Que teríamos nós
ainda a fazer aqui?

MANUEL CARPINTEIRO

E sua vida, Poeta? De que vai viver?
Como vai ser seu trabalho? Seu sustento?

SIMÃO

Ora, o senhor inda pergunta?
Carregar carga é pra jumento!
O que eu vou fazer
é escrever três folhetos arretados,
três folhetos chamados
“O Peru do Cão Coxo”, “A Cabra do Cão Caolho”
e “O Rico Avarento”.
Vendo tudo e é da vez que fico rico!
Rico e desocupado,
vivendo só de escrever,
de tocar e de cantar!
Quanto ao mais, meu programa
é o velho programa sonhado:
“Ô mulher, traz meu lençol,

que eu estou no banco, deitado!”

Sai, com NEVINHA, os dois abraçados.

MANUEL CARPINTEIRO

Muito bem! Siga em paz
o Poeta com sua Amada!
Sirvam Deus e à Igreja,
guardem amor, fidelidade,
se querendo sempre muito bem,
gozando gerações e gerações de paz
entre seus amigos e descendentes,
coisa que desejo a todos os que prestem,
agora e para todo o sempre!

SIMÃO PEDRO E MIGUEL.

Amém!

MIGUEL

Eu notei que o Poeta saiu
sem se espantar com nós todos
e com tudo o que aqui viu!

MANUEL CARPINTEIRO

Eu passei uma nuvem nos olhos dele
e também nos da mulher,
para que os dois se esquecessem
de todas as coisas escondidas e sagradas,
divinas e diabólicas que viram hoje, aqui!
Gostou?

MIGUEL

Gostei! Então, nosso trabalho terminou!
Você quase se desgraça, hein, São Pedro?

SIMÃO PEDRO

Quem, eu? Está doido! A briga estava ganha!

MIGUEL

Está conversando, homem!
Você quase que apanha!
Se eu não entro...

SIMÃO PEDRO

Mas é danado! Fiquei com a gota
porque você se meteu!
O Cão já estava de se matar de chapéu!
Mas, enfim, tudo terminou!
Até mais tarde, Nosso Senhor!
A gente se encontra já, no Céu!

MANUEL CARPINTEIRO

Espere!

SIMÃO PEDRO

Que é?

MANUEL CARPINTEIRO

E o queijo?

SIMÃO PEDRO

Ai, é mesmo!

Que esquecimento, esse meu!

Vamos ver os sonhos:

Nosso Senhor, com que sonhou?

MANUEL CARPINTEIRO

Eu sonhei com toda a Corte celeste:

o Santo e claro Nume resplendendo no meio,

as multidões de Santos,

os Anjos, por ali, a bendizê-las,

e todos — Anjos e Santos — adorando

o claro Amor que move o Sol e as estrelas!

SIMÃO PEDRO, *aplaudindo*.

Bonito! E São Miguel?

MIGUEL

Eu sonhei com as cortes infernais!

Com Satanás, o Arcanjo decaído,

luciferino, turvo e reluzente,

molhado e perseguido das estrelas,

sendo precipitado eternamente

no abismo desgraçado e alucinante,

e ali guardado, insone e sem remédio,

por uma legião de fogo e bronze

e por um Sol de trevas chamejantes!

SIMÃO PEDRO, *aplaudindo*.

Bonito!

MANUEL CARPINTEIRO

E você, São Pedro? Com que sonhou?

SIMÃO PEDRO

Eu sonhei que, enquanto Nosso Senhor
estava no Céu,
olhando a Luz celeste glorificada
e Miguel chefiando, como sempre,
a legião dos Arcanjos rutilantes,
para restaurar a ordem destroçada,
eu, pescador ignorante,
homem sem grandes sonhos e desejos,
ficava envergonhado de dar
a duas pessoas tão notáveis um objeto tão grosseiro como um queijo!
Então, sonâmbulo, como sempre fui,
acho que me levantei,
porque quando acordei,
tinha comido o queijo:
só estas cascas encontrei!

MANUEL CARPINTEIRO

Foi, de fato, o melhor sonho!
Eu só escolho certo:
quando escolhi este para Príncipe dos Apóstolos
e Chefe da Igreja,

foi porque sabia que o cabra era esperto!
Vamos, então, à moralidade!

MIGUEL

Os distintos cavalheiros e senhoras
tiveram moralidade, religião,
teatro, diversão,
aqui e ali um pouco de pavor,
aqui e ali um pouco de alegria!
Este é o produto que venho tentando passar
em benefício da nossa distinta freguesia!

SIMÃO PEDRO

Agora perguntarão:
“Quanto temos de pagar
por esse pedaço de alegria?”

MANUEL CARPINTEIRO

É o que vou dizer, lembrando que,
enquanto nossos concorrentes
cobram por um produto que, modéstia à parte,
é inferior ao nosso,
a importância de tanto...

Aqui, o ator acrescenta algum dinheiro ao preço da entrada.

...nós estamos cobrando
por este produto especial,
o melhor da praça,
a módica importância de tanto!
É de graça, cavalheiros, é de graça!

SIMÃO PEDRO

Há um ócio criador,
há outro ócio danado,
há uma preguiça com asas,
outra com chifres e rabo!

MIGUEL

Há uma preguiça de Deus,
e outra preguiça do Diabo!

MANUEL CARPINTEIRO

E então, a moral é essa,
que mostramos à porfia!

SIMÃO PEDRO

Viva a preguiça de Deus
que criou a harmonia,
que criou o mundo e a vida,
que criou tudo o que cria!

MANUEL CARPINTEIRO

Viva o ócio dos Poetas
que tece a beleza e fia!

MIGUEL

Viva o Povo brasileiro,
sua fé, sua poesia,

sua altivez na pobreza,
fonte de força e Poesia!
Viva Deus, viva seu Filho...

MANUEL CARPINTEIRO

E viva a Virgem Maria!

OS TRÊS

Mãe de Deus e nossa Mãe,
mãe do sonho e da alegria!

Recife, 18 de novembro de 1960.

A farsa da boa preguiça

Página do autor na Wikipédia

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ariano_Suassuna

Biografia on line do autor

<http://educacao.uol.com.br/biografias/ariano-suassuna.jhtm>

Entrevista com o autor no Programa do Jô

<http://www.youtube.com/watch?v=HVI-9IJ9KjQ>

Página do autor na academia brasileira de letras

<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=305>

Página do autor no Skoob

<http://www.skoob.com.br/livro/lista/Ariano+Suassuna/tipo:autor/>

Página do livro na Wikipédia

http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Farsa_da_Boa_Pregui%C3%A7a

Resenha do livro

<http://www.skoob.com.br/livro/resenhas/2651>

Peça baseada no livro

http://www.youtube.com/watch?v=AI_VeM9L_Jw

Crítica do livro

<http://teatrodissecado.blogspot.com.br/2009/04/critica-farsa-da-boa-preguica.html>